

Adelaide Petters Lessa

Vida e Morte



Verso e ré - Verso

Do poeta e prosador
Soares Feitosa,

minha Viagem
ao Adorável.

Adelaide.

2004-05

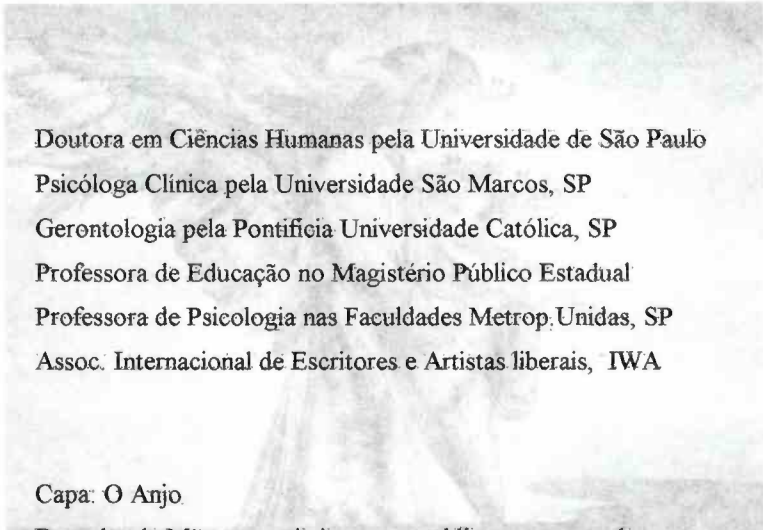
Adelaide Petters Lessa

Copyright ©2004 by

Adelaide Petters Lessa

Edição da Autora

Todos os direitos reservados



Doutora em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo
Psicóloga Clínica pela Universidade São Marcos, SP
Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica, SP
Professora de Educação no Magistério Público Estadual
Professora de Psicologia nas Faculdades Metrop. Unidas, SP
Assoc. Internacional de Escritores e Artistas liberais, IWA

Capa: O Anjo

Desenho de Mãe que artisticamente sublimou a morte de sua
Filha, Menina em vôo, rumo ao convívio com Seres Superlativos.

Resposta a um Crítico imaturo

- Abrir um livro teu é encontrar-se
com Deus, e Deus, e Deus...

Por que tão antiquado esse teu vinho
de tonéis de carvalho milenares ?

Até quando tu escreves com maiúscula
o que persegues, ébria, te persegue.

*- Não te enciumes se preciso d'Ele
para entender-te, amar-te, consolar-te*

*à luz de três arcanos, a santíssima
trindade de Beleza , Amor, Verdade.*

outubro 2000

A Porção Dobrada

Estava o portão da chácara sempre aberto. Se tinha chave, nunca foi vista. Ali se entrava pisando tijolos, resvaladiços em dias de garoa, assentados entre canteiros de gerânios opulentos, floridos de janeiro a dezembro. Os degraus cobriam-se de jasmins caídos aos gestos da brisa. Não havendo corrimão, bastava apoiar-se no tronco rugoso do jasmineiro que subia pela parede e do alto espalhava-se em doação de perfume

Na varanda de lajotas, um cesto de vime, repleto, cativante, esperava por um visitante que se despedia, ou por alguém faminto, que chegava batendo palmas, desculpas modestas, de quem não queria incomodar mas precisava pedir. No cesto, à entrada da sala de visitas, fiéis às estações, a casca dos abacates rebrilhava, as goiabas polpudas e perfeitas recendiam, as pencas de bananas São Tomé amadureciam para a oferenda discreta, em doçura tinta de alegria.

A porta da sala de visitas encantava quem chegasse, ou quem saísse, envidraçada de cima abaixo. Em cada pequeno caixilho, um cristal bisotê – azul, amarelo, verde, vermelho ou lilás – repetia o alvoroço das janelas, multicores.

Pisava-se por largas e longas tábuas do chão, em sua nobreza limpa, todas as manhãs clareadas à força de sabão e escova, onde botas de caçador e botinas de cavaleira, de quando em vez, repisavam a argila úmida das estradas.

A glória da mobília estava na mesa de centro, de mogno, severa e, entretanto, de aparência leve sobre seu elaborado tripé. A mesa deixara a Ilha inglesa, atravessara o Atlântico, viera da velha Albion para o Brasil. Descera em Iguape, então um porto que rivalizava com Santos. Sobre ela, viam-se o serviço de chá, de delicada porcelana *made in Britain*, o sóbrio lampião a querosene de manga alvíssima com friso que lembrava renda de margaridas. Sobre a mesa permanecia sempre a veneranda Bíblia, com sua fartura de reis, profetas e apóstolos, código de ação de emigrados protestantes.

Esther, a avó, sentava-se junto ao Livro Santo todas as tardes, os cabelos ainda grisalhos, presos atrás sobre a gola alta de seu longo vestido vitoriano, rejuvenescido pelo bordado inglês autêntico. Do bule ela vertia o chá da Pérsia, aromado com pétalas de rosas, comprado a marinheiros que faziam seu varejo no cais. Depois ela ajeitava os óculos de aro de ouro, sorvia o chá devagar e lia em silêncio, religiosamente, uma lição bíblica por dia, meditando nesta parábola ou naquele salmo, como se estivesse a sós na chácara de portas abertas e não ouvisse o dedilhado de sua filha ao piano e os chilreios de seus netos no pomar.

De olhos fechados, ela ouvia a música de seu Deus e Senhor palpitar desde o fundo de sua memória.- *E Elias disse a Eliseu : -Pede-me o que quiseres que eu te faça, antes que seja tomado de ti.-* (I Reis, 19 -16 a 19). - *E respondeu Eliseu: -Peço-te que haja porção dobrada de Teu espírito sobre mim.-* (II Reis, 2.9). Absorta, interiorizada, a avó pedia a seu Deus o que sempre queria:

uma porção dobrada de compreensão e gentileza. E a porção redobrava a cada leitura, a cada prece, a cada ano.

De súbito, a avó sentiu a presença de alguém á sua frente, antes que as tábuas do chão rangessem. Abriu os olhos e viu, desajeitado, o moço que se acercava da mesa de mogno e do bule de porcelana.. Se fosse parente, ela teria oferecido, na língua de sua pátria: - *Have a cup of tea...* Mas era Antonio Felipe, sem família e que não batia palmas. Ela fechou Eliseu entre os profetas e ofereceu uma xícara : - *Tome um chá quentinho...*

Ele sorveu de um gole o chá perfumado de flor, enquanto as mãos dela, rugosas, envelhecidas, protegiam a xícara frágil para voltar a pousá-la junto ao bule. O moço, parado sobre os pés úmidos, secou os lábios no ombro da camisa de algodãozinho, aberta no peito. Vestia uma calça que tinha sido branca, alinhavada à mão, franzida na cintura, larga e mole como um pijama. Falava pouco. Olhava para compreender. A avó pensou : - *Seu rosto ficou na infância, a mente parou em sensações e imagens.* - E perguntou-lhe :

- *Gostou do chá, Antonio Felipe ?*
- *Quentinho.*
- *Você andou muito ?*
- *Muito.*
- *Quanto tempo ?*
- *Noite e dia.*
- *Por onde você foi ?*
- *Pela praia.*
- *Onde você dormiu ?*

- Na praia.
- Até onde você foi desta vez ?
- São Vicente.
- O que você foi fazer ?
- Caixa de fósforo.

Com **porção dobrada** de compaixão, a avó notou a alegria do viandante compulsivo. Não era a primeira vez que Antonio Felipe andava do porto de Iguape ao de São Vicente, a pé, para comprar qualquer ninharia. Ele sumia durante semanas e voltava, de fato, com uma caixa de fósforos, nova, intacta, adquirida ou ganha em Santos, Praia Grande ou Peruíbe. Voltava, às vezes, com um chapéu de palha abandonado, uma lata vazia, um cachorrinho magro. Ou ia até Cananéia ou Pariqueira e voltava com algum canivete quebrado.

Antonio Felipe não passava da sala de visitas. Ia até o piano, sacudia a cadeira de balanço com o pé. Para evitar que se adentrasse pelos quartos, a avó o desviava para a porta multicor: - *Quer levar uns abacates para você comer ? Tire do cesto ali na porta, você vai gostar deles.*

Suavemente, Antonio Felipe, deficiente mental, era conduzido para a rua, com meia dúzia de frutas nos braços. A avó podia retornar à sua meditação de todas as tarde, sozinha outra vez, na sala da Bíblia do rei James, fiel a seus levitas, predadores e Cantares de Salomão.

O sol poente filtrava-se pelos cristais bisotê e a cal das paredes coloria-se de arco-íris em saudação à noite.

Embelezada pelo crepúsculo, a avó curvou-se em despedida ao sol, aceitando a bênção do Deus de Jó, *Aquele que fez a Ursa, o Órion, o SeteEstrelo e as recâmaras do sul. O que faz coisas grandes, que não se podem esquadrinhar, e maravilhas incontáveis. (Jó, 9.9 a 10)*

Depois vieram as grandes chuvas de janeiro a março. As terras encharcadas, o jardim, a horta, o pomar, batiam palmas de prazer como os montes de Davi (Salmos, 9.8) e de Isaías (55.12). O verde reverdecia, as copas alargavam-se estuantes, a seiva subia pelas veias vegetais, fecundando o verão para a colheita do outono.

Entre uma tempestade e outra, as crianças e os cães voavam para fora, procurando os balanços pendentes das mangueiras, com suas grossas cordas gotejantes. No ar limpo, festivo, as cantigas de Augusto, seu filho menino e as risadas das netas, Marytrue, Verônica e Sarah misturavam-se aos irrequietos filhos de Guess, o *setter*. Augusto recolhia abóboras molhadas para o cesto de vime. Na cozinha, a mãe das meninas, viúva, envolta em aromas, preparava doces em calda para as compoteiras. De pé, junto à policromia da porta da sala, Esther contemplava a folia das netas. Do caldo de sua memória brotavam comparações bíblicas :

-Augusto é madeira de cedro, rei menino Davi, crescendo para edificar o templo na Cidade Santa. Marytrue é harpa, alude e saltério para o louvor de Isaías a Deus. Verônica é benevolência, óleo de mirra com aloés para banhar os pés cansados do Messias, enxugar a Face

Divina. Sarah, esta é a macieira entre as árvores do bosque, a rola e a gazela, cacho de vide e favo de mel, morena toda formosa rosa de Sharon, Sulamita entre lírios.

Eram os Cantares de Salomão seu livro predileto? A avó desviou o olhar para o portão da chácara, sempre aberto, onde os cachorrinhos festejavam a chegada de Antonio Felipe. Ele reaparecia com a mesma calça de pijama manchada de terra. Estaria voltando de Registro ? De Sete Barras ? de Juquiá ? Mas ele só conversaria se provocado. Curvava a cabeça em cumprimento silencioso. Comparando, a avó ponderou consigo mesma: - *Ele é outra criança, é mais um cachorrinho para brincar na estiada. Antonio Felipe se parece com quem ?*

O pensamento dela não costumava dobrar pelas esquinas do desprezo ao outro. Sua memória, porém, era feita de vida e de Bíblia. Repentinamente, sem explicação, do arquivo das idades brotou a lembrança de um versículo do Gênese : - *Eis que os bodes que cobriam as ovelhas eram listrados, salpicados e malhados.* (Gênese, 31.10)

A imagem do bode salpicado, em vínculo com Antonio Felipe, pareceu gratuita à avó desprevenida, embora, no momento seguinte, seu raciocínio alargasse o elo entre a criança das netas e a debilidade mental de Antonio Felipe; entre a primeira idade do povo hebreu segundo relato de Moisés, e o rebanho de Labão, de quem Jacó recebeu Lia antes de Raquel. Distraída pela correria dos cães e das meninas, ela não deu aprofundamento analítico à lembrança. Antonio Felipe divertia-se no

balanço da mangueira, empurrado por Verônica e Marytrue. Augusto e Sarah encarapitavam-se nas jaboticabeiras molhadas.

A filha viúva saiu pela porta da cozinha com uma compoteira de pêras em calda sabendo a cravo. Na outra mão, tigelinhas e colheres. O balanço e as jaboticabeiras ficaram arquejando sozinhos. A avó, na moldura da porta irisada e na moldura de sua memória bíblica, evocou um provérbio de seu Velho Testamento: - *Melhor é a comida de hortaliça, onde há amor, do que o boi gordo e, com ele, o ódio.* (Provérbios, 15.17)

Ah, que saudade do esposo e companheiro ! Era bom sentarem à mesa, com ele à cabeceira, ouvi-lo fazer a oração, dizer o amén, distribuir o feijão, o arroz, a carne, comerem com gosto e, depois, saber de suas aventuras pelo rio Jacupiranga, ou a subida pelo rio Ribeira de Iguape até Xiririca e Iporanga. De barco e a cavalo, ele se obrigava a levar aos sitiante os remédios, venenos, óleo de ricino, soro anti-ofídico, as lentes para ler, os calendários.

Seu marido sempre voltava cada vez mais apaixonado pela Natureza, com amostras de madeira de lei e de borboletas para as preciosas coleções que forravam as paredes de sua carpintaria. O barco voltava cheio de orquídeas raras, com as raízes vivas, os palmitos recém-cortados, frutas da estação e ervas para a drogaria caseira. Ele não cobrava nem aceitava um ovo se pobre fosse o sitiante e o povoado. Sua família na chácara tinha o suficiente para viver. Prestava serviço por amor ao

próximo, companheirismo, solidariedade humana. Apreciava querer bem e ser benquisto por todo o Vale do Ribeira. Duas vezes prefeito de Iguape, a cidade eleita.

Com saudade, Esther aguardava o ranger das tábuas da sala sob as botas do marido polivalente. Ernesto Guilherme Young, naturalizado brasileiro, era engenheiro, botânico, farmacêutico, meteorologista, geógrafo, membro de sociedades científicas, historiador, poeta, marceneiro, lepidófilo, e servidor incessante, policrômico como a reverberação solar na sala de visitas. Ao recordar o esposo, na memória bíblica de Esther, fulgiam palavras de Deus a Davi; - *Haverá um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de Deus.* (II Samuel, 23.3)

Em câmara lenta, ela revia seu *gentleman* na carpintaria, em abril, mês de nuvens altas e de sol. Dobrando e desdobrando a régua inglesa, ele media em polegadas as colunas e traves para construir o caramanchão das uvas. Serrava, lixava, aparafusava e erguia a obra sem defeitos, pintada de branco com tinta a óleo, com afeto, com desvelo. Deixava aberta a porta da carpintaria para a tinta secar por alguns dias. Porta aberta, as crianças sabiam que não deviam entrar, obedientes às regras do avô.

Todavia, na hora em que Antonio Felipe chegara mancando, o avô detivera os retoques na pintura. Com sangue pisado na perna mordida, Antonio Felipe informara : - *Cobra.* - Ernesto Guilherme tinha o soro-antiofídico, preparado por ele mesmo, arrolhado na prateleira alta. Curador hábil, o avô socorreu Antonio Felipe a tempo,

com as crianças por testemunhas, olhos atentos de aprendizes..

Antonio Felipe saiu cheirando a álcool, a voz embargada, as mãos cheias de limões e laranjas. Afastou-se, tão repleto de humildade, quanto a avó. Ela ficou a olhá-lo, repetindo interiormente o rei salmista Davi, com emoção : - *Eu sou pobre e necessitado, mas o Senhor cuida de mim.* (Salmos, 40.17).

Saudade ela sentia do velho companheiro no fim das tardes, sabendo-o, desta vez, em Cananéia, convidado de honra da primeira leva de japoneses emigrantes, festejando a cultura do arroz na pátria eleita! Logo mais, o último Natal do século dezenove estaria chegando. Seria memorável. Ele voltaria, a exemplo do rei Salomão, com *multíssimo entendimento e largueza de coração, como a areia na praia do mar.* (Reis, 4.29)

Quem ia e voltava também era Antonio Felipe. Quase silencioso, sem maldade, ele circulava com sua mente fraca, do porto à igreja do Bom Jesus de Iguape, do cemitério aos arrozais, ontem desaparecendo nos sítios e igapós, depois de amanhã ressurgindo nas serranias.

Ele chegava a Itanhaem por areias e rochedos, voltava pelas matas da Serra do Guarahu. Enveredava pelos caminhos de terra da periferia , reconhecia a chácara, via a porta aberta, o cesto de frutas, os cachorros amigos, as crianças nas travessuras. Entrava. Às vezes, subia pela escada do jasmineiro, outras, ladeava a cozinha, com Guess ao colo, para partilhar o doce de goiaba em calda.

Ele era mais um cachorrinho entre os filhotes, móveis vivos entre canteiros de hortências, mais uma criancinha no balanço atirada às nuvens.

Um dia, ele ressurgiu na chácara logo depois do almoço. Venceu a escada dos jasmims, atravessou a sala vazia, adentrou-se pelo corredor, penetrou devagar no quarto do avô. Ali nunca tinha estado e ninguém estava ali.. Os cachorros dormitavam lá fora. As crianças, álacres, brincavam de esconde-esconde atrás dos grossos troncos do pomar. Na horta, a mãe e a avó trabalhavam, recolhendo, uma, cenouras para a sopa de legumes, outra, folhinhas de hortelã para o chá das crianças antes do sono.

Surpreendentes, os estampidos se sucederam. Dentro do quarto, Antonio Felipe ferira-se na mão e na perna. Atarantado, dolorido, carregava a espingarda de caça do avô entre os dedos sangrantes. Da janela, atirava a esmo, matando filhotes de Guess que corriam pelo gramado.

Sobressaltadas, a avó e a mãe das crianças largaram os cestos e correram para a clareira entre o pomar e a casa. Ouviram um tiro e viram a bala alojar-se na botinha de Sarah. Aos gritos de Augusto, Marytrue corria para os cães mortos. Verônica, hirta.

Estavam todos na mira de Antonio Felipe, com a espingarda na mão, em posição de tiro aleatório. Num relance, a avó viu Augusto de pé e Marytrue ajoelhada junto aos filhotes sem vida. Mirando-os, Antonio Felipe, assustado. Na linha de fogo, a avó tinha de detê-lo:

- *Antonio Felipe, olhe para mim ! Olhe para mim!*

Ele virou a espingarda para o peito da avó.

Esther caminhou firme para ele. Estendeu os braços e comandou -*Felipe, me dá a espingarda. Aqui, Felipe. Põe na minha mão. A espingarda, Felipe, põe na minha mão.*

Ele, apalermado. Ela, insistente, decisiva : - *Na minha mão.*

A espingarda desceu da mão dele para a dela.

Esther compreendeu o que não pudera ver: ele detonara a arma dentro do quarto e se encontrava tonto, ferido, espavorido. Mas ela havia recuperado a espingarda de caça e salvo as crianças.

Olhou para Sarah, uva de sangue, rola e gazela de sangue, botinha de sangue. Enquanto corria para Sarah, a avó implorava, lancinante: - *Deus de Benevolência, Deus de Gentileza, Deus tem Piedade!*

Ergueu a neta do chão, sem pranto, depois que a mãe, em lágrimas, retirou a botinha da criança.

Antonio Felipe saltou a janela e juntou-se ao grupo, deixando na terra um rastro de sangue. Ele também um animalzinho ferido, um bode salpicado, que cobrira de sangue, por acidente, não as ovelhas bíblicas, mas os cachorrinhos. E o pé da pequenina Sarah.

A avó fechou, num abraço, Augusto, Marytrue e Verônica, trêmulos, vivos. Esther cerrou os olhos, interiorizou-se e, com fortaleza alquebrada, suplicou:

- Meu Deus, meu Deus, permite uma porção dobrada de Teu espírito sobre mim !

Relato de família.

Ernesto e Esther foram meus bisavós maternos.

A filha viúva, Alice, foi minha avó.

O filho caçula, Augusto, meu tio-avô.

Antonio Felipe, andarilho popular em Iguape.

O episódio da “carabina do vovô”

Era contado por minha Mãe, a neta mais velha, menina moradora na chácara.

Tiago, o Negro

Ninguém soube explicar. Nascera de pais brancos. Tinha a pele retinta, para descrição de sua mãe e sensatez de seu pai. O fato gerou malícia e desconfiança entre os adultos. Para a ciência que, naquela época, não dispunha de testes de DNA, talvez constituísse uma anomalia. O pai-de-santo benzeu o menino. Os poucos habitantes do Garimpo-de-Deus tinham mais o que fazer que discutir as indecisões genéticas. A diferença dérmica, indolor, acabou aceita por todos, ávidos de encontrar no cascalho do rio o carbono diamantino, de permanente valor.

O menino crescia favorecido pelo amor de seus pais, acolhedor e profundo. Filho único seria por decisão serena de ambos. Pobres, sem ambições, não ensinariam religião nenhuma, bastaria o exemplo de decência e trabalho, de respeito aos companheiros, de fidalguia para com os mestres locais.

De repente, a descoberta de minas auríferas mais além, na Serra dos Pobres Esquecidos, atraiu garimpeiros fortes, mulheres jovens, cambistas insaciados. Sonhando com lucro máximo em tempo mínimo, pais mineradores levavam filhos pequenos para ajudá-los no trabalho de cavar, peneirar, selecionar.

Pela palma do pai, Tiago logo aprendeu todos os meandros do negócio. E a não conversar sobre a cor de sua pele. – *Tu é negro de pai branco ?* – Raramente dava esta lacônica satisfação ao curioso : - *Sou, como Deus quer.*

Aquele garimpo foi sua escola de lapidação moral e de mercado em conflito. Apesar de seus treze anos, fechava com rigor a compra e a venda do ouro e das pedras faiscantes. Começou a ser notado por seu equilíbrio ao apartar as brigas, sua inata compreensão da miséria espiritual, seu senso de justiça vivendo entre seres atrasados, ingênuos uns, ladinos outros. Cedo apressou sua maturidade diferenciando entre os fraudulentos e os covardes. Árdua aprendizagem.

Nenhuma universidade precisou conferir-lhe o grau de doutor em finanças. Sua ausência de arrogância, autêntica, indiscutível, privilegiava a comunicação com a diversidade de povos e culturas. Conquistou o tirocínio de um mercador, uma poupança honesta e sólida, uma afabilidade no trato que acabou por levá-lo para mais longe dos pais brancos.

Voou para Nova York, Amsterdam, Joanesburgo, Calcutá, Hong Kong, Tóquio, Sidney. Esteve com bilionários lapidadores, banqueiros de fabulosos lucros, financistas investidores em Bolsa de ouro e diamantes. Conheceu lavras virgens, traficantes sórdidos, banqueiros corruptos, garimpeiros em trapos. De sua conta corrente em bancos estrangeiros, remetia aos pais *"quantias para viverem bem"*.

Certa vez, durante uma negociação em Durban, África do Sul, recebeu um ambíguo insulto de um *afrikander*: - *Negro, you are smart but not a thief.* - Inteligente mas não ladrão. Tiago concordou, diplomático. Respondeu com brandura: - *Sou, como Deus quer.*

Intuitivamente, com seu habitual auto-controle, Tiago havia captado o sentido do dúbio elogio. O *afrikander* salientara a defasagem entre sua aparência, de ébano exterior, e seu comportamento, de claridade ética, como se fosse proibido a um negro ser idôneo na vida.

Acompanhando de longe os deslocamentos e progressos do filho, sua mãe aprendeu a ler e escrever. Respondia às notícias do viajante com letra caprichada. Havia descoberto “o livro negro” e dele copiava trechos de sua epístola favorita, a do apóstolo Thiago. Agora sabia que Thiago fora o primeiro a ser atraído pelo Cristo e um dos três a assistir à Transfiguração no monte Tabor. Durante a Ceia, Cristo teve Thiago à sua esquerda enquanto João, seu irmão mais jovem, sentou-se à direita.

Uma vizinha no curso de alfabetização dera-lhe “o livro negro” e, aos poucos, esta mãe pobre e inculta foi se instruindo biblicamente. Nem sempre o livro lhe dava respostas mas, perguntando, soube que Thiago, por iniciar a pregação do cristianismo, fora o primeiro mártir entre os discípulos, condenado por Herodes a ser degolado. Com a corda no pescoço, era conduzido à degola por Josias quando ouviu o apelo de um paralítico e o curou em nome de Cristo.

O carrasco, Josias, desistiu de cortar-lhe a cabeça e a pedido seu, Thiago o batizou. Herodes, porém, ordenou que Josias fosse unido a Thiago e os dois cristãos decapitados juntos. Após a morte, para fugir aos perseguidores na Judéia, os outros discípulos colocaram o corpo do companheiro num navio sem leme que o levou

pelo mar revolto, quase perdido durante uma tempestade. Deteve-se na Galícia, em Espanha, onde teve início a peregrinação dos devotos à magnífica catedral de Santiago de Compostela, erigida por uma rainha, então convertida à devoção por São Thiago. Devoção consagrada por numerosas aparições e milagres através dos séculos.

Curiosa, a mãe procurou um livro de empréstimo sobre histórias de santos. Lenda ou não, ela sentia grande prazer, embora cometesse alguns erros gramaticais, em recontar ao filho uma aparição de São Thiago, relatada pelo papa Calisto no ano de 1100, candidamente:

Um francês saiu em peregrinação a Compostela com mulher e filhos, afastando-se da mortandade que ocorria na França. Ao chegar a Pamplona, sua mulher morreu. O hoteleiro roubou-lhe todo o dinheiro, além do jumento que servia ao transporte dos filhos. Ele continuou a pé, carregando alguns filhos às costas e puxando outros pela mão. Em meio à caminhada, surgiu um cavaleiro piedoso e ofereceu-lhe um asno para o transporte das crianças. Em Compostela, o francês devotou-se ao seu turno de vigília e prece. São Thiago apareceu-lhe e perguntou-lhe se o conhecia. – *Não, não conheço.* – *Pois eu sou o apóstolo Thiago que lhe emprestou o asno no caminho e você pode utilizá-lo para voltar à sua casa. O hoteleiro vai morrer e você receberá seu dinheiro de volta.* – O Santo se volatizou e a predição materializou-se. Assim que as crianças desceram do asno, o animal desapareceu.

Em cada resposta enviada ao filho, a mãe copiava frases da epístola para o carinho deslumbrado do filho:

- *Chegai-vos a Deus e Ele se chegará a vós.*
- *Como o corpo sem o espírito está morto, assim a fé sem as obras.*
- *Está entre vós alguém aflito? Ore. Está alguém contente? Salmodie*

O filho refletia, amoroso: - *Mamãe lê por mim. Faz cópias, chega-se a mim.* – Ele convivia com todos, espontaneamente auto-disciplinado pelo mandamento do amor ao próximo. Sabia que não era um santo. Criatura igual às outras, tinha a face e a alma de todos os homens. Humanitário, porém, e crítico justo de si mesmo e dos outros. Gozava de ascendência sobre seus parceiros nesse comércio de pedras de alto preço e contas bancárias estratosféricas – por misteriosa bioquímica, era negro, nascido de brancos, e todos acabavam por validar sua palavra, independente de cores.

Percebia como sua aparência alta, ereta, afetava homens e mulheres. Por alguma bênção especial, seu rosto traduzia bondade, franqueza, confiança, compaixão. Lia o pensamento alheio instantaneamente, conhecia o próximo lance. Jogava limpo, mas poderia jogar com rigor se alguém pretendesse humilhá-lo. Sabia muito claramente a diferença entre humilhação e humildade. Podia ser humilde diante da mulher amada. Humilhação, não, de ninguém, de nenhuma: - *Aprendi, Negro. Valeu.*

Havia nele imanente sutileza. Muitas vezes, no

decurso de suas viagens de um continente a outro, a imagem de sua mãe branca fulgia em sua memória. Lembrava-se de uma conversa ouvida em menino, em sua cozinha, lá no Garimpo-de-Deus, a mãe explicando o significado do nome Tiago: - *Tiago quer dizer o milésimo, isto é, o extremamente humilde.* -- Ela prometia crismá-lo de Tiago, um dia, reforçando o nome de batismo, indecisa entre Tiago Nazareno e Tiago Jesus.

Saudosamente, ele decidiu que era hora de voltar à pátria, à mãe, à cozinha. Com sólido apoio em sua fortuna, podia desligar-se do comércio diamantino. Memórias do tempo de penúria na grota natal delineavam projetos em benefício de seu povo: - uma escola profissionalizante, um hospital, uma academia esportiva, um parque ecológico. De seu exemplo brotariam fábricas, usinas, rodovias, safras nos campos. Doaria como um mendigo anônimo.

Já não teria ao seu lado o pai, companheiro e mentor de sua infância, morto por um ladrão. Voltaria àquela cozinha, àquela mãe, reservada em olhos de meiguice, lábios de prudência, sabedoria da velhice prematura.

Deitado em seu regaço, teria uma infinidade de conversas, de segredos sobre o nascer e o morrer, tão diamantinos quanto a humildade do *milésimo* entre os homens.

Visita Contemporânea

Viviam num paraíso exclusivo. Local no mapa, placas nas estradas, distância das cidades, nomes dos sítios fluorescentes, sobrenomes de família, todas as informações geográficas e pessoais, a comunidade mantinha em silêncio a fim de preservar o sossego invulgar dos moradores. FlorViva nasceu ali.

A ecovila havia sido fundada por amigos da natureza, seu pai entre eles, decididos a residir longe do barulho e da poluição, a plantar seu alimento sem agrotóxicos, produzir leite, mel e fitoterápicos, captar a energia solar e eólica, estabelecer a cooperativa, construir casas de madeira nativa e nelas viver com simplicidade e conforto tecnológico. Não levantaram igreja, mas criaram um centro de meditação ecumênico, num pequeno bosque, aberto a todos os credos sem rituais.

Mimosa de corpo e alma, FlorViva gozava de esplendida saúde. Nenhuma doença física ou mental jamais perturbou a paz de seus dias e noites. Cresceu no campo, com um olhar de amor para os pássaros e as flores que cultivava em vasos e extensos canteiros policrômicos. Encantava-se com as estações do ano, a chuva, o sol, o céu noturno, o pomar, o rio, os animais. Não teve professores e escolas, além de seus pais. Namorados não teve nem festas e reuniões sociais. Sabia das decepções e divórcios das tias e primas.

Livros exerciam grande atração sobre ela, desde que lhe revelassem as paixões dos jovens, os trabalhos

dos adultos, a sabedoria dos mais velhos. De preferência, os autores mais sábios coincidiam em pensamento com a *Imitação de Cristo*, usado volume de seu pai, floricultor e um dos fundadores da ecovila. Apreciava ler *A Prática da Presença de Deus*, do Irmão carmelita Lourenço da Ressurreição, também vestígio de séculos anteriores.

De manhã, FlorViva saudava o sol róseo e, à noite, o sol purpúreo, em ações de graças que fluíam espontâneas de sua alegria e pensamento. Enquanto os pais viveram foi companheira solidária nos trabalhos e nas aflições. Quando ficou sozinha, quis continuar sem companhia na casa que deles herdou, o sítio onde conhecera tudo que sabia da vida. Entrou serenamente na casa dos trinta, quando nada podia prever os anos que viriam de clínica psiquiátrica.

Um dia, seu pai apareceu-lhe, rosto, ombros, tórax, perfeitamente sadio, na sala onde FlorViva ouvia, baixinho, uma sonata de Haendel. A flauta soava feliz em adágios e alegros, com sons discretos de harpa e violoncelo. FlorViva aceitou a aparição como um sonho de olhos abertos, enfeitado por memórias sensoriais dos tempos de meninice. Consciente, tinha noção clara de que o pai não estava em corpo de carne, embora as sobranceiras espessas escurecessem os olhos, ao contrário dos cabelos brancos que clareavam o alto da cabeça como irradiação de luminosa energia.

Apesar da agradável recordação, FlorViva nada fez para repeti-la. Não procurou ligar-se na flauta de Haendel, a pretexto de provocar a imagem do pai. Disponha de

muitas gravações de compositores clássicos e modernos e usava seu tempo em outras ocupações, com inteira liberdade. Nem mesmo a visão de surpresa motivou a reabertura de álbuns de antigos retratos.

Decorridos alguns dias, talvez uma quinzena, na mesma sala, depôs no colo o romance que lia e levantou os olhos para a parede em frente. Ali surgiu seu pai, uma figura neutra, tão neutra que ela pôde observar, sem susto, os dentes quase ocultos entre os lábios, as dobras da camisa, e até respirar, desta vez, o perfume de sua masculina água de colônia. Pareceu-lhe normal vê-lo vivo, bem disposto, energético como no tempo em que montava a cavalo ou conduzia FlorViva, em largas passadas até as margens do rio. Como na primeira visão, ele não pronunciou palavra nem ela fez perguntas.

Na terceira aparição, Florviva bebia um copo de leite na cozinha. O pai surgiu tranqüilo e forte. Quando desapareceu de vista, a filha ainda escutava o som de suas botas em retirada. - *Sei que o corpo morreu – dizia para si mesma – e acredito que sua alma vive. Não peço que venha me ver, não estou cultivando estas aparições. Alguém há de pensar que desejo ou provoço a presença de meu pai. Se eu falar dele, aparecido, hão de comentar que não regulo da cabeça. Dirão que perdi o juízo.*

Por isso, FlorViva calava-se, guardando segredo de que ouvia os passos do pai, sentia-lhe o perfume, percebia assustada o colchão abaixar-se com o peso dele quando o pai sentava à beira da cama onde ela tentava dormir. Em alguns segundos, ele sumia, neutro. Mas, após sucessivas

aparições, sem prazo fixo, Florviva começou a ter medo, e do medo passou à angústia, e da angústia a invejar sua antiga solidão. Existiria um tranquilizante mais forte que o chá de cidreira ou de camomila ?

Falou com o farmacêutico, sem revelar os motivos. Ele disse que o sistema imunológico produz seus próprios soníferos, quando há necessidade de relaxar, de acalmar o sistema nervoso central. Em caso de distúrbio psíquico, o sistema imunológico destrói os antígenos prejudiciais à saúde (bactérias, vírus, pólen, poeira, etc). Em verdade, o imunológico combina-se com o sistema nervoso central para controlar o cérebro em nome do bem-estar.

Mais instruída e menos deprimida, FlorViva voltou para casa e tomou o medicamento sugerido pelo farmacêutico. Seu estômago, porém, reagiu como reagiria a qualquer outra droga alopática. Decidiu, então, consultar um homeopata. A anamnese foi tão prolongada e minuciosa que, em pranto, ela acabou contando das aparições do pai. O médico, talvez por inexperiência, não gostou da paciente e, embora reconhecesse que FlorViva não mentia, começou uma arenga sobre *a solidão, provocadora do fenômeno alucinatório, culpa dela mesma, fosse procurar um homem vivo, um marido*. FlorViva levantou o queixo, esperando que ele corrigisse a grosseria. Mas, invasivo ao extremo, ele a despediu com um cartão catastrófico: nome e endereço de um psiquiatra.

Relutante, a primeira reação dela a esse tipo de ajuda foi a de prejulgar-se doente mental. Seria caso de paranóia ? De esquizofrenia ? Não, o psiquiatra evitou

receitar um anti-traumático. Programou vários exames, sem lhe dar resposta imediata para a angústia. Ela passou pelo eletroencefalógrafo, a tomografia computadorizada, a ressonância magnética, a fim de avaliar as funções cerebrais. Simultaneamente um psicólogo aplicava testes de memória recente e remota. Durante semanas, FlorViva foi submetida à luz estroboscópica para detectar respostas da área occipital e correspondentes ondas oculares, ora com visão distraída, ora concentrada. Sucessivos exames da retina nada ofereceram de anormal. Também foi examinada a acuidade auditiva com cliques programados em fones de ouvido. Por fim, disse ela, desanimada: *A equipe reuniu-se e discutiu.*

A conclusão dos psiquiatras recaiu na medicina tradicional, ou seja, as aparições do pai existiam somente na mente de FlorViva e, mesmo assim, afetavam seu comportamento. Em suma, eram alucinações, produtos psicológicos, não perceptíveis à mente de outras pessoas. Os médicos procuraram induzir a cura pela supressão, de modo a eliminar as visitas paternas pelo vigor de uma concentrada negação praticada pela paciente. Ela deveria exercitar-se no controle de suas alucinações, negando-as. Dependeria apenas dela. E, portanto, eis o remédio para tanta angústia: *O reino de Deus está dentro de vós.*

Então, FlorViva teve cinco minutos de raciocínio: - *Se a aparição de meu pai é criação exclusiva de minha mente, esse Reino de Deus dentro de mim há de ser criação da mente dos meus psiquiatras. Tão lógico !* - Trêmula, percebeu que a desconfiança a percorria,

totalmente, de ponta a ponta do mistério. – *Arre, trocar minha paz na solidão do sítio para sair à procura de homem vivo ?*

O pai continuou a aparecer, a despeito dos médicos e dos exercícios de concentração, fazendo ouvir seus passos e esparzindo seu aroma evanescente, acercando-se do leito onde, protetoramente, ele esperava sua FlorViva adormecer. – *O problema é dele, não só meu* – pensou ela como quem decifra a charada. Como o pai não oferecia perigo, a filha disse adeus às consultas clínicas e procurou retornar à paz sem transtornos de sua solidão. – *De que me serviram ? Psiquiatras não sabem tratar dos mortos.*

Ela saltou sobre o tempo perdido, voltando ao chá de cidreira e ao sossego mental, prévio à meditação budista, que lhe haviam sugerido. Tratou de eliminar de sua mente o prazer e o sofrimento, como se isso fosse tarefa simples. Por felicidade, ninguém lhe sugeriu tentar a psicanálise ou aprofundar-se no estudo dos arquétipos e, menos ainda, a fazer regressão a vidas passadas.

Pondo fim à guerrilha médica, FlorViva preparou-se para gozar um período de calma. Chamou uma esperta auxiliar para cuidar da limpeza de tudo, do preparo dos alimentos, dos longos canteiros vicejantes. Lá um dia, houve um momento de confidências. Ambas trocaram memórias de eventos e de transeuntes inesquecíveis. – *Meu falecido pai* – disse a trabalhadora com naturalidade – *manda em mim até hoje. Diz que, se eu deixar de trabalhar, eu morro. E diz que Deus é tão pai quanto ele, que eu tenho dois.*

Alerta para FlorViva que se aprumou na cadeira ! Como não havia pensado nisso? Seu pai não usava as cordas vocais e não se comunicava por telepatia. Com certeza, não queria conversa com ela nem com psiquiatras. Para ele, bastava uma visita esporádica e a constatação de que tudo ia bem. Satisfeito como Deus, o segundo pai.

Sentiu-se reconfortada. Se sua mãe também quisesse aparecer – *Entre, a casa é sua.* – Continuaría ouvindo seus músicos de flauta e violoncelo, companheira do carmelita que sabia da presença de Deus ao seu lado até quando descascava batatas na cozinha. Contemplou os roseirais, a carinha colorida das verbenas, os majestosos pés de manga, a pomba-rola, o sol purpúreo que ia descer na encosta do morro. Saudou-o de pé, vertical, unificada. De : o derradeiro salto sobre a guerrilha das supostas alucinações, teoricamente corretas mas nefastas, e serena, prosseguiu seu convívio com visitantes silenciosos como Deus.

Certa noite, já habituada à meditação, ocorreu-lhe uma idéia : - *Se papai queria ser meu contemporâneo sempre, por que não me deu o nome de Sempre-Viva ?* - E divertida, achou “dentro da cabeça” a resposta coerente - *Dava na mesma.*

Quarta-feira, 21 abril 2004, Tiradentes

Comando Final

A convocação chegou, implacável. Ou fugia do país ou seria preso. Obedeceu. Oficial da reserva, comandaria quatrocentos soldados numa guerra de gás desfolhante, por força de seu diploma de pesquisador universitário. Antes, conhecera o choque afetivo, contundente, de um divórcio muito jovem. Desde o desamparo da meninice, do desmando familiar, subsistia e continuava a doer, um trauma irreparável, maior, vitalício, advindo da personalidade de sua mãe.

Ela padecia, e fazia outros padecerem, de dois distúrbios psicológicos nunca mitigados. Um, o falar sem pausa, com fôlego assombroso, enovelando assuntos, um moto-contínuo de emoções e pensamentos, atados em fileiras intermináveis, rosário de trivialidades cansativo para os ouvintes. Outro, a desorientação que ela transmitia à família por excesso de benevolência, sua permissividade ilimitada, um senso amoral desconjuntado, ausente a auto-crítica de uma disciplina amadurecida.

Bonachão, omissão, o pai viajava com frequência a negócios, sócio majoritário de uma empresa internacional que fabricava objetos de aço e que lhe permitia preencher cheques sem tomar conhecimento dos gastos da família, os luxos da esposa, as modernices tecnológicas dos filhos.

A polícia também agia com leniência. O pequeno saltara o portão de um jardim fechado e roubara uma

bicicleta. Na delegacia, sabiam que o pai industrial, de classe afortunada, devolveria uma bicicleta novíssima, além de colocar dentro de seu amplo jardim aberto, outra, do último modelo concebido pela engenharia esportiva, escolha do filho. - *Gente boa - diziam - o menor não fez por maldade.*

Quando o menino foi detido, portador de maconha, o policial bateu com delicadeza na mão que escondia o cigarro e comentou : -- *Não há celas na cadeia para tantos jovens.* – Olhos avermelhados, o lento caminhar meio perdido, denunciavam o uso do haxixe, cânhamo verde, a erva reduzida a pedacinhos embrulhados em tiras de papel suave.

O casamento adolescente, desarticulado. A esposa, ao acompanhá-lo à biblioteca para atualizar pesquisas, sempre ficava apavorada à hora do fechamento, por ser crime em sua cidade roubar revistas e artigos científicos, escondidos pelo marido, sob o blusão. Ele desafiava a prisão, abrindo, de leve, o grosso abrigo ao olhar do vigilante. Se quisesse uma motocicleta, bastava telefonar ao pai onde estivesse, e papai fazia a transferência do preço à vista, para a conta do filho. O divórcio foi declarado com rapidez por verbal incontinência da mãe, tão insistente que exauriu o advogado.

Drogas compradas a céu aberto, abusivamente, eram consumidas, uma a uma, ou em misturas delirantes. Era euforia ou narcose. Álcool, heroína, morfina, cocaína, muito mais perniciosas que a maconha, por complacência da mãe e dos amigos, mascaravam a depressão alegada pelo novo solteiro. Viciado, dependente, qualquer mulher servia.

Retirava-se para o alto de uma pedreira e obrigava a mocinha a fumar com ele ou injetar-se. Caso ela recusasse, em susto e pranto, ele comentava com desprezo : - *As outras ficam alegres, você chora. Se não quer fazer o que eu faço, vou te jogar lá em baixo.*

Ao ser convocado para a guerra, não tinha como enganar os médicos. Exame ligeiro classificou-o como AA, isto é, “altamente ansioso”. Era o alívio dos militares, “o mais adrenalizado” para assumir a postura agressiva. Mas a situação piorou no regime bélico. Partiram para ocupar um território mal conquistado, na retaguarda dos combates, fixos numa selva, caçados como intrusos por nativos, e mortos a facão em golpes sorrateiros.

Longe do país, o exército supria os soldados com drogas, a uns para estimulá-los, a outros para baixar-lhes a angústia. Supria-os também de prostitutas nativas e, um tanto em segredo, de generosas latas de leite em pó para as crianças nascidas dessas uniões livres. Ao comandante, emocionalmente instável, cumpria distribuí-las. Ele sentia tristeza, um estranho desconforto, sua habitual fragilidade, a mente incerta. Em raras ocasiões, em vez de levar uma nativa para o bosque desfolhado, subia, a sós, os montes próximos e chorava perdidamente.

Algo de bom, jamais entrevisto e cultivado antes, vibrava em seu íntimo : - - *Queria não estar aqui, dentro desta farda, neste pânico sem trégua, inimigos apavorados de ambos os lados, feridos de morte sorvendo morfina, mulheres sem culpa, latas de leite em pó acondicionadas em jipe militar.*

Psiquiatras do exército eram instruídos a manter as tropas aguerridas, inclinadas à matança e impotentes à rebelião. Os soldados mais sensíveis e pensantes experimentavam culpa, dor moral, horror pelas atrocidades gratuitas, vergonha por assassinar civis, velhos e crianças inocentes. O comando estrelado, porém, evitava tratar seus comandados como vítimas, suprimindo neles a capacidade de julgar abertamente.

Mas é uma lei da psicoterapia : - *O passado sempre te persegue, a face trágica não se apaga. O sofrimento é uma realidade tua e de todos. O que fazes afeta o destino de outros. Não há como reverter o mal produzido, pois os mortos que fizeste não voltam à vida. Os aleijados, os cegos, os loucos não têm como retornar ao corpo e à mente íntegros, danificados pela guerra. A responsabilidade é tua, escreveste teus erros na carne de teu irmão.*

Experiências traumáticas são experiências morais. Os que sobrevivem sofrem de memória culpada. Podem negar o que houve, mas com lágrimas nos olhos. Mesmo que não protestem, sabem que não são os únicos responsáveis pelo genocídio.

A guerra acabou sem vitória, com mortos em lama de sangue, muitos vivos aleijados, crianças nutridas de leite estrangeiro e bosques à espera de verdes folhas corajosas. Dos que voltaram, sabem os sacerdotes e os bispos quantos perderam a fé e quantos procuravam alguma. Sabem os monges, trapistas e budistas, quantos soldados de regresso pediram entrada em seus mosteiros, em busca de silêncio, paz, contrição e piedade.

Este soldado tinha aprendido que não poderia mais conviver com a perpétua verborragia da mãe, nem com o pai dos cheques imediatos e dos carros importados. Não queria família, esposa, filhos. Vira corpos trucidados por absoluta impiedade, assistira ao minuto da última respiração, deplorava o absurdo do genocídio.

Queria encontrar silêncio para a alma, entender a compaixão, fruir da misericórdia. Nem buscava Deus. Queria os mandamentos de um Buda, de um Jesus ou de um Krishna, de um comando humano que lhe acenasse com a transcendência espiritual.

Aquela que, antes, pensara atingir descendo ao abismo dos entorpecentes. Seria uma bênção, um perdão. Ingressaria tão logo um prior ou abade lhe destinasse uma vaga.

27 abril 2004

A Predição da Cigana

Úrsula nasceu em Manchester, Inglaterra, em 1890 e cresceu na fazenda da família, amando a paisagem rural. Jamais esqueceu sua feliz vivência de menina e moça na terra de origem. Bonita e excepcionalmente dotada para o canto, era a convidada mais querida para alegrar as festas familiares, escolares e religiosas. Apreciava dançar, rir e participar de reuniões sociais.

Um jovem vizinho a cortejava. Atraente, rico e generoso, ele gostava de festividades, música e dança. Parecia o companheiro ideal para Úrsula. Antes da jovem decidir-se, as famílias já preparavam os trajes de gala para o casamento e os alegres festejos. Seu irmão, pastor da Igreja Protestante, oficiaria a solenidade, seguindo-se uma grande recepção com orquestra e baile.

Numa primavera chuvosa, uma caravana de ciganos, errante em seus velhos caminhões, solicitou pousada na ampla propriedade. O pai de Úrsula, preconceituoso, considerando ladrões e tratantes todos os ciganos, ordenou que saíssem imediatamente. Ela, porém, emocionou-se com a miséria do grupo, as roupas gotejantes, os rostos exaustos, uma criancinha tossindo convulsivamente, e apelou ao pai, que nada lhe negava, de modo a obter um abrigo seco num galpão vazio. Úrsula providenciava alimento quente até as chuvas passarem.

Antes da partida, ao se despedirem, os ciganos formaram duas alas no terreno. Uma idosa representante

do clã caminhou no meio deles, aproximando-se de Úrsula e declarou:- *Você foi bondosa conosco mas, em geral, somos tratados como criminosos. Não temos riqueza para retribuir sua hospedagem. Apenas podemos dar-lhe um presente raro, que poucos lhe dariam. Posso revelar-lhe o plano de sua vida porque o futuro para mim é um livro aberto.*

Úrsula consentiu em ouvi-la, calando-se gentilmente sobre sua descrença em ledoras de sorte. A cigana olhou-a fixamente como se lhe sugasse a alma do corpo, demorou-se a estudar as mãos da jovem nas suas, e depois encostou-se a uma árvore, fechando os olhos por um bom tempo. Afinal fez uma longa profecia, abrangendo a vida inteira.

- *Sua vida parece bem resolvida. Haverá, porém, uma abrupta mudança. Um homem vai aparecer a cavalo. Ele vai virar sua vida do avesso. Você vai ser varrida como folha numa tempestade. Antes de pensar duas vezes, estará casada. Ninguém escapa a seu destino. Ele é britânico, bonito, de olhos azuis, cabelos castanhos e bigode. Ele é rico e parecerá oferecer-lhe tudo. Entretanto, tirará de você tudo que mais ama, nem sempre por culpa dele. Haverá problemas porque ele é de religião diferente da sua, católico romano. Sua família vai se opor e você não hesitará. Terão três filhas. Seu marido ficará doente, com dores fortes e tremores ingovernáveis. Os médicos não poderão tratá-lo, dirão que deixe a Inglaterra por um país de melhor clima.*

- *Você deixará sua amada família e viverá sempre*

do outro lado do oceano Todos ficarão mareados durante a viagem e sua filha menor morrerá ao desembarcar. Nunca mais a vida lhe haverá de sorrir. Uma grande enchente destruirá sua casa e seus bens completamente. Nada sobrará do que for levado da Inglaterra. A saúde de seu marido melhorará e ele procurará emprego. Será um bom provedor, mas egoísta, nunca deverá ser contrariado. Proibirá que faça amizades e que frequente a igreja, danças e musicais. Você terá saudades da Inglaterra. Suas filhas crescerão. A mais velha ficará ao seu lado. A mais nova casará. Ficarão, com o marido, sócia do pai nos negócios e arruinará seu empreendimento. O pai, furioso, proibirá a mãe de relacionar-se com a filha e o genro. Você morrerá antes da velhice, dormindo, num sono indolor.

A cigana abriu os olhos. Úrsula lhe perguntou : -
Se eu recusar esse casamento, minha vida será diferente ?
- A resposta foi imutável: - *Não, assim está escrito. O destino não pode ser alterado.*

Tudo ocorreu conforme fora predito. Úrsula esposou o cavaleiro católico romano, em oposição à família. Seu irmão, pastor protestante, quebrando um copo de cristal, recusou celebrar o rito nupcial. Um sacerdote romano efetuou secretamente o casamento porque Úrsula era de religião protestante. Mais tarde, os parentes se reconciliaram por cortesia, após o nascimento das três meninas do casal.

De fato, a caçula adoeceu durante a travessia para os Estados Unidos, no Atlântico tempestuoso, e morreu ao

desembarcar. O casal com as duas meninas estabeleceu-se em Dayton, Ohio. Pouco depois, a terrível enchente de 1913 mergulhou em lama sua casa e tudo que possuíam.

Financeiramente, o marido deu-se bem nos Estados Unidos, entregue a negócios e só pensando em fazer dinheiro. Úrsula, solitária, obedecia-o, no esforço de não contrariá-lo porque, à menor divergência, ele deixava de falar com ela. Tinha saudades de sua vida inglesa, da música, dos cânticos de igreja, dos bailes, das amizades, de suas diversões e devaneios de moça.

Quando a filha mais nova e o genro destruíram o negócio do pai, Úrsula, proibida de ver e falar com a filha predileta e com seu genro, perdeu a vontade de viver. Chorava muito, para tristeza de sua neta, Mary Dove, a quem acabou expondo sua infeliz existência de imigrante inglesa. Morreu em 1940, aos 50 anos, durante o sono. Seu marido viveu mais 23 anos.

Mary Dove, a neta americana, antes descrente de ciganas e avessa a pensamentos negativos, a quem a amada avó fizera confidências tão dolorosas, não podia furtar-se a admitir que precognição e acontecimentos posteriores realmente coincidiram, sem que Úrsula pudesse alterá-los.

Curiosidade satisfeita, a última questão da neta permaneceria nebulosa: - *Se minha avó tivesse feito outra escolha, quem eu seria hoje ?*

Versão do Mendigo Anônimo

Era uma vez um Senhor de Suntuosos Palácios, nutrido de iguarias, revestido de jóias, transportado em avião particular, cuja riqueza fabulosa aumentava de mês em mês, de ano em ano. Suplantava a soma dos bens de todos os povos e de todos os bancos do planeta, para não falar de seus lucros exorbitantes. Compreende-se que fosse respeitado, apesar de ninguém lhe ter amor. Também pudera ! Praticante de luta livre, mantinha o primeiro lugar, vitalício em todas as competições.

Como então veio a contrair uma doença gravíssima, um desafio à vida, mortífero? Com médico inteiramente a seu dispor, o Senhor Proprietário das Mansões, do Iate Régio e da Nave Espacial jazia febril, delirante, arrevezado. Entre a vida e a morte, era um perfeito zumbi. A inconsciência, em rasgos às vezes fosforescentes, povoava-se de sonhos, visões e mensagens proféticas.

Um dia, aquele ultraje de sofrimentos conheceu remissão parcial. O Senhor da Lua e das Possessões Galácticas ergueu-se inesperadamente, semi-paralítico, queixoso de tonturas e de vozes persecutórias. Digamos que convalesceu. Nunca voltou a ser o mesmo. Inseguro, saía pouco deste e daquele palácio, abalado em seus programas, perdida a iniciativa. Forte e límpida, porém, a memória obrigava-o a recordar, a repassar tudo que o

cérebro vivenciara durante a moléstia quase fatídica.

Por exemplo, o primeiro sonho. Réu no JuízoFinal. Diante da balança das ações boas e das más, os pratos tremiam, desiguais. Um demônio amigo achou de atirar um pão duro na balança para enganar os velhos Anjos Miopes que só então emitiram a sentença: - *O réu volta ao lombo dos camelos nos desertos do planeta.*

O segundo sonho. Em praia desabitada, varrida por ciclones, um naufrago pedia-lhe a esmola de sua camiseta. Relutante, o sovina estendeu-lhe a toalha do rosto. Por isso, Anjos Ambliopes consentiram: - *Que ele habite o agreste.*

O terceiro sonho, diante de Cristo. Logo de quem! Apavorado, o palaciano ajoelhava-se diante de três cruzes sangrentas. Mulheres soluçavam. Ele implorava a intercessão de Marias e Verônicas. Há séculos, Cristo se desobrigara de julgar traidores de Deus e do povo.- *Esta figueira não dará frutos.* - A misericórdia divina, porém, concederia um transplante de seiva raquítica, se...

Numerosos outros sonhos lhe roubavam a oportunidade de sair ledó e livre do Supremo Tribunal. As visões, menos ainda. Ele era empurrado para zonas de guerra, desaparecia sob bombas nucleares, reaparecia em torres estratosféricas implodidas, era despedaçado por tigres pré-históricos, seu fígado voava no bico de aves carnívoras, seus olhos rolavam no veneno de batráquios por lagoas de pedra.

Entre as mensagens proféticas, algumas sugeriam

com doçura, mansamente, violentar-se a si mesmo. Apenas lhe restava uma esperança, a única. Alquebrado, ele resistia porque ser generoso nunca fora de sua índole. Seu feitio era bem outro. Entretanto, não havia saída. Ou curvava-se à generosidade, em renúncia à posse avarenta, insultuosa, discriminatória, ou a figueira o condenaria à esterilidade dos lucros.

Por onde começar ? - *Distribuo as roupas, aos poucos...* decidiu. - *Então, é assim ?* - gritou-lhe um exército de furiosos hunos mendicantes. Dos pés à cabeça, os tremores da febre altíssima sucediam-se com violência de terremoto, os delírios vulcânicos explodiam a torto e a direito. - *Não, não, distribuo tudo, dinheiro, móveis, roupa, calçados, casas, terrenos, , bancos, aviões, navios, jóias, o Sol, a Lua, Saturno, cometas, galáxias. Tudo.*

E, de fato, as chagas do corpo fecharam-se, as dores insuportáveis sumiram, a grande purgação realizou-se. Mas não deveria posar de benemérito. Sujeito à mutação dos pólos, ele aprendeu, por instinto, a valorizar duas novas sistematizações do Supremo Código Jurídico: 1ª. Fuja dos louvores, não deixem que se infiltrem em sua alma. 2ª. Não permita que beijem sua mão.

Mendigo novo, contentou-se com a vida rasa, livre, desprendida de bens, confiante em que os Anjos de Olhos Abertos lhe dispensariam o necessário na hora da carência. Inscrito no Apocalipse, o nome - e o número - do mendigo esmoler só Deus conhece.

Mulher Promíscua

Não se usa chamar um homem de promíscuo. Ele se diz liberado.

A mulher promíscua ganha outros rótulos. Ela é a “livre amante de todos” porque, ao contrário da prostituta, da mulher paga, não recebe preço por hora ou vez. Ou é a “mulher que assedia”, a que “dá em cima de” certos tipos, famosos, ricos ou belos, neuroticamente perseguindo seu objetivo carnal, e dos parceiros fazendo uma coleção numerada. Ou é a “mulher aventureira”, solteira, casada ou descasada, que busca incríveis proezas sexuais com freqüente infelicidade. Em outros casos, é a “mulher deprimida”, desinteressada do marido ou do companheiro, à procura de uma relação sentimental satisfatória, que redunde em maior solidão e rebaixamento. Ou é a “mulher desamada” que, após longo período de casamento sem amor e sem sexo, de repente tem uma explosão de promiscuidade, terminando em desilusão, amargura e desespero. E outras variantes.

O mesmo sucede aos homens promíscuos. Amavelmente, são rotulados de aventureiros ansiosos por um convívio sentimental e estável que jamais alcançam, literariamente denominados Casanovas. A promiscuidade sexual costuma atrair e carregar um juízo de erro ou desacerto, dependente da educação moral, da religião, da cultura, do grau de instrução formal, da idade, do status profissional.

Antonia veio à psicóloga dizendo-se *promiscua barata*, com meio ano de parceiros diferentes, sentindo-se *largada ao abandono, fêmea descartável*. Seus relacionamentos resultavam *vazios*. Não fumava, não bebia, não fazia uso de drogas. Sentia vergonha e ódio de seus acompanhantes, eles substituídos, ela substituída.

A psicóloga, compreendendo a solidão de Antonia, logo entrevistou seu histórico, de moça abalada por uma perda significativa, talvez a do pai, desaparecido no mundo muito cedo. Divorciada após breve casamento, Antonia morava com uma filhinha de três anos. Era enfermeira de pacientes cardíacos, em hospital de boa reputação. Não tinha com quem discutir seus sentimentos e não queria apelar ao Setor de Psicologia do hospital, seus conhecidos.

Onde encontrava os homens? Adormecia a criança, despiu o uniforme branco, soltava o cabelo, tímida em roupas não provocantes, aceitava estranhos em bares de descasados e em reuniões sociais, sentindo vergonha de *estar catando*. – *Se minha mãe soubesse o que ando fazendo, ela se viraria na sepultura! Mas ela nem mesmo está morta ! Eu não me respeito mais. Uso os homens e eles me usam*. - Podia, entretanto, raciocinar com lógica em defesa de seu direito à liberdade sexual. Sentimentalmente, porém, confessava-se *uma mulher apodrecida*.

Diversão suspeita, sobretudo em fins de semana, faltava ao relacionamento esporádico a intimidade, as emoções de uma verdadeira amizade. Tinha muito medo,

principalmente quando certos parceiros prometiam ser perigosos. De parte a parte havia mentiras, enganos propositais, e graus menores e maiores de hostilidade. Sua queixa emitia desprezo: - *É só um contato pele a pele.*

Subconscientemente, porém, desejava que esses homens, alguns com deformações físicas, fossem desprovidos de valor para assim desvalorizar-se a si mesma. Desconfiava de seu próprio comportamento: - *Costumo blindar-me desde o início, conspiro para não dar certo.*

Em pensamento, "*redimia-se*" porque *o corpo é meu, faço o que eu quero com ele, ninguém me venha com palpite. Só tenho de dar satisfação à minha filha !* – Filha de três anos, sozinha em casa... Poucos minutos depois, justificava-se diante da psicóloga: - *Não sei me controlar, sou má, fraca, horrorosa. Algo dentro de mim grita que sou rameira e mereço castigo.* - Homens e mulheres promíscuos põem à mostra sua inabilidade de confiar e amar. Os mais lúcidos, como Antonia, sentem repugnância do próprio comportamento, percebendo que assim dilapidam tempo, corpo, sentimentos e ideais.

Um velho, leucêmico, quis saber se Antonia era solteira, casada ou o quê, e mostrou reprovação ao saber que ela deixava uma criança adormecida em casa. - *Não quero nada contigo, Sá-Maria.* - Ele não a quis nem por uma hora. Antonia recolheu o dinheiro sobre a mesa. - *Você precisa se perdoar* - disse-lhe a psicóloga, apesar de jovem, velha de guerra. Nenhuma surpresa ante o

deteriorar-se do senso moral. Podia ver a Mulher de Samaria à sua frente, a Antonia sincera. Por escrúpulo, a psicóloga não faria, não poderia fazer, as vezes de Jesus.

Promiscuidade é palavra banida em psiquiatria, apesar de seu significado continuar explícito no dicionário: encontros casuais e indiscriminados, de alta frequência com diferentes parceiros. Ninguém nega que estes fatos acontecem, ora encarados como afirmação de vitalidade, ora como procedimento masoquista e/ou sádico, estes deliberadamente ferinos. E mulher como Antonia, assim que sua conduta é conhecida, vê-se apelidada de *prostituta sem paga* ou de *menos que motel*.

De acordo com as observações de sua psicóloga, o dia-a-dia de Antonia vinha anunciando depressões cada vez mais inquietantes, a ponto de confessar que desejava *cortar-se da vida*, eliminar-se pelo suicídio. Em desespero, vivia um dilema ético. Seu código interno impunha-lhe *parar de brincar e de ser brincada* pelos companheiros de sexo. Ela mesma diagnosticava – *Há quem goste de pele desconhecida mas não é o meu caso, não me satisfaz, perturba-me, sinto-me pior, estou azeda*.

Especialistas concordam em que o mais alto grau de desenvolvimento moral coincide com a experiência iluminante da transcendência do espírito. Mas Antonia, não sendo religiosa de tão elevada envergadura, poderia preservar certos graus de comportamento humano de que vinha descurando. Tinha amor à filhinha, tinha o amor de sua mãe, tinha cardíacos no hospital que dependiam de seu trabalho sério, responsável. Com paciência, a psicóloga

buscava reaproximá-la de valores sadios e de uma tomada de decisão pessoal, não outorgada. Confusa, a mãe sentia-se respeitada pela profissional de bom senso que imprimia vigor à sua franqueza : – *Sensibilizada por sua confiança, guardo em sigilo o que você me relatou de seus encontros indiscriminados. Raros discretos, alguns humilhantes e penosos. Você aprendeu que essas experiências não deixam flores e bombons.*

Era preciso por em evidência o lado desfavorável dessas entregas fortuitas. Um desafio à saúde, um futuro duvidoso: – *Se continuar com essa conduta questionável por você mesma, sua infelicidade persistirá. De contatos doentios com estranhos, poderá descambar para doenças transmissíveis, como aids e as moléstias venéreas, uso de drogas, participação em atos de corrupção e crimes. São agravantes de alto risco.*

Antonia sempre recordaria o repetido estribilho daquelas conversas: – *Cada ser é único, incomparável. Somos todos diferentes e todos estamos em mudança. Melhor é fazer o esforço de mudar, voluntariamente. Sua saúde mental é prioritária. Personalidade é sua figura social. Caráter é sua verdade moral, a que você põe em prática.*

Por outro lado, a psicóloga ressaltava os valores nobres que percebia em Antonia: – *Você é jovem, saudável, profissional de enfermagem, com uma vida diurna bem equilibrada, uma remuneração justa, mãe e filha vivas que dependem de sua inteligência e amor. A meu ver, cabe a você não decepcionar os que a estimam*

e que de você precisam. Não minta aos outros e não minta a si mesma. Deseja saber o que penso ? Precisa recuperar seu equilíbrio mental, por vontade própria. Depois, a vida terá outras respostas para sua satisfação e alegria.

Antonia havia descoberto a Amiga.

Amiga do Amigo que convida os anjos decaídos ao encontro acima das águas turvas do poço.

06 maio 2004

Revisor da Caridade

- *Não fui eu. Não suicido ninguém.* -Declarou,mais uma vez, o “elemento coincidente” .

- *Mas está sempre on the verge !* – Declarou, outra vez irritado, o delegado.

Ambos diziam a verdade, cada um exibindo seu idioma à revelia das leis gramaticais. No primeiro caso, o elemento coincidente entrara de fato no rio para verificar se o casual companheiro de aventuras morrera sem saber nadar. Apenas fora até lá, constatara a morte e voltara à terra seca, abandonando aos peixes o corpo vestido e lavado.

Era réu de faltar à caridade ? Sem provas, o delegado o apelidou de elemento coincidente. – *Não suicido ninguém, não é ?* - arremedou a autoridade, em tom desafiante, consciente de estar sendo the provoking element. Este brasileiro tinha a vaidade de pensar em inglês.

No segundo caso, o amigo morrera por overdose de cocaína, com a cabeça aberta pelo tiro, derrubada sobre a mesa suja de café e rum. O elemento coincidente apenas chegara tarde. O delegado o encontrou examinando a arma do suicida e teve de ouvir mais uma vez : - *Não fui eu. Não suicido ninguém.* Passando a mão na droga restante sobre a mesa, filosoficamente o amigo vivo achou de acrescentar uma variante: -*Não apronto o mal dos outros.*

Em sua irritação, o delegado também usou de uma variante- *Mas você está sempre on the brink !* Estava. Na semana anterior, sobraçando o violão enquanto subia para os barracos, alguém mais perto do céu foi atingido por uma bala desencontrada. O sujeito caiu de muito mau jeito na encosta, escorregando sem parar. Rolou já estropiado para o abismo, o pescoço partido, as vértebras porosas, esqueleto de subnutrido, desconjuntado.

Era falta de caridade contemplar o morto lá em baixo ? - *Não suicido ninguém, não fui eu* - disse em reforço de sua posição.

Segundo o escritor e humorista Millôr Fernandes, em seu Dicionário Definitivo, **revisor é o sujeito cuja profissão é um erro**. Inteligente, criativo, Millôr deve ter conhecido muitos ignorantes do idioma que achavam de corrigir seus textos, arruinando-os. - *Já ando farto de ser o-revisor-da-caridade deste coincidente just about to do it* - pensou o delegado.

Duas semanas após estas coincidências e revisões-da-caridade, a morta tinha ao lado o elemento à beira de. O músico chorava, muito caridoso. - *Por não ter a posse do dinheiro exigido pelo resgate* - explicou ao delegado. Era sua mãe de criação. Devolvida à moda dos caçadores de cabeça.

PX, a andarilha visionária

Viveu, ensinou, escreveu. Muito falou.

Poucos lhe deram atenção.

Para trás deixou a sandália direita,
consumida no calcanhar.

Como andaria ela apenas com a sandália esquerda ?

Persistiu, manca.

Palmilhou as terras do planeta até encontrar
todas as noites após todos os dias.

Voltou a calçar a sandália direita para morrer
com as duas juntas.

Outra visionária retomou a peregrinação de PX.

Alguns a entenderam, mas ninguém a seguiu.

Partiu de motocicleta e um pneu trepidava.

18 julho 2004

Precursor de Webmail

Era um engenheiro norte-americano, bem posicionado na administração de uma estrada de ferro no sul do Brasil. Viajado, poliglota, sua fascinação por idiomas levou-o rapidamente a estudar o português literário. Fazia uso de livros, jornais, revistas, dicionários, gravações, conversas, conferências, tudo que pudesse ouvir, ler e apreciar. Não demorou e podia rir-se da tradução de títulos e legendas de muitos filmes em nossos cinemas. Ensinava sem arrogância. Divertia-se com aspectos da cultura popular e, ao mesmo tempo, lia obras de História do Brasil que a muitos brasileiros nunca interessaram.

Aposentou-se e, com uma renda mais do que folgada para um idoso *bachelor*, voltou às suas raízes idiomáticas, à pátria onde podia discernir com prazer os diferentes sotaques regionais e as gírias temporárias. Deixou bons amigos no Brasil e, excelente redator, enviava com frequência cartas simpáticas que faziam a alegria dos antigos companheiros de trabalho e de seus jovens familiares. Todos comentavam e acostumaram-se com as mensagens inteligentes, instrutivas, insinuando um estilo de pensar, uma crítica suave, o estar-em-dia com a vida cambiante.

Por exemplo, numa carta vinham certas profecias de seus governantes: - *A bomba atômica nunca será detonada e isto afirmo como perito em explosivos* – disse o almirante W. Leahy, conselheiro militar do presidente

Truman. Ou então, *Não importa o que aconteça, a Marinha dos Estados Unidos não será surpreendida dormindo* - profetizou o secretário (ministro) da Marinha, Frank Knox, três dias antes de Pearl Harbor. O ataque traiçoeiro dos japoneses decidiu a entrada da América na Segunda Guerra Mundial. Neste parágrafo da carta, o remetente citava um provérbio em português (não havia esquecido !)- *Em boca fechada não entra mosca*. Longe, no hemisfério norte, ele continuava a sorrir dos *arrogantes ignorantes*, chamando esses compatriotas de *paranormais apressadinhos*. - Era com senso de responsabilidade que examinava os falsos videntes.

Em sucessivas cartas, ele expunha crendices de seu povo: *-Triscaidekaphobia é o nome do medo ao número 13. Essa fobia levou hotéis a não ter 13º andar, quarto 13, mesa 13. Cidades não têm Rua 13. Não se começa viagem, não se faz grande negócio, ninguém se casa em dia 13. As legítimas bruxas trabalham com 13 gatos. Se um relógio der 13 badaladas, alguém vai morrer. Isso porque os pioneiros da nação foram ingleses. Na antiga Inglaterra, chamavam de O Velho 13 ao carrasco que enforcava criminosos e inocentes porque ele recebia 13 shillings em pagamento. Aqui, o americano distante escrevia em português, bem humorado: Durante um ano temos doze dias 13. Se acreditam, olho vivo, cuidado!* - Era o seu estilo de repetir : *- Let us be thinkers, friends !*

Será que a vida é, de fato, um ilogismo ? Em cartas posteriores, ele trazia curiosidades do resto do mundo: *- Ao tomar conhecimento de que seu marido era infiel, Vera Cermak, de Praga, na Checoslováquia, atirou-se do 3º*

andar. Salvou sua vida ao cair sobre seu marido. Ele morreu na hora.- Outra surpresa: - Jean Hayme, 22 anos, surda há 22, trabalhava numa fábrica de carros em Coventry, na Inglaterra. Um monumental espirro terminou com seu duradouro silêncio. Ela começou a ouvir com perfeição. - Estão achando impossível, amigos do Brasil ? - Na Suécia, em Skkeftea, Gun Thorsson, 43 anos, foi ao dentista extrair um dente. Estava cego há 20 anos. No momento em que o dente foi extraído, ele recuperou sua visão. De uma viagem a Nairobi, no Kenya : - Um casamento foi cancelado porque formigas mastigaram uma pilha de 2.000 notas de 2 shillings que um africano havia enterrado no jardim de sua casa. Estava economizando para comprar uma noiva.-

De vez em quando, sobre a circunferência de tantos eventos humanos, surgia uma luz impessoal : - *O Sol leva 200.000.000 de anos para concluir sua órbita em nossa galáxia. -- Um supercomputador acaba de calcular o maior número primo conhecido, uma enormidade de 65.050 dígitos. Para escrevê-lo uma só vez, são necessárias duas páginas inteiras de um jornal. - Sim, nosso engenheiro, Precursor do Webmail, conservava seu interesse por números. Para nós, jovens e velhos que o valorizavam, ele era o maior dos números primos e estava indo silenciosamente para o Sol.*

Resulta entontecedor pensar que, meio século após as cartas do velho *Webmaster*, um Emérito professor de Física de Princeton, Freeman Dyson, tenha apresentado “o tempo mais longo até hoje calculado: o nº 1 seguido de tantos zeros quantos são os prótons existentes nos bilhões de galáxias observáveis” Haja tontura !

Nosso precursor representou o Correio Aéreo de seu tempo, três décadas antes da tecnologia computadorizada invadir o próprio Correio. Sem dispor de *Windows Messenger* e de *Outlook Express*, da velocidade das Bandas Largas por telefone e rádio, de *e-mails* percorrendo os continentes de norte a sul, de leste a oeste, ele gostava de comunicar-se, não esquecia os amigos e o Brasil com Z. Nossas respostas às suas cartas, por absoluta empatia, rezavam por seu estilo e, à moda brasileira, nós lhe garantíamos a sintonia : - *Querido amigo, estamos juntos no mesmo barco.* – Felizmente, suas cartas e postais nunca se extraviaram e não tínhamos de nos preocupar com *vírus, firewall, zone alarm, spasm, spyworms* e outros filhos do Saci.

Uma carta fez a delícia de nossos vestibulandos e estudantes de medicina : - *Num tribunal da Costa Leste, um advogado de 71 anos defendia seu cliente, operado da vesícula biliar. Pretendia condenar o cirurgião por diagnóstico irresponsável, imperícia, erro médico. De repente, sofreu um ataque cardíaco. Os dois médicos que faziam a defesa do cirurgião imediatamente saltaram de suas cadeiras para prestar socorro ao advogado. Um deles conferiu os sinais vitais e abriu-lhe a camisa, o outro deu início ao rítmico bombeio do coração tentando ressuscitá-lo boca a boca. O idoso voltou à consciência, mas em estado grave, transportado ao hospital em ambulância. O juiz arquivou o processo.*

Telefonamos ao escritório da estrada de ferro onde ele serviu. Ganhamos a certeza de que ele arquivou os dígitos e partiu para o Sol.

PX, a Evanesciente e a Íntima

Demandam professores de civismo e cidadãos do mundo como eu, a PX que nunca veio e não virá, nem que supliquem pelo amor de Deus.

Inexistiu na história social, política, econômica. É um rabisco pós-bélico, jurídico, romântico, de genocídios nato, uma ilusão.

A PX exterior só disfarçou ausência de sossego interior, o agito cobiçoso, a ambição de lucro, poderio, prestígio, fama.

Domínio sobre escravos, rebeldia de injustiçados pela fome e nome, PX externa é crime, dor, martírio, soberania interna inconquistada.

Que homem tem domínio de seu corpo, de seus instintos, emoções, anseios, quem conquistou a mente no silêncio, quem forjou seu caráter meditando ?

Quem ignora a auto-disciplina não sabe governar seus sentimentos, não sabe o que é a Vontade, o escolher o Bem em vez do Mal, critério ético.

PX exterior deriva de outra, poesia a vir da interior completa, serenidade ultramental, angélica, da convergência dos Irmãos em Deus.

08 abril 2001

Destravando o Computador das Abelhas

Sociólogos dedicaram-se a estudar, nas últimas décadas do século vinte, o comportamento de esponjas, abelhas, formigas, pombos, golfinhos, gorilas e outros animais. Reuniram-se em Berlim, na ampla Dahlem Konferenzen, para discutir o sentimento, a inteligência, a linguagem, a consciência dos seres vivos, situados em diferentes níveis de sociabilidade, de acordo com a evolução filogenética. Participaram psicólogos comportamentais, psicólogos cognitivistas, neurolinguistas, filósofos e pesquisadores associados em universidades, cerca de 50 conferencistas.

Inicialmente, todos os cientistas concordaram em que pouco se conhece da “mente animal”. Começaram por debater *se o animal possui mente*, pois sabemos que os processos mais simples de conhecimento são os da percepção sensorial, inegável nos animais. Níveis mais articulados exigem memória e a sofisticação de comparar, induzir e generalizar. De um lado, uma distância se coloca entre o simples gesto mímico e a mera articulação do som; de outro, a formação da frase inteligível, a linguagem que abrange múltiplos significados de uma só palavra, a riqueza do vocabulário, o conhecimento da etimologia, da sintaxe de um idioma, sua ciência e sua poesia.

A reflexão do teólogo e a do filósofo, a mais avançada pesquisa científica, as novas descobertas em todas as áreas da atividade humana, permitem distinguir entre mentalidades sensitivas e racionais, que no gênio

operam em sintonia. Muitos cientistas ali presentes adotaram a posição de que a sensibilidade é *o degrau primeiro para a racionalidade* e passaram a falar em *gradações de consciência entre as espécies*.

O exemplo mais freqüente apresentado, de mente habilidosa, foi o das abelhas na sociedade dos favos. Elas têm sua linguagem expressiva, danças complicadas, seus vôos mapeados pacientemente por Karl von Frisch. Fazem cálculos extremamente complexos para cobrir a menor distância entre a colméia e a flor, apesar dos obstáculos interpostos pelo pesquisador sênior. Um psicólogo mais jovem, da área da inteligência, retomou a conhecida cartografia das abelhas e descobriu que elas sabiam distinguir a rota falsa, comunicando-se com suas irmãs em vôo, aprendendo a compensar imediatamente o erro introduzido pelo homem curioso. Todos os conferencistas concordaram que, neste caso, *há inteligência inegável, indiscutível*. Não se trata de comportamento mecânico, pois as abelhas provam que *têm capacidade de ajustar-se às dificuldades inesperadas e a corrigir o mais recente caos em sua rotina*.

Quem não foi detido por um computador bloqueado? Cometeu erro ! E recebeu o aviso daquelas janelas menores --é preciso verificar a consistência do disco... o Windows está processando o reparo.-- Alguns dos pensadores mais ágeis concluíram logo : ***Uma abelha é um notável computador orgânico. Conciso, exato, matemático.*** Outros colegas acrescentaram: *-Não importa a sofisticação de um aparelho, pois os ingredientes básicos da mente animal e da humana são os mesmos.*

A similaridade entre os dois cérebros sugeriu, então *a fraternidade das espécies*. Em menos de duas décadas, porém, a pesquisa genética deixou perplexos os incrédulos. *Nossa protomãe foi africana, judeus e palestinos são primos pelo genoma, e Adão nasceu de Eva !*

O interesse não se limitou às abelhas. A reunião dos pensadores acontecia do outro lado da rua, na calçada oposta à do Zoológico de Berlim. Foram revisados os cantos dos pássaros, das baleias, dos golfinhos, e as emoções animais. Roberto Seyfarth, então professor da Rockefeller University, arguto observador de macacos na selva, descreveu um dos símios que soltava o grito-de-alerta-de-leopardo (não para avisar da presença do predador) mas para acabar com uma briga no bando. Uma gorila freqüentemente enganava os humanos que tratavam com ela, como às vezes fazem cães e gatos, com o propósito de iludir, de fraudar a relação com o homem, de decepcioná-lo.

Perguntas começaram a explodir a respeito do sofrimento dos animais. Se você fratura as asas de uma borboleta, ela sente dor ? Criatórios estreitos, onde milhares de frangos são engordados por atacado, neurotizam as aves pela falta de espaço; se não podem protestar pela dor sofrida, podem manifestar suas preferências, saltando nas costas dos outros ? Cientistas são vidrados em descobrir o que estimula sua consciência do desconhecido. Que sente o touro exibido na arena para a morte ?

Fatos da natureza também chamam a atenção, os mais sonoros. Lembram-se da memória do elefante indiano

que sofreu nas mãos de um treinador impiedoso sem poder revidar ? Anos mais tarde, livre, ele viu aquele homem à sua frente, lembrou-se e não perdoou a tortura; achou que tinha uma lição dura a ensinar. Recordado também foi o gato que sabia o que o dono queria dele e, de propósito, de caso *pensado*, o frustrava.

O comportamento de cães (não o mecânimo obtido por reflexo pavloviano) sempre fascinou proprietários e pesquisadores na América e na Europa. O cão que espera seu dono na porta de casa, minutos antes deste chegar e até mesmo antes de telefonar avisando. Para testa-lo, o dono troca o carro pela bicicleta ou vem a pé, mas o cão continua firme na porta. A cadela que se atira à dona e a lambe sofregamente até fazê-la deitar-se no chão, antes do ataque epilético, duas vezes por semana. Cães que, abandonados, voltam ao lar distante. O pequenino Prince que se transportou da Inglaterra, através do Canal da Mancha, e procurou seu dono, soldado nas trincheiras da França, na primeira Grande Guerra. Fidelidade, ajuda, saudade, sofrimento.

Explicações mais avançadas que as genéticas? Fenômenos paranormais, supralógicos ? Ou relativos a aura ultravioleta que se forma entre o dono e o animal, no espaço-tempo onde ambos se relacionam? Ao final da conferência em Berlim, os participantes concordaram que a ciência precisa aprofundar-se mais na sociobiopsicologia animal, admitindo suas peculiares emoções em grupo e em solidão, suas gradações ou níveis de consciência, suas interrelações com o cosmos.

Hora de passar às plantas, às pedras, aos astros, ao universo e à voz dos poetas perenes. A de Tagore, em seu Gitanjali - *Atende ao que Te suplico, que eu nunca perca o contato de Ti que és Um no jogo de muitos.* A voz de Garcia Lorca, em visita a Nova York, em sua Ode a Walt Whitman - *porque é justo que o homem não busque seu deleite na selva de sangue da manhã próxima, aquela, sob as balas assassinas, de seu próprio martírio na Espanha.*

E o Irmão, o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho: *...me sinto irmão. Fraternal, indissolúvel. Irmão da planta imóvel, irmão da fera, irmão da estrela e do cigano, irmão do saltimbanco, irmão da noite, irmão da morte. Sempre irmão !*

A voz de Vicente de Carvalho, contemplativo do mar - *É nas lições do olhar que aprendemos o Bem e o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdém. A dor que vemos dói como se em nós doesse.*

A voz de Cecília Meireles em seu Compromisso: *...um poder de abraçar, de envolver as coisas sofredoras e leva-las aos ombros, como os anhos e as cruces.*

E Carlos Drummond de Andrade fazendo de Luis de Camões o paradigma de todos os poetas: *...És o próprio amor, latejante, esquecido, revoltado, submisso, renascendo, re florindo, em mil corações multiplicado. Dor particular deixa de existir para fazer-se dor de todos os homens, peregrina, musical, na voz do órfico acento... não se sabe mais se é dor, delícia, espinho, afago, morte, renascença... e do gemido destilar a canção*

consoladora a quantos de consolo careciam e que jamais a fariam por si mesmos. A voz de Adélia Prado em *Coração Disparado* - *A poesia é pura compaixão.*

Parente de Gonçalves Dias e de sua morte no mar, nas fimbrias da Canção do Exílio, surge a voz de Renata Pallottini, capaz de captar o tremor da vida em sua Canção do Asilo, em seu Calafrio diário: *Mas tem um céu depois de tudo, com mais estrelas, mais estrelas. Ah, permita Deus que eu morra para vê-las.*

Voz de Marco Lucchesi, o sem fronteiras, em sua *Sphera* - *A pedra que não tive... que perdi... Foi sublimada e assim me transformei na coisa amada.*

05 novembro 2003

Rosas da Cor do Carvão

Na Inglaterra de séculos atrás havia, como valor emblemático de seu povo, o amor, o cultivo e o respeito às flores. Quase todas as mulheres que dispunham de algumas horas de lazer tinham seus jardins personalizados, plantando mudas de sua escolha em vasos, canteiros e peitoris de janela, acompanhando embevecidas seu crescimento, orgulhosas dos botões que apontavam entre os arbustos ou ao longo das trepadeiras. Plantas queridas e frágeis eram protegidas do vento, da chuva, da neve, guardando-se os bulbos para florescer na próxima primavera, no verão do ano que vem.

Flores as mais comuns brotavam no mesmo pedaço de chão, compondo lençóis, tapetes, colchas de retalhos multicores, envolvidos em perfume e simbolismo. As pálidas açucenas, as anêmonas brancas e vermelhas. Camélias, cravos, crisântemos amarelos, narcisos cor de ouro, as inocentes margaridas. Os miosótis pequeninos e azuis, símbolos de *Forget-me-not*, *Não me esqueças*. Gerânios rubros com suas primas, as malvas-rosa. Madresilvas de aroma encantatório. Os jacintos criados por Apolo. A hera, perto ou longe do musgo. Os jasmims inebriantes. A alfazema ou lavanda, para aromar as roupas, os armários, a cutis. Os lilases purpúreos, conhecidos como flautas-azuis. Os lírios imaculados. Os narcisos solitários. Os amores-perfeitos, emblemas de afeto. As papoulas escarlates. As prímulas, as tulipas, as violetas roxas. E, como não podia deixar de ser, as rosas.

O poeta do século XVI, Shakespeare, disse da juventude e da rosa: *Fenecido o frescor, sua verdade em meu verso persiste*. Dramatizada pelo poeta, a Guerra das duas Rosas, a branca da Casa de York e a vermelha da Casa de Lancaster, acabou por um casamento entre ambas, formando a Rosa Tudor, que a rainha Elizabeth I escolheu como favorita, ainda hoje presente na heráldica inglesa.

Esse amor tradicional à Rosa perdurava numa residente de 80 anos saudáveis, afetiva e inteligente, leitora ávida e participante interessada nos acontecimentos familiares, querida de todos que a conheciam. Havia perdido o marido, vivia com a única filha e um belo cão pastor de pelo dourado. Como toda inglesa, esta Senhora Mãe mimava uma roseira de flores vermelhas, sua favorita.

O casamento de sua filha a transportou, com seus livros, suas porcelanas, o cão pastor e a roseira, ao solar do genro, ampla casa térrea de quatro quartos luxuosamente mobiliados, como as salas de estar, de jantar, de música, e a biblioteca. O quinto quarto, o mais largo de todos, era uma síntese de bem-estar e requinte, unindo dormitório, closet, sala de leitura e piano, todo decorado com quadros de época. Grandes portas de vidro com fechaduras internas abriam-se para um pátio de vegetação luxuriante que encobria seus muros. Por trás desse pátio, e ao redor do solar, estendia-se o jardim murado onde foi transplantada a roseira predileta da Senhora Mãe.

A vida ali decorria agradável, mansa, de perfeito entendimento entre senhores e serviçais. Recebiam

amigos, mantinham suas relações com médicos, professores, escritores, artistas. Todos chamavam a anciã, respeitosa e afetuosamente, de Senhora Mãe. Houve paz e doçura naquela velhice por muitos anos.

Certa manhã, despertada pela filha com uma xícara de chá, a Senhora Mãe lembrou-se de terem sido, ela e o cão, acordados por um ruído durante a noite. Nada parecia diferente no grande quarto. Examinando melhor, a filha distinguiu um quadro tombado da parede, debaixo do piano. Reparou na moldura trincada, o vidro intacto, mas nada disse à mãe porque, na Inglaterra, a superstição vigente sobre um objeto caído da parede significava morte próxima.

O genro cuidou de consertar a moldura, verificando que o quadro pendia de um fio de seda perfeito atado a um sólido parafuso. Nada havia que justificasse a queda e nenhum outro quadro havia caído. A pintura não evocou nenhuma associação relevante. Foi reposta no mesmo lugar, sem que a Senhora Mãe percebesse.

Uma semana depois, na roseira predileta surgiram três botões negros, em vez das usuais rosas vermelhas. Um contraste surpreendente. Abriram-se no mesmo dia em que a Senhora Mãe começou a queixar-se de certo mal-estar, de dores abdominais que deixaram intrigado o seu médico. Ele a transferiu ao hospital, mas os cirurgiões nada encontraram de errado ou grave. Permaneceu em observação, com a filha a seu lado. Vestido para o caso de ser chamado, o genro dormiu em casa, o cão a seus pés.

No meio da noite, o cão movimentou-se e o genro ergueu-se percebendo uma corrente de ar frio que parecia vir do quarto da Senhora Mãe. Lá, as portas de vidro, que ele mesmo havia fechado e não podiam abrir-se pelo lado de fora, estavam escancaradas. Ele atravessou para o pátio com a sensação de que alguém, de dentro, havia aberto as portas e flutuado por cima dos muros. Voltou para o quarto e fechou as portas mais uma vez. O telefone tocou: a filha comunicava dores repentinas e, urgente, uma cirurgia do abdômen. Mas a Senhora Mãe não voltou da anestesia.

Após o enterro, o casal colocou as três rosas negras no vaso de cristal na mesa da sala, surpreendendo os amigos, entre eles, um pesquisador de fenômenos paranormais que procurou o famoso Jardim Botânico de Londres. - *Uma rosa negra, natural, é fenômeno raro, ainda mais três ao mesmo tempo, na mesma planta. Nunca soubemos de fato igual* – disseram, surpresos os botânicos de Kew Gardens.

Nunca mais a roseira favorita produziu três rosas negras simultâneas. Todas continuaram brilhantemente vermelhas.

A roseira tinha vestido o luto por sua Rainha Mãe.

1º junho 2004

Aprendendo a Depender

Fim de uma tarde de trabalho mental. O professor deu sua última aula e deixou a Faculdade em passos lentos, saudando amavelmente os amigos pelo caminho. Em sua residência, próxima dali, tomaria um lanche, doce de goiaba com queijo prato e apenas um copo de guaraná. Levou o jornal para a mesa da cozinha.

Mal começou a ingerir seu doce predileto, engasgou-se. A visão turvou-se. Tossiu sobre o jornal, imprecisamente distinguindo as letras impressas. Sentiu-se tomado por um torpor indescritível. Queria chamar o filho e não conseguia falar. Procurou retirar o alimento da boca, sem que a mão direita obedecesse, o braço pendente, flácido, como se tivesse recebido um golpe aniquilador acima dos olhos. A cabeça doía.

Milagrosamente, seu filho entrou na cozinha, comentando : - *Que há, velhinho, engasgou ?* – O pai gaguejou: *âm, am*. Assustado, o filho pensou em bater-lhe nas costas, mas depressa fez melhor : abriu a boca do pai e retirou o alimento ali detido. Visto que o pai perdera a fala e a sensibilidade do lado direito, o moço rapidamente chamou a mãe.

Pelo movimento amolecido das mãos em torno dos joelhos, a esposa compreendeu que o marido queria escrever. Trouxe, às pressas, um bloco de notas e uma caneta. Ele traçou uns garranchos, difíceis de decifrar. Ela pensou em infarto. O filho imediatamente telefonou ao

médico. Ou seria uma infecção? Talvez uma determinação genética ?

O médico, amigo, chegou em minutos. — *Provavelmente, um coágulo, uma artéria lesionada.* — Tranqüilizou os familiares, fez os exames relevantes, medicou o professor e providenciou uma enfermeira para o período noturno. Vagarosamente foi levado a seu quarto e trocou de roupa, com a ajuda do filho. Dormiu a intervalos, como se tivesse pesadelos.

Na manhã seguinte, uma ambulância o transportou ao hospital para os exames de coração e cabeça. Ficou internado, paciente quieto, obediente, aceitando a agulha intravenosa no braço e os cuidados de enfermagem. A esposa imaginou comunicar-se com ele por meio de um papel de carta com todas as letras impressas do alfabeto, para que ele indicasse as que formariam as palavras. Não deu certo.

Fisiologicamente, o acidente vascular-cerebral é sintoma de arterioesclerose. O sangue é bloqueado numa artéria que vai ao cérebro. Este não recebe suficiente oxigênio, alimento vital das funções mentais. Um AVC grave depende do local e da severidade desse bloqueio, comum quando as artérias dos idosos se deterioram. Plaquetas protetoras procuram aglutinar-se junto à lesão do vaso sanguíneo para reparar o dano. Se o coágulo se forma, a artéria se entope, o cérebro se resente da falta de oxigênio. Raramente alguém tem um derrame antes dos 35 anos. O querido professor chegara à idade de 66, quando seu médico lhe prognosticava muitos anos ativos, desde

que cuidasse da qualidade de vida.

Casos há em que um AVC deriva de AA (alta ansiedade, stress), problemas conjugais, insegurança profissional e salarial, uma hipoteca sobre a moradia, doenças em família, etc. Ele era um professor titular de Literatura e Línguas, com uma família amorosa, dívidas inexistentes, e não apresentava um histórico de internações e cirurgias. Pessoas sadias também podem ter um derrame, se uma severa aflição obriga o córtex frontal a mobilizar os músculos cardíacos a fibrilarem, causa de isquemia e/ou morte. O professor não tinha aflições.

No quinto dia, usou o barbeador elétrico e assistiu confusamente a jogos esportivos pela televisão. Murmurar, somente por dez ou quinze minutos com uma pessoa de cada vez, em ambiente silencioso. Vozes simultâneas e ruídos ao seu redor foram abolidos. Recebia visitantes, incapaz de sentir um beijo na face. Os lábios mal se moviam, descoordenados. Aprendeu a ingerir devagar para não tossir. Dormia bem e logo foi transferido para a cadeira de rodas. Recebeu alta, nove dias após o AVC, proibida a relação sexual.

Estava em férias, alegria! Planejava visitar museus, livrarias, amigos e cidades próximas, fazer excursões, gozar de sossego numa pousada à beira-mar. Negativo. Faltavam-lhe forças, resistência física e mental. Em casa, entrou em depressão debilitante.

Começou a experiência de aceitar-se dependente dos outros. Exercícios de andador para fortalecer as pernas e

assegurar o equilíbrio. Banho vigiado, com a presença de barras de apoio e de segurança nas paredes para evitar os tombos, os escorregões. Ginástica tranqüila todos os dias e massagem semanal. Descer e subir escadas à entrada do jardim, uma vez por dia; ele errava a altura dos degraus, com perigo de tropeçar. Abandonava os exercícios, as pernas ganhavam flacidez.

Na primeira hora após o despertar, nem a esposa compreendia o que ele murmurava. Uma pessoa dependente em casa gera o cansaço de todos, inclusive do traumatizado. Companheira solícita, a esposa pediu licença de seu trabalho profissional. Era ela quem levava às mãos dele as refeições, as roupas, objetos, novidades, etc. Incansável, estava sempre disposta a servi-lo. Felizmente, a casa era térrea !

O professor ressentia-se de não dar prosseguimento a antigos estudos. Não podia esculpir pequenos animais porque a escultura exigiria concentração e mãos seguras. Não podia remontar o que desmontava, esquecendo onde havia deixado a chave de fenda. O filho procurava entreter o pai em horas de lazer, pacientemente, envolvido na linguagem de *ponha essa coisa em cima dessa coisa* .

Ser dependente é tornar-se passivo. Grudar-se ao aparelho de televisão e aos horários de notícias. Pessoas falando e agindo juntas o desnorteavam. Cansava-se demais com os visitantes que se demoravam, pensando que assim lhe faziam bem. Pelo contrário, ele dormitava, sem acompanhar a conversa do amigo. A esposa acabou por admitir um ou dois visitantes por vez, durante curtos períodos.

Um mês depois do AVC, o médico autorizou o passeio fora de casa, desde que moderado. Foi um maravilhamento para o professor, embora o tempo estivesse a prometer chuva. Passou a receber convites dos amigos para jantar em restaurantes, mas ele ainda não recuperara o controle sobre os lábios. A esposa preferia levá-lo a pequenas lanchonetes, de pouco consumidores, sem barulhento fundo musical. Ela colocava a mão sobre o guardanapo dele para que o marido soubesse que devia usá-lo na boca e, sem dar vexame, ele comia em público. O alimento parava junto aos dentes do lado direito e ele não tinha como forçá-lo a mover-se apenas com a língua.

Dependentes com deficiências nas pernas e nas mãos podem ter limitações sexuais. Com licença médica, o professor e a esposa voltaram às práticas do casamento, vencendo a depressão emocional que acompanhava o acidente cérebro-vascular.

Aprendendo a ampliar sua independência, ele tratou de imitar um velhinho japonês conhecido no parque. Adquiriu um banquinho baixo, dobrável, que carregava em suas caminhadas mais longas, para descansar a intervalos. Mais tarde, recorreu a uma bengala, para as andanças prolongadas. Com aparência de aleijado, as pessoas lhe abriam passagem, o que muito o agradava porque temia ser empurrado e cair em meio a multidões. Não obstante, em casa, mesmo sem correr, trombava com pés de cadeira e pontas de mesa. Aprendeu a apoiar-se no corrimão das escadarias e no balaústre dos shoppings.

Difícil também era assinar cheques. Treinava sua

assinatura, graças à contínua solidariedade da esposa. Demorou mais de sete meses pra bem copiar uma palavra. Falava "como Marlon Brando" com a voz sufocada nos filmes de mafiosos. Gaguejava e tremia ao sentir cansaço ou nervosismo. Para um afásico, cantar velhas e simples canções é mais fácil que falar. Pessoas independentes podem comer e ver um filme ao mesmo tempo, ou atravessar a rua observando o tráfico nas duas mãos de trânsito. Para o dependente professor de Literatura, mais de um objeto exigindo sua atenção era o caos. Bulas de medicamentos e instruções sobre objetos ganhos ou adquiridos (aperte o botão x, depois o y...) deixavam-no estonteado.

Números, quantidades e quantias elevadas, com numerosos zeros, complicavam seus cálculos e avaliações. Nas lojas, não encontrava as palavras adequadas para explicar o que pretendia, obscuramente sabendo que a palavra certa começava por determinada letra, como festa, fússível, falência. Frustrações do corpo e da mente, nunca antes conhecidas, agora o ensinavam a dizer: "*desculpe-me*", "*eu não sei*", "*eu não me lembro*", "*enganei-me*", "*ajude-me nisto*".

Meses após o derrame, o médico sugeriu ao professor livrar-se da bengala : - *Comece a andar sem ela, caminhe sem parar, sue bastante* - Mas ninguém sabe, nem os médicos, quando se dá a completa recuperação de um traumatizado. São mais freqüentes nos idosos as demoradas convalescenças. Muitos aceitam o acidente sem a ilusão de voltar atrás, ao físico da juventude, conformados com um corpo que já não é o amigo de antes.

Para o professor de Línguas e Literatura, a grande perda reside em seu vocabulário, tão extraordinário durante suas aulas e nos livros de sua autoria, agora dependente de quem lhe diga a palavra que ele conhece, mas da qual não se lembra instantaneamente. Ao conversar, ele recorre, às vezes, a um truque, o de demorar-se um pouco, fingindo estar escolhendo o termo justo, esperando que o ouvinte inteligente lhe ofereça a palavra que cabe no discurso.

Para atenuar essas falhas de seu professor (antes fluente em vários idiomas), seus antigos alunos, afetuosos, costumam simular esquecimentos : - *Ah, eu também esqueço, todo o mundo esquece.* - Contudo, o professor não se ilude: - *Eles negam meu envelhecimento porque são carinhosos. Nos primeiros dias, eu respondia - não, não, estou esquecido, este AVC me afetou a memória. - Negar o fato é gentileza deles. Ficar me queixando é aborrecer os outros com minhas dificuldades.*

Homem realista, aprecia todos os seus lazeres : - *Não sou uma criança. Tornei-me um semi-inválido, quero receber cuidados, sim. Mas procuro salvar o que resta de minha competência e responsabilidade. Hora de ginástica tranqüila, passeio no parque, serviços domésticos leves, livros ilustrados, como os dos grandes pintores. Ele recorda um encontro recente : - Uma senhora de bengala, com próteses nas duas pernas, me disse: Tenho cabeça e braços, não vou me encostar nos outros, passivamente. Fazer o que posso não me impede de aceitar ajuda voluntária para aquilo que não posso.*

O pulso do professor dói para escrever. A memória o atrapalha. As rugas caídas do lado direito do rosto parecem naturais, só os médicos percebem que são seqüelas do derrame. Ele viaja acompanhado, discute política e cinema. É preguiçoso quando quer, sabe que um segundo AVC pode lhe acontecer. Não minimiza suas dificuldades. Sabe manter-se disciplinado. Inventar novos interesses como experimentar receitas culinárias fáceis. Escolhe suas roupas, suas músicas, seus filmes. Diverte-se com seu computador, com os dicionários falados e as cambiantes imagens da rede eletrônica.

E o mais importante, precisa de amigos, por isso não os aborrece com repetidas conversas sobre seu AVC.

- Pode acontecer a qualquer amigo, não é, minha velha ?

08 maio 2004

Tinha o Poeta de ser um *Rishi* ?

Substituta temporária do colunista titular, em pequena cidade do interior, longe de seu lar, a jovem professora chegou à redação do jornal com o texto pronto para ser impresso. Antes, porém, quis saber o que lhe enviavam no pacote recebido à entrada. Era um livro de versos, omitido o remetente. Abriu-o em qualquer página, leu o que o Poeta lhe comunicava e, pensativa, sentou-se à mesa de um redator ausente. – *Que coincidência ! Vou agradecer já.* - Releu sua crônica até a invocação “*ó gêmeos do meu sangue !*”. Em seu entusiasmo de neojornalista, havia começado assim:

Escuto a voz de todas as coisas do universo e seu cântico reproduzo com respeito e amor. Ouço as nuvens nas tardes de sol, ouço as rosas nos jardins sombreados. Os jovens têm risos de esperança, as crianças são biombos do futuro. O crepúsculo sobre as serras tem voz de saudade, as estrelas à meia-noite são mãezinhas acordadas.

Eu falo e escrevo, interpreto e canto. Trabalhando, estudando, aprendendo, ensinando. Vivo para o mundo e sua beleza. Ouço Deus poderosamente em tudo que vibra e universal me agito em perpétua insônia. Saio de mim e me converto em natureza circular. Na barca deslizante sobre o rio, na ponte que os operários constroem junto à fábrica, no avião do correio, em negrinhos de bruços sobre os livros, na pombinha que vem buscar arroz na porta das cozinhas, no enfermo que re-aprende a rezar na hora do sofrimento, neles estou, neles me converto.

Eu sou a mãe preocupada com o namoro da filha,

sou o criador de abelhas, o estudante do céu, o médico da alma, o vendedor de frutas, o aluno relapso que magoa o professor, a ímpia mulher que malgasta seu tempo em conversa difamante, a pobrezinha que arremata seu vestido para o casamento, o artista que comove o povo no cinema, o gênio silencioso em seu laboratório, o santo desconhecido dos homens mundanos. A vida exterior se introverte em mim e eu me divinizo.

Enquanto sou fração, estou insatisfeita. Enquanto for átomo, hei de estar sempre procurando o todo. Eu sinto que sou eterna. Eu sou a piedade de meus santos, a ternura de meus amigos, a grandeza moral de minha mãe, a alma de meus alunos. Eu quero tudo compreender e tudo amar, ser divina por pertencer a tudo e ser amada por Deus em tudo.

Mas há dias de fortaleza hostilizada. De gente maldosa, a infeliz, a de restrita visão. O abraço imenso debilita-se. As coisas se calam, os culpados silenciam, os vasos comunicantes se fecham e vem a provação de ficar só, sem o ombro solidário, sem o suspiro de alívio. Nenhum olhar que nos fite as pupilas, nenhum sorriso que faça da vida um sorvete de mel. Se nem a louquinha me saúda na porta do asilo embandeirado para a festa junina, meu Deus, falta paina nos meus olhos !

É quando o conforto humano se valoriza ao infinito. Uma palavra, um gesto, uma companhia indireta. Vem, meu próximo, sê meu amigo, minha irmã, porque eu tenho vivido para desejar tua saúde, para te ver melhor, ò gêmeos do meu sangue !

Ela, então, acrescentou seu agradecimento pela oferta anônima, de tão pura sincronicidade:

E o conforto vem. Uma alma delicada, discreta, copaciente, dessas que advinham um silêncio pensativo, uma alma-irmã, surge com a mensagem reconfortante, a palavra justa, o sereno estímulo, o óleo da alma. Foi assim que me chegou às mãos *A Colheita de Frutos*, do poeta Rabindranath Tagore. O título não podia ser mais sugestivo:- *Aguarde os frutos que hão de vir.*

Abri o livro, pedindo que me servisse de oráculo. Queria apenas saber o que sou para Deus e me perguntava se continuaria a amar tão perdidamente a Deus, tão sozinha neste amor tão vasto. Tagore me trouxe este verso de reverente bálsamo aflorando o mistério da mulher: - *Aquela que está sempre devolvendo a Deus o grande fluxo de doçura que d'Ele veio. Nela o Eterno parte-se em dois e transborda na fruição do amor.*

O livro termina com sua Ação de Graças:- *No dia de hoje, regozijam-se os que andam pelo caminho do orgulho, esmagando a vida humilde sob os seus passos e cobrindo a relva suave da terra com suas pegadas sangrentas.*

Mas eu Te agradeço por estar o meu destino com os humildes que sofrem e suportam a carga do poder, ocultam as faces e sufocam os soluços na escuridão. Cada palpitação de sua dor pulsou na profundidade de Tua noite e cada insulto foi recolhido no Teu grande silêncio. Deles é o amanhã, o Sol matinal.

*As tochas do orgulho serão reduzidas a cinzas
pela orgia de luz.*

Deus nos deu um *rishi*, um sábio santo, um vidente da verdade espiritual. Cantemos aquelas palavras de rumor sânscrito em Bengala, na Índia, sua terra natal : *bhakti*, o puro amor a Deus; *shanti*, a paz; *moksha*, a liberdade; *OM*, o Verbo de Deus, a vibração do Espírito Santo, o Amén.

Rishis foram os sábios hindus que escreveram os Vedas, a mais antiga escritura religiosa do mundo, tão humildes que não assinaram seus nomes, entendendo que a Sabedoria de Deus não tem dono.

Tagore, imaginativo

Sobre Tagore escreveu Cecília Meireles:

*"Há tão profundo e tão vasto e tão lânguido encanto
nos teus poemas sagrados, pairando como luas
sobre o mundo, que eu nunca soube, do teu canto
se as palavras eram de Deus ou se eram tuas.
..... Eras o Todo-Longe, o Todo-Altura...."*

E lá na Índia, o alto, o olímpico Tagore, Nobel de Literatura em 1913, inclinava-se entre crianças, imaginativo, solto e livre contador de histórias, inclusive participando do enredo, artista que nunca perdeu a meninice de sua privilegiada imaginação.

Ele mesmo nos relata: - *A menina aproxima-se de mim e me ordena contar-lhe uma história. Digo-lhe que um tigre está desgostoso com suas listas negras e exige de um criado quase morto de susto uma pedra de sabão. A história propicia à minha pequena ouvinte um prazer imenso, o deleite da visão interior, e sua mente exclama: - Ele está aqui, estou vendo o tigre! -*

Em sua análise do comportamento da criança, Tagore ressalta: - *Ela conhece o tigre de seu livro de História Natural, mas é capaz de imaginar o animal de minha história. Até uma criança de cinco anos sabe tratar-se de um tigre impossível que saiu em busca de um absurdo sabão. Contudo, para ela, este tigre é uma delícia, não pela beleza, utilidade ou probabilidade, mas*

porque pode vê-lo em sua mente com mais clareza do que as paredes ao seu redor. Um tigre tem de ser igual a qualquer outro de sua espécie para tomar seu lugar no livro de ciência, tem de ser um tigre comum para ali ser aceito. Mas, no conto, ele é incomum, induplicado..... Graças à sua imaginação, o tigre era só dela e foi isto que lhe trouxe tanta alegria. Ela e ele não estavam separados. Desfez-se Maya, a ilusão, as aparências.

O espírito criativo de Tagore foi testado com rigor por outra menina : - *Durante a improvisação de uma história por uma garotinha, fui persuadido a participar do enredo no papel de herói. A menina imaginou que eu tinha sido preso num quarto escuro, fechado por fora, e me perguntou: - Que você faria por sua liberdade? E eu respondi : - Gritaria, pediria socorro. -- Por mais desejável que o socorro fosse em minha situação, a história dela terminaria aí. Por isso, fazendo uso de sua imaginação, a menina teve de eliminar da vizinhança todos os tipos de ajuda que minha voz poderia alcançar. Fui obrigado a pensar em algum gesto violento para ultrapassar tão passiva resistência. No interesse da história, a porta era de aço. Encontrei uma chave, porém não se moldava à fechadura, e o prazer da menina consistia em prosseguir com o enredo fazendo-me saltar sobre as obstruções.*

Tagore associou esta experiência às sucessivas etapas da evolução humana. O espírito interior em luta contra a matéria exterior dominante nos primórdios da Vida : o peixe deixando as águas no desafio de vencer o elemento terra, e criando, como pássaro, o dom de abrir as asas. O Ártico e o Deserto diziam *não!* à vida humana,

entretanto, as proibições foram ultrapassadas e, apesar dos pedágios fatais, as fronteiras foram cruzadas em triunfo.

De acordo com sua filosofia, enquanto espaço e tempo podiam ser medidos e progressivamente dominados, algo no ser humano prosseguia indômito : a consciência de si mesmo, o valor de sua mente imaginativa, superando as obstruções limitadoras, algo imensurável. Tagore deu ênfase ao primeiro grande trunfo da criança, o frescor de seus sentidos, sua intimidade com o mundo. Como poeta e como menino, nunca deixaria fugir o poder de comunicar-se com ele, sensível, nu e simples.

Nunca deveria o artista abdicar de seu maravilhoso dote de olhar como se fosse o primeiro olhar. Tagore observou essa reação, certa vez, quando caminhava por ruas de uma cidade populosa com um amigo, urbano, e subitamente, este arregalou os olhos, encantado - *Veja, um macaco !* -- Fosse outro o amigo, menos menino diante da visão excitante, e talvez tivesse dito, preguiçoso, modorrento -- *tatake kim* -- e daí ?

Quando era menino – continuou Tagore – tinha liberdade para criar meus brinquedos de material sem valia e jogos de minha própria imaginação. Para minha alegria, os companheiros participavam. Certo dia, em nosso paraíso infantil, entrou um produto do mercado adulto. Um dos meninos recebeu de uma loja inglesa um brinquedo caro, grande, perfeito, quase vivo. Orgulhoso, ele manteve o produto longe da mão dos outros, possuidor exclusivo, na posição de superior aos colegas de

brinquedos baratos. Em linguagem moderna, tinha-se na conta de mais civilizado que os outros com aquele brinquedo ridículo. A mercadoria expressava sua riqueza, não seu espírito criativo nem a identificação com os companheiros no jogo do mundo.

Civilização não é riqueza, poder, possessão, esperteza, leviana superioridade. Beleza com Sabedoria, válida para todos os homens. A Beleza requer tempo para florescer e a Sabedoria também amadurece com o tempo. **Existe no homem, em progressiva realização, o espírito de uma verdade perene.** Caminham na liderança, os mais criativos, imaginosos, empreendedores, artistas, profetas, mestres visionários. Infelizmente existem, sim, aquelas crianças e adultos semi-dormidos, do tipo *tatake kim*.

A evolução, porém, tem se efetuado em escala cada vez mais vertiginosa.

Publicado na revista *Literatura* nº 19, páginas 45 a 47.
Brasília, dezembro 2000

Evolução

Seremos de tal lirismo
que por descuido somente
voltaremos ao instinto
de comer os grãos de pólen.

Tão luminosos seremos,
de tal pureza divina,
que em nós haverá tormento
se o néctar for ingerido
e mancharemos o amor
se houver escolha de sumo

e pesaremos o dobro
com o perfume dos frutos.

Poesia em Quietude

A China evoca-me suas delicadezas nacionais: o chá, o jasmim, o panda, a pintura e a poesia tradicionais. Traz à lembrança também a filosofia do *Tao*, ainda admirável na pintura recente do chinês Chi Pai-shi (1861-1957). Uma de suas telas mostra simplesmente uma vaca, ramos de salgueiro e andorinhas. Expressa simultaneamente as antíteses: movimento e calma. No corpo da vaca e seu negro rabo há quietude ondulante. Alguns delgados ramos de salgueiro movem-se com a passagem da brisa de verão. Duas andorinhas brincam alegremente no ar.

Esta pintura nasceu de simplicidade e transparência, pois o artista, ao visualizá-la, era ele mesmo um ser simples e transparente, sem distorções, sem contratempos, uno, em equilíbrio, harmonizado com seu universo. A tela ilustra o conceito de *Tao*, o poder de conciliar os opostos em um nível mais alto de consciência. Conciliar os contrários, movimento e êxtase, ação e inação, abstrato e concreto, *yin e yang*, sobrenatural e natural, etc.

Na definição do sábio Lao-Tse (604-531 A.C), fundador do Taoísmo: "*Tao* é indistinto e inefável, e ainda assim contém, latentes, *formas e objetos*, enquanto as *essências* nele se encontram profundas e invisíveis." Embora seja inexprimível, *Tao* manifesta-se em criatividade. A mais feliz experiência artística acontece quando não há mais divisões, oposições, contradições.

Realiza-se em paz exterior e interior, simultâneas, interfundidas. Em nível de consciência elevada, a experiência de iluminação consiste em venturosa fusão entre poeta e universo, cuja alegria jorra espontânea.

Freqüentes exemplos desse estado de consciência ampliado encontram-se na antiga poesia chinesa. Em poema de Ch'eng Hao (século 11), o poeta vivencia a beleza primordial, pura, inocente, livre, luminosa:

Ali pelo meio dia,
quando as nuvens eram como garças
e a brisa levíssima,
eu vagava ao longo do rio
saudando salgueiros e árvores em flor.
Gente comum não compreende minha alegria.
Diriam que sou um jovem ocioso, em vadiagem.

Filósofos neoconfucianos afirmam que a alegria interior, subjetiva, deriva da união dos opostos. Em termos chineses, o Céu e a Terra. A “gente comum” percebe todas as coisas em divisões, belezas separadas, acontecimentos isolados. Unicamente a suprema experiência ontológica traz a percepção de uma só realidade dentro de tudo, uma só : a origem de toda beleza e alegria. Em quietude, ultra-sereno, Wang Wei (701-761) procura transmitir sua vivência simultânea de silêncio e sonoridade:

Em quiescência, ouço a queda das flores de canela.
Quando a noite desce, as montanhas primaveris silenciam.
Subitamente a lua aparece por trás das nuvens
e desperta os filhotes das aves.
São deles os pios e chilreios ao longo do rio montanhoso.

Na mesma época, Li Po (701-762) escrevia *Pensamentos em Noite Quieta*, poema onde as coisas eram elas mesmas, diretamente expressas:

Em frente à minha cama brilhava o luar.
Por um momento pensei que fosse geada no chão.
Levantei a cabeça, percebi que era a lua.
De cabeça baixa, sonhei com meu lar distante.

Li Po, além de expressar seus sentimentos em relação à natureza e ao seu lar com saudade, também manifestou a alegria indizível de transcender o mundo natural:

Vocês me perguntam o que vejo nessas montanhas azuis.
Sorrio, mas não respondo.
Oh, a minha mente não quer o debate.
Flores de pessegueiro e regatos fluentes passam sem deixar vestígio.
Que diferença do mundo discursivo !

O poeta atingiu a profundidade do Um, é parte do universo, não precisa do discurso mundano, não discute, não tagarela. Chegou à poesia do tudo em tudo, à sagrada. Como Wang Wei, contemporâneo de Li Po :

Onde o riachinho termina minha andança,
sento-me e desfruto
o momento da neblina levantando-se no ar.
Aqui e ali no bosque
esvoaçam filhotes em penugem.
Conversamos entre risos.
Nunca desejamos a despedida.

Quem assistiu ao extraordinário filme chinês *O Tigre e o Dragão*, prêmio europeu e Oscar americano em 2001, simbólico da luta entre o Bem e o Mal, mas também um poema de amor entre jovens de classes em conflito, termina por colocar a noção do *Tao* como fecho de seu imaginoso, levíssimo final.

Em outubro de 2000, pela primeira vez, um chinês recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Foi concedido em Estocolmo ao escritor e pintor Gao Xingjian em seu exílio em Paris onde mora desde 1988, por ser contrário ao regime comunista em sua pátria.

Formado em Línguas Estrangeiras em Pequim, ele escreve em chinês e francês, sobre temas referentes a seu povo. Tem proibida a publicação de sua obra na China, pelo governo considerada subversiva, apesar de inovadora. Ele expôs suas telas no Museu do Louvre e obras de sua autoria começam a ser traduzidas. A primeira foi a novela *A Montanha da Alma*.

24 Natal 2000

Publicado na revista Literatura, abril 2001,

Brasília, com pequenas alterações.

Consciência de Liberdade

J'écris ce que je veux ! - Gao Xingjian

O livro de Gao Xingjian, *A Montanha da Alma*, escrito em chinês e publicado em francês em 1995, merecedor do Prêmio Nobel de Literatura no ano 2000, foi traduzido para o inglês, o alemão, o sueco e, em 2001 para o português. Nascido em 1940, este “panda” formou-se em Línguas Estrangeiras em Pequim. Obviamente conhecia a filosofia do *Tao*.

A Montanha da Alma não se localiza no mapa da China. Ela simboliza a viagem que o Autor efetuou por diferentes regiões do país, observando a vida primitiva de seu povo e as paisagens interiores onde se demorava, em busca de seu próprio Interior de poeta e pintor, de sua Consciência emocionada, descritiva e crítica.

O romance *Le Livre d'un Homme Seul* foi adquirido por mim em Montreal, Canadá, em 28 de setembro de 2001 e lido durante breve permanência à leste, no Quebec. Em parte ficção, em parte realidade, ele tem com certeza muito de autobiográfico. Dessa leitura do *Homem Sozinho e Digno*, escrito em 1996-98, resultou o painel a seguir:

Foi seu destino nascer na China sob o domínio de Mao Tse-tung. Anos mais tarde, viu o comandante supremo deitado em seu ataúde de cristal no Monumento aos Heróis do Povo, atrás do Palácio Imperial. Metendo-se na longa fila de visitantes, olhou por alguns segundos o cadáver embalsamado, coberto pela bandeira comunista.

Agora podia escrever o que pensava !

“ J’écris ce que je veux ! ” escrevo o que eu quero !

Consciência solitária, o *Homem Livre* lembrou-se de Mao passando em revista os guardas vermelhos. Lembrou-se de Mao em traje de banho, saindo da piscina com seu ventre rotundo, apreciador de carnes gordurosas e pimenta. Mao, fumante de cigarro após cigarro, vários maços por dia, odorantes, fabricados especialmente para ele, os dentes negros, por não ter o hábito de escová-los.

Mao que chamava de “amigos” (não camaradas) Nixon e Kissinger. Mao, o pensador, que instaurou a Revolução Cultural, as fogueiras de livros, e exterminou todos os literatos de seu país. O ditador que, durante quase 80 anos, pretendeu impor um céu de perfeita felicidade ao fazer, de centenas de milhões de súditos em uniforme cinzento, um povo mascarado.

Ele também, o *Homem Sozinho*, a fim de sobreviver, movido por circunstâncias e conveniências, ajeitou no rosto a máscara do revolucionário, sendo interiormente um fervido contra-revolucionário. Teve de usar a máscara do camponês e do professor, quando era inatamente um escritor criativo, dramaturgo e poeta.

Cada um cobriu-se com a máscara mais propícia, o operário, o estudante, o mercador, o jornalista, o médico. Bastava, por exemplo, trocar o estetoscópio pelos óculos e transformar-se em dirigente do Partido Único, com sua máscara de polietileno de alta densidade, a mais indestrutível, escondendo o ex-novo-rico, despojado de seus bens, pronto para roubar de novo.

Era um tempo de medo e horror. Eram as famílias notificadas a pagar antecipadamente a bala destinada à nuca de seus filhos em rebeldia. Sem tribunais, era a morte em grupo na praça, ou a tortura que desmembrava os corpos, ou os suicidas pré-forjados eletricamente, atirados de um andar mais alto. Era preciso disfarçar, com os livros de Lênin e Marx sobre a mesa, semi-copiados junto à lâmpada acesa. E na calada da noite, redigir suas observações pessoais, logo as enterrando sob o chão do quarto, um jarro pesado por cima, à guisa de despensa.

Era o *Homem Solitário* mantendo seus valores de família: o pai, lembrança de dignidade; a mãe, comovente, sujeitando-se a trabalhar numa “fazenda de re-educação” a fim de ali ganhar um mísero salário que economizava para garantir o estudo do filho. Desde os anos escolares, o menino tinha seus escritos elogiados pelos mestres. Logo ele descobriu que o Estado Ditatorial não lhe permitia a livre expressão de seu talento.

Durante o dia, sujeito a viver como policial inferior do Partido Único, era investigador de suspeitos, visitava delatores e “culpados” escolhidos pela política vigente de interesses materiais, expropriações e favorecimentos. Movido por crescente aversão, crítica silenciosa e astúcia na subserviência, obteve uma situação de camponês em vilarejo paupérrimo, montanhoso e remoto onde foi mais tarde promovido a professor da juventude local.

Recordava-se de ter sido levado, aos dez anos, a um velho monge ZenBudista que lhe predisse o futuro “de muitos sofrimentos, vida difícil”. (mais tarde, no exílio

européu, aderiu ao budismo zen) .Amadurecendo, sentia-se envelhecer, o corpo debilitado conservando a mesma sensualidade, imaginação e pensamento ardentes.

Com documentos franceses de exilado político, ele conquistou aos 60 anos a liberdade de transcrever o que havia guardado em sua memória, *O Livro do Homem Sozinho e Digno*. Gravou nestes capítulos a China de homens (yin) endurecidos em sombra e sofrimento, intercalando uma China de mulheres (yang), mãe, esposa, divórcios, amantes momentâneas. Pintor de seu tempo, ele expõe o seu próximo com espanto, indignação e piedade.

Marguerite, simultaneamente amante de um homem de negócios com o qual ela viaja entre Hong Kong e Paris, é uma de suas muitas companheiras temporárias. Nascida em Veneza, filha de pai alemão e de mãe judia. Residente em Frankfurt, masoquista, como se tivesse de carregar todo o sofrimento do povo judeu, ela é a amante de maior visão, a que o estimula em sua aspiração de vir a ser um escritor independente, de viajar, traduzir seus livros na França, abrir-se a horizontes desconhecidos. Austrália, Nova York, Barcelona, Perpignan, Mediterrâneo, Veneza, Toulon, Mar do Norte, Dinamarca. Ele sempre regressava a Paris, ao sucesso de suas peças teatrais, romances e pinturas.

O Homem Solidão e Liberdade não tem nome e sobrenome. O Autor declarou "*Eu sou o meu povo*". No livro, ele não usa o pronome Eu. Cabe ao leitor entendê-lo quando se refere a si mesmo como Tu e Ele.

Em momentos poéticos, contempla a lua, a praia, um regato, a pradaria. Saturado de compaixão ao conhecer o sofrimento de mulheres e idosos. Desesperado em seu erotismo, hoje e aqui, o amor físico, e tudo o mais é provisório. Seu existencialismo puro anula qualquer outro credo. Materialismo que, neste livro, deixa entrever, a saudade do velho monge budista, amigo de seu pai.

Entretanto, este Velho Panda tem conselhos para os leitores que desejam escrever : *"Tu, lê grandes escritores, como Tolstoi e Hegel. Com tua imaginação à solta (cuidado ! uma bala por cinco maos) caneta e papel sirvam ao diálogo contigo mesmo. Escreve uma lenda dos tempos modernos, enterra sob o jarro, mesmo que ali apodreça. Não encares a literatura como profissão para ganhar dinheiro. Não abandones teu idioma, embora devas usar outro, consultando o dicionário. Ideal seria escrever com a flexibilidade de um bailarino, mas a idade não perdoa. A linguagem é o que te sobra, essa jouissance, esse mirar de gozo, esse sorriso frente ao teu espelho."*

Parece que a si mesmo ele diz : *"Desde a infância, convives com a morte. Hoje tens medo apenas da morte que te virá, a tua, a que não conheces, pois tuas forças diminuem, teu fôlego é curto. Sempre quiseste discutir o sentido da vida, se milagre de dor e degustação saborosa. Tragédia, comédia, farsa, lirismo, são atitudes, desaparecem com a morte da consciência. Faze, pois, o que te cumpre fazer. Chegará a hora em que até a cólera e o rancor se amortecerão, perfeitamente inúteis."*

"Liberdade é o uso de tua vida. Irrefutável e indubitável. Ela, porém, é efêmera, fugitiva, por isso tu precisas da linguagem, mesmo que o livro que tu escreves não possa existir eternamente. A liberdade não pode ser doada, nem é comprável, ela consiste na consciência deliciosa da vida. Melhor que dizer que Cristo ou Buda vive em ti, a liberdade vive em ti mesmo. Não vem de outro, pelo contrário, é preciso ultrapassar as amarras dos outros. A vida vale justamente por essa liberdade que te leva à alegria e à serenidade".

Essa é a proclamação existencialista, muito conhecida, do aqui-e-agora, nem sempre tão feliz. Não é preciso aderir, concordar com o existencialismo materialista, mas compreender que neste livro, ficção e realidade, Gao Xingjian comunica sua dolorosa experiência de vida. Sufocado em seu país, buscou o exílio. Com paciência e coragem, conquistou sucesso, respeito, o Prêmio Nobel, a sua alegria.

Estará em gestação um Panda ZenBudista ?

22 setembro 2001

SEDA

Na meia idade, bom lavrador, sinceramente o pai dizia ser pobre por ser bronco. Orgulhava-se de seu pedaço de terra virgem, nas alturas e lonjuras da cabeceira de um grande rio. Sensível às maravilhas da natureza, debruçava-se na contemplação dos seixos de opala que jaziam entre as águas, estudava a geometria de uma bromélia recém-aberta, extasiava-se com uma orquídea visitada por dois beija-flores. Tangia o boi para o pastinho, abraçava e bendizia o vetusto jacarandá de ramos pendentes quando o vento e o sol desenhavam espanadores verdes contra a brancura das nuvens, oferecendo sombra ao corpo suado.

- *Nasceu poeta.* – sapecava a mulher filosofante, mestiça mais racional que o companheiro, crítica involuntária das feições da vida.

Ele, porque se deliciava com a sonoridade das palavras, havia batizado a filha recém-nascida de Sedosa. A mulher não gostou porque lhe parecia nome de vaca. Moviam-se outras, no mato ao redor, com nomes igualmente cantantes. Sestrosa, Dengosa, Fogosa. O nome pegou na vizinhança e no registro oficial. A mulher, mais inteligente que o marido, contornou a situação aos poucos e com o apelido de Seda encurtou o chamado de todos os dias.

De fato, a menina parecia feita de seda. Com a preciosidade crescendo em seus braços, o bronco poeta contemplava aquela pele de tímido róseo, os cabelos

macios como lã penteada, os lábios de polpa de mamão vermelho, os primeiros dentinhos lunares. A mãe vigiava o fascínio do pai com despique. Sentia-se impaciente com a humana formosura da filha, tão atraente agora ao olhar masculino, obsessivo.

- *Seda, não mexa aí. Seda, não se torre ao sol. Seda, ponha o chapeuzinho de palha. Seda, não suje os sapatos.* - As ordens vinham do pai, decidido a conservar a menina numa redoma de pureza e, perpetuamente, na pose fotográfica de miss infantil. Longe dele, a mãe liberava a filha para as traquinices e aventuras de sua idade. a menina logo percebeu, no comportamento dos pais, os mandamentos contraditórios que regiam suas paralisias forçadas e andanças livres. Flexível, obedecia aos legisladores do sim e do não.

Durante a vigência dessas antinomias, uma vontade mais forte gestava-se na mãe e contagiava a filha. Era uma cócega, uma inflamação surda, uma irritabilidade interior que exigia definição e remédio. Urgia sair daquele território de adoração à formosura da natureza e da criança. Havia, é verdade, uma paisagem renovada a cada estação, a cada ano. Mas sem escola ! Sem educação formal !

- *A Seda precisa estudar.*

- *Não precisa, não precisamos.*

A cada negativa do pai, a mãe batia o pé no chão, inconformada. A filha aderira ao projeto pela novidade, pela aventura, pelo futuro desconhecido. Ambas insistiam

no pensamento : - *Vou para a cidade. Vou ganhar esta parada.* - A estratégia não incluía homicídio, fuga, seqüestro, separação de corpos, complicações com a polícia. Pensando na filha, a mãe, prudente, queria evitar desavença na família. Precisava de apoio de alguém na cidade. Preferiu fazer uma viagem, sozinha, a pretexto de compras, e o marido, sincero e bronco, não desconfiou. Na cidadezinha mais próxima, ela procurou a escola e foi exigente com o diretor: - *Quero vocabulário, geografia e história.*

Apresentou os documentos e matriculou a filha imediatamente, com mais facilidade do que esperava. Saiu e procurou uma pensão. Informou-se da possibilidade de colocar uma aluna, ainda menor, prestando serviços leves em troca de cama e mesa. - *Ela é prestimosa.* - Pois conseguiu ! Todas as Ave-Marias estavam do seu lado.

Só faltava vencer a oposição. Agora valia por duas leões, duas panteras, duas abelhas-rainhas, atacando os flancos e espetando o ferrão na nuca do marido. - *O diretor da escola vai tomar conta de tudo.* - mentiu exagerando. - *Ele perguntou se pensamos em plantar amoreiras.* - Sem perceber a ironia das mentiras, o vencido teve de ceder, aturdido, humilde, desde que pudesse visitar a filha no ambiente escolar e na pensão: - *Vou com chuva, vou com frio, ver se ela está bem.* - A estrategista vitoriosa deu os parabéns a si mesma, feliz com suas ironias: - *Se não batesse o pé, contrariando meu marido, minha filha talvez batizasse mina neta com nome de vaca.*

Vocabulário e aritmética, geografia e história, na

classe regida por uma única professora, tornou-se aprendizagem tranqüila para Seda, intercalada por serviços prestimosos de varrer, limpar, atender à porta, fazer entregas, aprender a etiqueta de sala, cozinha e banheiro. A dona da pensão afeiçoava-se cada vez mais à menina “*tão purinha*”. Começou a levá-la à igreja protestante porque – *Sedosa não tem religião*.

Quatro anos depois, o diretor recebeu autorização de inaugurar o curso de formação de professoras primárias com alunas mais velhas e ex-alunas. A mãe exultou, o pai nunca se conformou. Cresceu a afinidade entre professora e aluna, a amizade tornou-se confidencial. Faziam passeios e pequenas viagens juntas por mútuo respeito e admiração.

Com a liberdade que lhe dava a afeição e a ascendência sobre as jovens, ao final do curso, quando sonhavam com o anel de formatura e os vestidos de baile, a professora-psicóloga indagou de cada uma, em classe, o que tinha em mente para o próximo ano. A maioria esperava obter sua primeira turma de aluninhos nos campos da vizinhança porque era melhor trabalhar em residência de fazendeiro rico. Todas pretendiam casar e ter filhos. A professora ficou intrigada com a resposta de Seda : - *Quero lecionar a índios e nativos, em missão protestante, em qualquer lugar do mundo*. – a resposta calou fundo em todas as colegas. A professora pressentiu um perfume de martírio.

Logo estariam em festas, mas Seda não voltou à escola. Perdeu os exames finais, com direito a fazê-los mais tarde. Não era encontrada na cidade e julgou-se que

teria regressado ao lar por algum motivo urgente. Ou teria partido ao encontro de indígenas em missão protestante ? Decorrido o período de férias, a professora voltou da capital. Saiu da pensão em sua bicicleta, observando o novo padre que pedalava na mesma direção, com o vento roçando a batina dele e os cabelos dela. Imprevista, uma bicicleta surgiu na direção contrária e, deliberadamente, obrigou-a parar no meio-fio. O choque não partiu dos veículos. Veio da notícia. A mulher identificou-se:

- Sou parente distante de Seda. Ninguém deve saber onde ela está. Pedi-me que a senhora lhe faça uma visita no Leprosário, em... (Hospital Hanseniano foi uma das denominações que passaram a dar aos leprosários).

O segredo foi bem guardado. Imediatamente a professora visitou sua aluna e amiga, estranhando que o aperto de mãos e o abraço não fossem recomendados. Levou livros porque alimentos e roupas não eram de maior urgência para Seda. Naquele tempo, no hospital, a lepra já era chamada de hanseníase. Em virtude de sua escolaridade anterior, Seda servia no laboratório, efetuando exames para assinalar a gravidade da doença nos internados, codificada por mais ou menos cruces. Ela mesma tinha cruces.

Como? – perguntou a professora. Seda explicou que a doença resultava da falta de higiene em casas, quintais e arredores poluídos de cidades e campos. A notável simetria de seu rosto e de seu corpo não chegou a ser afetada pela doença. Usava roupa fechada, mangas compridas e, graças à medicação, trazia na pele grandes

manchas pardacentas, correspondentes a número reduzido de cruces. A professora visitou-a diversas vezes, levando-lhe biografias de santas que sofreram doenças graves e de líderes sociais devotados a servir miseráveis e párias.

Logo notou, porém, que Seda preferia não ser visitada. Com a notícia, a jovem pensara dar uma satisfação à mestra. Na verdade, temia transmitir o mal. Não conversaram sobre a interrupção das visitas. O respeito entre as duas criou o distanciamento desejado por Seda.

Tempos depois, a professora transferiu-se para a capital e precisou providenciar um documento numa Secretaria de Estado. Surpresa, foi atendida por Seda. O mesmo rosto, a mesma discreta, serena pessoa, um pouco mais gorda, no cargo de professora escriturária, residente em pequeno apartamento. Visitou-a, saíram a passeio juntas. De novo, observou que Seda retraia-se, preferia não ser vista por antigas colegas. Jamais desejaria ser reconhecida ou falar de sua temporada “em Molocai”. A professora arriscou uma pergunta: - *E seus pais ?* - Resposta não houve, apenas uma dolorida contração no semblante, quase imperceptível, suplicando um pacto de silêncio total. A professora compreendeu o martírio de Seda, o que esta evitou colocar em palavras: - *Desapareci, desapareceram, desapareça.*

Confrangida, a professora não abandonou a leitura informativa sobre a hanseníase, moléstia provocada pelo bacilo de Hansen, em lenta incubação, às vezes durante anos. A forma mais visível consiste em nódulos ou lepromas que crescem, aumentam, supuram e se ulceram;

no caso de regredirem, deixam manchas pigmentadas ou pardas como tinha observado no reencontro com Seda. Nódulos persistentes causam lesões dos ossos, mutilação de membros, insensibilidade dos nervos e morte.

Procurou conhecer o penoso histórico mundial da doença. Na visão profética de Isaías, Cristo apareceu-lhe como um leproso (53,4). Na Idade Média, a Ordem de Santo Antonio Ermitão destinava-se a prestar assistência aos leprosos e aos que sofressem de moléstias da pele. São Francisco de Assis hospedou-se em Roma numa dessas casas, no começo do século 13. Um leproso havia, tão insolente e intolerável que os frades pensavam que estivesse possuído pelos demônios. Blasfemava contra Jesus e a Virgem Maria, a ponto de os frades planejarem abandoná-lo. Ao saber disto, Francisco veio até o perverso doente e saudou-o:

- Deus te dê paz, meu querido irmão. - Qual paz, frei, Deus me tirou a paz, me fez podre e fedorento. - Sossegue, irmão, os males do corpo são dados para salvar a alma e grandes méritos trazem se tolerados com paciência. - Paciência ? a dor me aflige dia e noite e os teus frades não me ajudam. - Francisco o apartou dos companheiros, rezou com ele e perguntou: - Meu filho, já que não estás contente com meus frades, o que desejas que eu te faça ? - Quero que me lave porque já não agüento meu próprio odor.

Francisco ordenou que fervessem água e lavou o leproso com as próprias mãos. Onde suas mãos pousavam, a cura era instantânea. A pele tornou-se inteiramente

perfeita, o mesmo acontecendo à alma, tomada de arrependimento, lavada em lágrimas. Francisco escondeu-se num bosque para não ser adulado pelo milagre. Uma quinzena depois, o ex-leproso morreu de outra enfermidade e apareceu ao santo no bosque para abençoá-lo e confortá-lo. Nesse episódio das *Florezinhas*, memórias de seus ferventes seguidores, lê-se (capítulo 25) que Francisco não só servia os leprosos com alegria mas ordenou aos frades da Ordem franciscana que servissem os leprosos por amor ao Cristo leproso.

Continuando em sua busca de informações, foi memorável para a professora a leitura da biografia do padre católico, nascido em Flandres, José Damião de Veuster (1840-1889). A professora comoveu-se até as lágrimas com sua vida de mártir. Sadio, ele se dedicara à colônia de leprosos em Molocai, no Havaí, em mares do Pacífico Sul. Capelão em 1873, contagiou-se. Precisando de braços para substituí-lo, padre Damião deu sua palavra de martírio e bênção: prometeu, aos novos auxiliares e à madre superiora das freiras, que ninguém se contaminaria e, de fato, todos que ali vieram servir não contraíram a doença.

Padre Damião veio a morrer cinco anos mais tarde. Sua biografia foi divulgada. Um filme correu mundo, o cinema mostrando o viver-morrer dos leprosos e o momento do milagre: na hora final, Damião voltou à perfeição de seu físico, o rosto, as mãos, o corpo íntegro, sem máculas, sadio, são, santo.

No século vinte, uma freira católica, Teresa, em

Calcutá, na Índia, agia e ensinava que *"todos os desvalidos mendigos, aleijados, paralíticos, inválidos, crianças órfãs ou abandonadas nas ruas, enfermos, moribundos, alcoólatras, tuberculosos, drogados, leprosos – tratados como lixo, detritos humanos, todos foram criados pela mesma amorosa mão de Deus. Dignos de compaixão, eles têm fome de serem reconhecidos como irmãos. Dê-lhes um copo de água, um prato de comida, uma cama para morrer, o calor de sua mão"*. Teresa chamou a si todos os que queriam receber ajuda e amor de mãe-pelo-espírito.

"Milhares de leprosos podem receber tratamento. Não é preciso que se escondam ou desapareçam. A família pode morar com eles, sem medo de infecção. A lepra é controlável e, no futuro, haverá menos deformidade. Oferecemos dormitórios, clínicas, escolas, alimento, emprego, casamento, casas pintadas de cores alegres para elevar-lhes o senso de dignidade, a auto-estima. Eles compreendem a dor dos outros, tomam conta de seus irmãos de sofrimento, ajudam médicos e paramédicos, servem voluntariamente como se fossem outros tantos Irmãos e Irmãs da Ordem Missionária da Caridade (fundada por Madre Teresa em Calcutá e atuante em mais de 120 países).

"Tratamos das feridas, da tuberculose, da diarreia, oferecemos aos sem-teto um abrigo, um banho, uma sopa. Se quiserem voltar à rua, dizemos que guardamos uma cama para o seu regresso. Os mortos são enterrados ou cremados, conforme a crença de cada um. A morte é o retorno das almas a Deus. Somos voluntários devotados ao corpo dolorido de Cristo. Ao Cristo no ostracismo, ao Cristo leproso".

Então veio a reflexão da professora que nunca largou os livros. Seda leprosa não procurou a morte, não se envenenou, não detonou a arma para o suicídio, não se abandonou nas ruas mendigando, não se fez carga pesada para a família e os amigos.

Seda teve de aprender aquilo que o sítio do pai e a escola da cidade não lhe ensinaram. Aceitou ir para o hospital de doentes que os médicos segregavam. Ali conheceu a vida adulta em companhia de seres com uma molestia deformante e aversiva aos sadios. Ali, trabalhando pelos outros doentes, aguardou o fim de seu próprio ordálio: seria curada, ou permaneceria com eles.

Liberada, aceitou um emprego de modesto salário, servindo ao público, preservando um nobre valor, todo seu: - não o da formosura das fotos e passarelas que seu destino de infância parecia sugerir, mas a dor transmutante na maturidade. Nenhum catecismo de missionária ela teve condições de oferecer aos párias e indigentes nas ilhas ao longe. Soube conservar, ao seu redor, o silêncio que construiu com Deus.

Aliás, pela obra de amor aos seus queridos, *os mais empobrecidos dos pobres*, Santa Teresa de Calcutá obteve a adesão amiga de numerosas Ordens Contemplativas, monjas de clausura, cujas preces nos conventos dão suporte espiritual ao serviço das Missionárias Ativas.

De missionária ativa, Seda fez-se solitária contemplativa no mundo, em prece no silêncio que construiu com Deus.

Abril 2004 -

A Experiência de Quase Morte

A Psicologia conheceu desafios impensáveis na época em que Alfred Binet e Jean Piaget lançavam alicerces na França. Graças a experientes professores americanos, decisivos em suas cátedras e laboratórios universitários, a Psicologia acabou por admitir a pesquisa parapsicológica.

Charles T. Tart nasceu em 1927, nos Estados Unidos. Formou-se engenheiro eletricista pelo MIT e doutorou-se em psicologia pela Universidade da Carolina do Norte. Durante 28 anos foi professor de Psicologia em Stanford e Davis, campos da Universidade da Califórnia, aposentado com o título de Professor Emérito. Simultaneamente havia sido instrutor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia e consultor do Governo Federal ao atribuir fundos para a pesquisa parapsicológica.

Estudou as psicologias religiosas do Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Sufismo, Ioga, Zen, e Magia. Era faixa preta do marcial Aikido. Redigiu numerosos livros e documentos de pesquisa sobre a percepção extra-sensorial; os efeitos da hipnose, drogas, sonhos lúcidos e meditação em laboratório; os potenciais da consciência; as relações entre habilidades parapsicológicas e a natureza espiritual do homem. Generosamente aberto às experiências de Consciência Cósmica, Tart foi um destemido ecumênico.

Publicou *Estados Alterados de Consciência* em 1969 e *Psicologias Transpessoais* em 1975, obras de Mestre, de rigoroso espírito crítico. Neste último, com sabedoria, declarou-se contra a estreiteza dos pressupostos

da ciência ocidental, então vigentes nas universidades. Recusou-se a afirmar que o homem é corpo somente; que a energia psicológica deriva da energia corporal; que, na terra, somos a suprema forma de vida e a única inteligente em todo o universo; que os organismos inferiores existem para beneficiar o homem; que quem entra num estado alterado de consciência é um doente mental; que cultivar deliberadamente estes estados alterados é sinal de psicopatologia; que o corpo físico é o único que temos; que a morte é o inevitável fim da vida humana; que a morte física decreta o término da consciência.

Apontou a miopia de outras suposições materialistas sobre memória, emoções, processos cognitivos, aprendizagem, personalidade e psicopatologia, terminando por contrariar a última, de nº 71: *Being a scientist and being a mystic are incompatible*. Eram afirmações ridículas para um cientista com sua cultura e experiência de laboratório. Pensador profundo, ele modernizou a psicologia esclerosada, vendo claramente a inanidade do caminho pessimista, por isso aderindo à trilha dos místicos de todas as eras.

Sabia que os cientistas temem o ridículo e o risco em suas carreiras profissionais. Conhecido como um confidente responsável, procurou e foi procurado por cientistas que desejavam, anonimamente, conversar e confessar suas experiências extra-sensoriais, as de natureza transcendente e as de consciência cósmica. É de supor-se que essas confidências tenham sido feitas sob sigilo, só reveláveis após a morte. Charles Tart almejava a saúde interior do homem, a fim de refletir-se nas relações aquém e além das fronteiras de todos os povos.

Na costa atlântica dos Estados Unidos, o doutor Kenneth Ring, jovem professor de psicologia na Universidade de Connecticut, contemporâneo de Charles Tart, havia lido a obra do médico Raymond Moody e a documentação da dra. Kubler-Ross sobre a experiência de quase-morte, mundialmente conhecidas. Em 1977, ele decidiu selecionar pessoas com essa vivência e submetê-las a pesquisas meticulosas. Investigou enfermos à beira da morte, ou declarados clinicamente mortos, pessoas que tentaram o suicídio, acidentados graves, e também pessoas cegas. Divulgou seu extenso trabalho em diversos livros, entre eles, *Lições que vieram da Luz*, *A Mente que vê*, *Rumo a Omega*, *Vida após a Morte*, *O Projeto Omega*, tendo se aposentado em 1988, com o título de Professor Emérito. Suas conclusões:

1. Enfermos à beira da morte, ou declarados clinicamente mortos, descreveram ter estado fora de seus corpos, movendo-se por um vazio escuro, um túnel, em direção a uma brilhante Luz, ter-se encontrado com parentes e amigos, sentindo grande consolo e alegria, cercados de muito amor, desejosos de permanecer *lá*, uma lembrança de encantamento que, ao voltar *aqui*, perdurou pelo resto de suas vidas.

2. A experiência ocorreu independentemente de raça, sexo, idade, educação, estado civil, classe social.

3. A religião não afetou a experiência, quanto à sua verossimilhança ou profundidade. Tanto aconteceu a ateus quanto a pessoas filiadas a uma igreja ou a um credo.

4. Apesar de ateísmo, ceticismo, ou crenças, as mais variadas, a maioria mostrou-se convicta de ter estado em presença de um poder supremo e amoroso, ao vislumbrar o além desta vida.

5. Drogas, anestesia e medicamentos não produziram as impressões e os sentimentos da experiência de morte prévia. Pelo contrário, levavam as pessoas a esquecerem sua memória da experiência.

6. Vivências de quase-morte não são alucinações, pois estas geralmente desenvolvem-se erradias, desconexas, ininteligíveis, de grande variabilidade, enquanto as de quase-morte evidenciam todas um padrão similar, de clareza e entendimento.

7. As narrativas invariavelmente traduziam momentos de beleza, paz, consolo, um sentimento de amor total e de total aceitação, mesmo partindo de pessoas horivelmente acidentadas, com lesões graves. Para as pessoas que vão morrer, estas descrições alheias trazem alívio, são confortadoras.

8. Os que passaram por esta experiência relataram a perda do medo de morrer, uma grande aceitação da vida, o respeito aos outros, a tendência a ajudá-los. Muitos perderam o interesse em possuir coisas materiais para si mesmos. Outros se tornaram mais espirituais, sem necessária vinculação a determinado credo ou igreja.

9. Quase todos sentiram uma mudança em seus valores e atitudes, inclinando-se a amar e servir desinteressadamente. Passaram a encarar a vida com maior profundidade, apreciação e religiosidade.

O Pesquisador Emérito, por sua vez, encarou estas experiências como autênticas, isentas de visão curta, medo e egoísmo. Libertárias.

A Psiquiatra de Doentes Terminais

Elisabeth Kubler-Ross nasceu em Zurich na Suíça em 1926. Conheceu doenças e mortes na infância e, após a segunda Guerra Mundial aos 19 anos, ingressou no Corpo de Voluntários pela Paz, servindo no Hospital de Zurich, devotada à recuperação de sobreviventes dos campos de concentração da Alemanha. Fez uma viagem pela Europa e na Polônia voltou a tratar de refugiados de guerra. No regresso à Suíça, casou-se com um estudante americano de neuropatologia e tiveram um casal de filhos. Prosseguiu seus estudos médicos e exerceu a clínica em uma pequena cidade.

Mudaram-se para os Estados Unidos onde, com dupla cidadania, deu aulas em Nova York e completou seu doutorado em psiquiatria na Universidade do Colorado, onde foi professora. Divorciaram-se após onze anos de casamento.

Em 1965 serviu no Hospital da Universidade de Chicago onde fez, de seus pacientes agonizantes, os seus professores, compartilhando dores, ansiedades, defensivas, depressões e a aceitação terminal. Observando essas atitudes, assim classificou os cinco últimos estágios frente à morte:

1. Negar a doença e isolar-se
2. Expressar raiva
3. Negociar um tratamento ou um tempo para colaborar
4. Entrar em depressão
5. Aceitar a morte

Inspirada em versos de Tagore, seu livro *Sobre a Morte e o Morrer*, em 1969, traduzido ao português pela Edart-USP em 1977, é uma obra prima de compreensão, discernimento e compaixão, dirigida a médicos, sacerdotes, pessoal de enfermagem e famílias. Seguiram-se doze livros, preciosos, não só pela experiência da terapeuta, como por sua excepcional capacidade de aconselhamento. Tornaram-se clássicos nos cursos de Medicina e Teologia.

Kubler-Ross criou e desenvolveu a terapia com os desenganados e com crianças enfermas, criou seminários para médicos, enfermeiros, capelães de hospitais e familiares dos doentes, fez numerosas palestras a convite, deu entrevistas, recebeu milhares de cartas e escreveu um livro sobre *Perguntas e Respostas Mais Frequentes*, relativas a cancerosos, mulheres aidéticas e aidéticos drogados. Seu livro sobre *Aids, o Desafio Final*, de 1987, também traduzido ao português em 1988, é um marco da literatura médica, uma obra sobre a pior epidemia do século vinte, devastadora, fatal para milhares de contaminados em todo o mundo. Muitos, ignorantes inocentes, nascendo de pais aidéticos.

Em 1979 havia começado a ler e pesquisar a existência de vida após a morte. Declarou publicamente: *É um fato*.

Em 1980, adquiriu uma fazenda no estado da Virgínia, para o tratamento de bebês aidéticos. Plantava alimentos saudáveis, em solo orgânico. Dava carinho, colo de mãe, companhia, bem-estar. Preparou uma centena de possíveis adotados. Na falta de pais adotivos, aguardava

madrinhas que os quisessem visitar. Sofreu forte aversão da comunidade que, petrificada de horror, julgava Elisabeth uma força satânica. Foi expulsa do local, queimaram-lhe a casa e todos os seus bens. Elisabeth padeceu de aniquilantes derrames após o incêndio, que suspeitou criminoso. O sexto derrame, em sua casa de adobe no Arizona, deixou-a imobilizada.

Sempre achou que devia ser totalmente honesta com seus pacientes terminais. Se quisessem morrer em casa, fosse feita a sua vontade. Falar de morte e reencarnação depende da crença de cada um, de sua cultura e vivências, e assim mesmo, só quando o enfermo tocar no assunto. Conversas teológicas e filosóficas, à última hora, não interessam aos indivíduos de educação precária. De paz e amor deve ser o ambiente final de todos.

Nos últimos anos, dedicou-se ao *deep end*, expressão equivalente a “término abismante”, o precipitar-se no assombro do pós-morte, do desespero à esperança. Alma tão dadivosa, a Elisabeth-cientista adentrou-se num estágio de maior profundidade, o espiritual, apesar de incompreendida por muitos de seus colegas médicos. Faleceu aos 78 anos, em agosto de 2004.

Havia compreendido que, sem o Espírito de Deus imanente, o corpo que o ser humano enfeita é um monte de argila.

CLIMAX

Aos que partiram, aos que vão partir

Para além da finitude
e da espacialidade,
cigarra livre de sobrevoar o lago.

Para além da amplitude
e da sonoridade,
albatroz livre de céu e mar.

Para além da cordilheira
e do glaciário perene,
condor livre de depender do ar.

Seres Transmutantes

À distância do povoado, a praia estendia-se em curva até encontrar uma barreira de penhascos fustigados pelo mar. Ondas erguiam-se e tombavam, escorrendo pelo granito das pedras. Por trás dos rochedos, uma estrada de terra abria-se, cansativa, muito íngreme, ladeada por uma encosta de morro com sua vegetação empobrecida pelo ar salino.

Era por ali que a moça amava subir sozinha, no fim das tardes, para encontrar-se com o Oceano Alto. Dos úmidos penhascos, o rumorejar das águas estendia-se ao horizonte longínquo e ao céu do mesmo azul infinito, lentamente buscando o silêncio onde ambos se fundiam. Ela contemplava, pequeninos, indistintos, um veleiro branco e um barquinho negro sugerindo homens sem medo, singrando para a liberdade ideal.

Sua alma ampliava-se, seu espírito transcendia espaço e tempo. Mais que uma existência, o mar era um Ser Perpétuo, uma Vida Imortal. Poderosos como ela achava que Deus devia ser. O poente com nuvens de roxo e rosa prometia-lhe o encantamento de uma travessia rumo às estrelas, o mergulho no universo escuro de Deus Luz. Abaixo, a fimbria das ondas movia-se, cor de prata, líquido tecido faiscante.

Descendo à sua morada na rua de areia, banhada pelo luar, quantas vezes a poetisa amadora transferia suas emoções ao verso ou seus pensamentos a breves poemas. Íntegra, interiorizada, ela dava vazão à sua originalidade:

Alta Costura

Tesoura entra no mar e traz um corte

de chalote sob a lua plena.

Dispensou agulha e molde, o sári cobre-me

de argênteo azul, rebrilho intensa, um broche

de nácar me alfineta lábio a lábio,

cria meu anti-canto, o verbo extático !

E um marinheiro nele pinga os olhos,

colírio de luar do Ártico ao Antártico !

Naquela tarde, porém, o crepúsculo trouxe-lhe uma voz de ébrio: - *Vamos pegá-la !* - Virou-se e viu três homens que, subindo do mar, acabavam de escalar os rochedos, ocupando a única estrada de terra, latas de cerveja nas mãos, sujos, barbudos, famintos, debochados: - *Vamos pegá-la !* Estava cercada. Atrás os rochedos e o mar. Hirta, viu os três correndo em sua direção. De repente estacaram, apavorados.

A moça também percebeu uma presença ao seu lado, materializada como um cão feroz, peludo, ruivo, de porte desmesurado, cujo olhar incandescente alucinou os homens. Seriam fulminados. Deram meia volta, em gritos de pânico.

O animal, que parecia oriundo de leão com tigresa, virou a cabeça poderosa, de estranha doçura agora, duas retinas de amigo. A moça tocou-lhe o dorso, de pelo macio,

num gesto de agradecimento. As patas do enorme ser moveram-se à frente, sinal de companhia para descer o morro. Ela seguiu alguns passos atrás. Vagaroso, solícito, a cauda abanando pela estrada de terra, garantiu-lhe segurança até a porta da casa na rua de areia. Ela o beijou e ele desapareceu no ar.

Quando soube de uma coruja gigantesca, protetora de um sítio na periferia de uma cidade próxima, a moça não ficou surpresa. Já tivera a experiência de ser protegida por um ser transmutante. Havia lido sobre animais de eras passadas, com seus esqueletos em museus, encontrados em escavações arqueológicas. Sabia que grandes chacais com chifres projetados do osso frontal, às vezes do occipital, ainda eram encontrados por viajantes no século dezenove, na Índia, Paquistão, Nepal, Butan, Sri Lanka, desconhecidos na América.

Sabia de corujas da cor da madeira, de olhos brancos dentro de um círculo preto, do tamanho de águias, medindo com as asas abertas 6, 30 metros de envergadura. Eram vistas nos anos sessenta do século vinte, nas densas selvas de Sri Lanka (ex-Ceilão). Estas corujas selvagens emitiam gritos agudos, estridentes, que os nativos, os singaleses e os tamils, consideravam ameaçadores, anúncios de uma calamidade, uma agonia, uma criatura à beira da morte. Por isso eram chamadas aves do demônio, espíritos do mal. Outros nativos, porém, interpretavam essas vozes como o convite de amor das corujas. Os tabus protegem essas aves selvagens ao livrá-las dos predadores. As corujas buraqueiras, de tocas rasteiras nos campos, próximas de cupins, geralmente não são maiores que um pombo, com cerca de 30 centímetros.

Animais perseguidos e desaparecidos teriam uma vida pós-morte, uma evolução num reino superior ao daquele em que viveram em vida ?

Esta não era preocupação de um homem inculto, num sítio à beira de um brejo. Só possuía aquele pedaço de terra, um pé de manga produtivo, bananeiras, algumas aves, um trator enferrujado. Durante o dia, ganhava uns trocados servindo numa oficina mecânica, ligando carga elétrica a baterias arriadas, consertando motores que rateavam pelas estradas. Disso vivia e de uma criação de coelhos que vendia aos interessados. Eram belos, de várias cores, sedosos e altamente reprodutivos. Ladrões invadiam o sítio, faziam para si a colheita das mangas, roubavam aves e coelhos. Polícia só aparecia para ganhar algum robusto coelho. O dono, homem honesto, limpo, estava cansado de uma pobreza da qual nunca saía.

Uma campanha de socorro deve ter soado em algum plantão superior. O imprevisto aconteceu. Voltava ele da cidade em seu carro estropiado quando avistou uma coruja gigantesca na porta da casa de tábuas. Cabeça rodopiante, olhos extraordinariamente graúdos, plumagem eriçada, ave de pilhagem, bastante compatível com ladrões. Melhor que um policial, ela se materializava e desmaterializava como um segurança contratado, afugentando os larápios, surrando-s com as asas desmedidas, ferindo-os com o bico adunco, de rapinante, soberbamente ampliado. Seria uma coruja insetívora porque nunca se alimentou das aves e coelhos. Impossível para o dono vê-la ou chamá-la quando quisesse. A coruja assumira um dever e cumpria-o no horário justo. Ela só aparecia na hora da invasão em função protetora e desaparecia. Os vizinhos apenas ouviam o barulho e viam a correria.

No Ocidente, coruja, por sua visão noturna, sempre foi símbolo de filosofia, de suma sabedoria. O dono achou mais sábio não divulgar a misteriosa aquisição. Seu paupérrimo sítio estava mais valorizado. Os ladrões preferiram não enfrentar a Grande Olhuda para não ter de contar seus insucessos e feridas.

Animais transmutantes talvez pertençam a alguma ordem transbiológica que controla seu próprio tamanho, visibilidade e *time-table* (horário cronometrado). Atuam como profissionais de ataque-e-defesa, socorristas daqueles seres humanos que para isso têm seus créditos.

Relato de lenhadores da Nova Zelândia : - *Em 1936, meu pai, meu irmão e eu ganhávamos a vida cortando postes para cercas. Tínhamos licença para trabalhar na Floresta Waipova, ao norte do país. Usávamos duas espécies de madeira nativa : a yotara, rosada, e a manao, amarela, ambas de densidade leve. A espécie pariri, mais dura, era a menos utilizada. Estávamos executando o corte numa área triangular, onde a variedade manao era abundante. O rio Waipova, a centenas de metros abaixo, margeava os dois lados do triângulo.*

Entramos na floresta, levando nossos machados e pisando num solo de densa, emaranhada vegetação para, verificar se o vento havia derrubado alguns troncos de manao. Logo deparamos com numerosos troncos no solo em toda a extensão de uma grande área. Para nosso espanto, três deles, muito bonitos, jaziam paralelos, com um terceiro menor e mais grosso, colocado por cima, com as pontas tendo sido queimadas por algum fogo. Satisfeitos ao encontrar tanto serviço parcialmente pronto, apesar do inexplicável arranjo, voltamos à área inicial para terminar o que havíamos começado.

No dia seguinte, com nossos machados, rumamos para a área onde tínhamos visto os troncos paralelos. Para nosso maior espanto, todos haviam desaparecido. A clareira estava vazia. Teria sido impossível carregar tão numerosos troncos numa única noite, sem homens e sem máquinas. Se tivessem sido removidos, deveriam existir sinais, caminhos, pisadas. Nada. Tudo limpo.

*Pensamos em um mundo paralelo, ocupando o mesmo espaço de nossa Terra, mas em dimensão diferente, onde os fatos não acontecem exatamente como aqui. Ocasionalmente, a "tela" que separa os dois mundos rompe-se e **algo aparece ou desaparece**. Não sabemos tudo que é absorvido ou que vaza de um para o outro.*

Mundo multidimensional. Fadas e gnomos em Literatura. Anjos na Bíblia. Extra-terrestres no Cinema. Em Parapsicologia, estados alternativos de consciência. Em Matemática, a geometria fractal. Em Física, as extra-dimensões, maneiras de ver o infinito e o infinitésimo.

Os raros eruditos, nômades por opção, são essenciais ao bem-estar intelectual das disciplinas estáticas. Benoit Mandelbrot, judeu nascido em Varsóvia em 1924, formado na Politécnica de Paris, ensinou economia em Harvard, engenharia em Yale, fisiologia na Faculdade Einstein de Medicina, e foi acolhido no Centro de Pesquisas da IBM em Nova York para modificar a maneira de ver de seus engenheiros.

Em 1975 havia criado a palavra *fractal*, inspirado no dicionário de latim de seu filho. Fractal é um modo de ver o infinito usando da imaginação e da intuição. Estudar um floco de neve, um rolo de barbante, as fraturas micros-

cópicas ao longo do litoral da Inglaterra, o fluxo de petróleo entre as rochas porosas, as cheias do Nilo, o percurso do sangue nos capilares. Mandelbrot conseguia ver variações onde ninguém as tinha visto antes. A dimensão fracionada era o seu metro. Seu primeiro livro, intrigante, foi revisto e ampliado em 1977, evidenciando dimensões fractais de redes hidrográficas, troncos de árvores, galáxias. Descrevia, mas não teorizava. Por sua surpreendente beleza, os “Conjuntos Mandelbrot” caíram no gosto popular na década de 80, graças ao microscópio eletrônico que ampliava as miniaturas.

Jovem astrônomo francês, Michel Heron, do Observatório de Nice, estudava as estrelas isoladas, as binárias, as triplas (as mais turbulentas) e as aglomeradas (às vezes, um milhão de estrelas no mesmo lugar). Encontrou órbitas estáveis, fechadas, ovóides. Outros densos aglomerados apresentavam trajetórias instáveis, perturbadoras, aparentemente sem estrutura. A mancha globular parecia “um fantasma que surge da névoa”, uma configuração etérea para onde convergiam todas as outras órbitas, semelhantes a fogos de artifício dentro da galáxia.

Mitchell Jay Feigenbaum, nascido em 1944, de pai polonês e mãe russa, cresceu no Brooklyn, Nova York, e cursou escola pública para meninos intelectualmente bem-dotados. Aprendeu álgebra com a mãe e muito cedo calculava, para si mesmo, logaritmos, raízes quadradas e tábuas trigonométricas. Amava os números. Aos 12 anos, ensinou piano a si mesmo, fascinado com a lógica. Aos 16, na faculdade, fez em quatro anos os cinco do curso de Engenharia Elétrica, paralelamente cursando matemática e física. Bacharelou-se com as notas mais altas em todo o estado. Admitido à pós-graduação no MIT,

Instituto de Tecnologia de Massachusetts, doutorou-se em mecânica clássica e quântica em 1970, Durante quatro anos foi professor universitário, até ser convidado a pensar e fazer seus cálculos de físico matemático no Laboratório de Los Alamos (onde se construiu a bomba atômica de 1945) com tempo inteiro a seu dispor.

Deslanchei em maravilhosas direções. A dinâmica caótica era seu desafio. Inconformado com as turbulências e suas transições inesperadas, para ele, incompreensíveis, pensava na evolução dos universos. Usava uma calculadora, ganhou um computador de 20 mil dólares. Trabalhou em seus gráficos, mapas e equações, 22 horas por dia durante dois meses.

Um dia, vi em minha mente o desenho de duas pequenas formas ondulantes e uma forma grande, nítidas, brilhantes. - Frenético, em transe, continuou a computar. Seus números convergiam geometricamente para 4,669 (em agosto de 1975), 4,6692 e 4,6692016090... Havia encontrado a regularidade na turbulência! Recriado uma lei da natureza, a ordem no caos. Telefonou a seus pais. Foi obrigado a tomar férias. Causou entusiasmo “superquente” e calafrios de rejeição. Duas vezes sua comunicação escrita não foi publicada em revistas científicas, enquanto mais de mil cientistas pediam-lhe uma cópia! Solicitavam o pensamento que atingira o *Feigenbaum number*.

Com este feito, todas as ciências da natureza, inclusive a cartografia, modernizaram-se, considerando que não há divisões entre elas. O impacto de sua descoberta conferiu-lhe a admissão a várias Academias de Ciências, títulos honoríficos e prêmios, convites de

universidades e a publicação bem-vinda de numerosos trabalhos de sua autoria.

Já grisalho, em seu modesto cômodo universitário, atulhado de discos de música, examinava *os horizontes dos pintores holandeses de 1600, as telas de VanGogh, repletas de detalhes, as águas revoltas no traço de Turner*. Ali estavam as turbulências. Pensativo, próximo dos 60 anos, podia ver ciência, intuitiva, na arte: *Maravilhosa promessa terrena é a existência de coisas belas, fascinantes e atraentes (uma nuvem...) e, em virtude de nosso ofício, queremos compreendê-las.*

A propósito, anterior à geração de Feigenbaum, o jovem físico Charles Thomson Rees Wilson era conhecido como Nuvem Wilson na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Filho de um criador de carneiros, ainda estudante, em 1854, ele subiu ao ponto culminante da Escócia, o monte BenNevis, a 1.344 metros de altura. Entrou numa tempestade elétrica que eriçou seus cabelos e fulminou, mais acima, o telégrafo na cabana metálica do Observatório Meteorológico. Apesar da queima, ele permaneceu entre as nuvens, deslumbrado com os arco-iris, halos e aureolas de luz. Seu êxtase, aos 25 anos.

Sob forte impressão de ter visto “a beleza do mundo”, voltou à Universidade para compreender o fenômeno e reproduzi-lo em laboratório. Não era o primeiro interessado, mas teve a originalidade de construir uma “câmara de nuvens”, estudando a difração da luz entre as gotículas de água suspensas no ar e, a seguir, a nucleação das gotículas. Começou a suspeitar da presença de íons livres. Aproximou de sua câmara os Raios-X de Rontgen que aumentaram a ionização do ar.

Enquanto preparava seu doutorado, adjunto ao Conselho de Meteorologia, continuou a pesquisa sobre a atmosfera a fim de explicar nuvens, relâmpagos e o fato de seus cabelos se eriçarem na alta montanha. Em 1900 suspeitou que raios cósmicos, do exterior, descarregavam os eletrômetros. Em 1927, Nuvem Wilson ganhou o Prêmio Nobel por seus estudos da eletricidade atmosférica. Sua câmara serviu, então, ao estudo da física das partículas por outros pesquisadores que descobriram o múon, o pósitron, os raios alfa e os raios cósmicos. Em 1945, no deserto do Novo México foi testada a explosão do cogumelo atômico, com base na Nuvem de Wilson. Aos 87 anos, sobrevoou de avião uma tempestade e redigiu seu último relatório.

Uma gota de orvalho brilha sobre uma pétala de flor ou uma lágrima na ponta de um cílio: nelas se encerra uma quantidade de fogo elétrico, o mesmo fogo que nos assombra na descarga de um relâmpago -
Robert Hunt, *Poetry in Science*, 1849

Poética, harmoniosa, musical ciência! O átomo de hidrogênio, visto através de um prisma, produz uma luz aritmeticamente simples, cujo espectro em comprimentos de onda canta e reverencia o “número de ouro” de Pitágoras ! Esse foi o cosmos desvendado pelo dinamarquês Niels Bohr, prêmio Nobel e pai de Nobel, seu filho Aage que, 53 anos depois, recebeu o seu, pelo estudo do movimento das partículas no núcleo. Assim continuam os cientistas às voltas com as dimensões submilimétricas do microcosmo, invisíveis aos olhos humanos, reveladas pelo mais puro pensamento, enquanto se lançam a novas vertigens e deslumbramentos nas dimensões galácticas.

Minuto sem Testemunhas

Aqui, neste mundo da matéria, a vida converte-se em morte e o corpo se dissolve. Lá, no mundo do espírito, a morte converte-se em vida, a consciência persiste incorpórea.

Maravilha, assim batizada por vontade de seus avós da Espanha, foi professora primária por todos os anos de sua vida, nos grupos escolares do povo, acompanhando inclusive os filhos e os netos. Educou por devoção à infância. Seu primeiro amor, o marido. Dentro de alguns anos, tuberculoso, dele cuidou como enfermeira leal. A morte do enfermo chegou por piedade. Jovem viúva com filhos menores. O segundo casamento, marido solidário, filhos mais velhos se doutorando. Por uma arreliante dor de cabeça, Maravilha teve de extrair um tumor cerebral. Aparentemente, continuou a mesma, a todos servindo, alegrinha. Manhã de abril, solar. O marido foi à padaria, comprou o pão recém-saído do forno. Ela preparou o café. Caiu no chão da cozinha, morta. Sem testemunhas. Chamado, o filho doutor confirmaria o óbito. Esse vó de Maravilha, aos 78 anos, veio renovar-lhe a existência, amiga a velar pela família que deixou em saudade.

Açucena, delicada como flor de pétalas macias. Um corpo de fragilidade com predomínio do sentido visual. Gostava de televisão e de cinema. Solteira, viveu em companhia de irmãs casadas e sobrinhas, até uma delas enviuvar sem filhos. Foi quando Açucena começou a sofrer de Alzheimer e de lacunas da memória. Elas saíam

de braço dado, a passeio. Quando a mais frágil tropeçava e caía, a mais forte caía junto, ansiosa por re-erguer a irmã debilitada. Aos 80 anos, trêmula e desmemoriada, os dias de Açucena decorriam contemplando fotos de família em seus álbuns prediletos onde não reconhecia os parentes. Revia muitas vezes grandes livros encadernados, de pintores famosos, cada página uma tela colorida. Sem viço, Açucena morreu dormindo. Às dez da manhã, porque a irmã fraquinha não se levantasse para o desjejum, a irmã mais forte foi encontrá-la na quietude do último sono. Repouso de paz sem testemunho.

Durga (deusa indiana de dez braços), viúva, residia com seu filho militar. Antes de vestir a farda, ele já cavalgava e exibia armas de fogo. Uma vez oficial da Cavalaria, o revólver usado indevidamente em festas noturnas trazia grande atribulação à mãe. Censurado na corporação, cumpridos os dias de afastamento das ruas, o calvário dela recomeçava. Agravante: ele apareceu com uma juvenzinha grávida. Regular a situação da criança causou duradoura aflição à avó inesperada. Possuía a casa, herança do marido, mas Durga não tinha profissão nem renda pessoal. Por amizade, conseguiu um emprego como professora de ioga de crianças cegas, inovando em terminologia, método e posições. Sua velha mãe, com moléstia abdominal, procurou a filha, recebendo abrigo e cuidados até falecer. Durga não teve tempo de voltar às aulas. Foi internada por favor, antes que amigas providenciassem a carteira assinada para tratamento do câncer. Morreu no hospital, de janela aberta, na mais rica cidade paulista, de madrugada, defronte a imagens de seus santos. Nem a freira de plantão estava presente.

Olívia foi tia e madrinha dos sobrinhos. Dedicou sua longa vida de solteira a apoiar as irmãs casadas, em todas as situações felizes e apreensivas da família. Costurava com estilo. Escolhia os modelos, os tecidos, os acabamentos. Elogiada pela perfeição de golas, punhos e bolsos com que embelezava as freguesas. Nunca saiu de seu bairro operário. O imprevisto acontecendo, vestia, rápida, avental e luvas para tratar dos doentes, como vestia o colar de pérolas para um casamento, a correntinha com a medalha de Santa Rita de Cássia para uma viagem. Era mansa, discreta, o bom senso em pessoa. Envelheceu por envelhecer, nenhuma enfermidade declarada. Aos 82 anos, morreu em sua casa modesta, antes do amanhecer, sem chamar por ninguém, sem afligir os seus, sem testemunhas. Respiração lenta, leve suspiro silenciado.

Dúlcida renunciou á vida de clausura para ficar com os pais idosos, desde que as irmãs pronunciaram os votos religiosos antes dela. Sóbria, amorosa, inteligente, transferiu sua vocação de monja para o lar e o magistério. Doutorou-se em filosofia e psicologia, ensinou em escolas superiores até atingir a aposentadoria. Com a morte dos pais, viajou ao exterior, principalmente em visita às cidades de Fátima, Lourdes, Roma, Assis. Lazer preferido: ouvir música gregoriana e clássica. Presença em todas as dores e mortes dos parentes, pelo amor e pelas deliberações justas, conquistou a reverência de todos. Os irmãos médicos operaram seu joelho trôpego. Após os 86, corajosa e prudente, descia escadas apoiando-se na bengala. Sofrendo com as tremuras do Parkinson, encostava-se à mesa, evitando levantar a xícara e derramar o chá. Sem testemunhas, finou-se com um crucifixo nas mãos.

Foram estas mulheres as únicas a repousar o corpo em despedida solitária, a voar para espaços de menor densidade e de maior amplitude ? Outras, avós santinhas, mães de família, irmãs, tias e amigas, gozaram também da travessia abençoada, de coração e consciência em paz.

Pessoas que morrem sem testemunhas no mundo material, podem, no mundo imaterial, estar sendo recebidas por seres queridos, seus avós, pais, cônjuges, irmãos, os filhos que se foram antes, as amizades de muitos anos, porque o amor, a afinidade, a gratidão persistem, como também o ressentimento, a inveja, o sentimento de vingança. A morte não altera o caráter dos relacionamentos anteriores.

Dizem que, um dia, Buda recebeu a visita de uma mulher queixosa por ter perdido o filho. Não poderia o Mestre budista dar a ela a certeza de recebê-lo de volta, ressuscitá-lo ? O Mestre lhe daria a resposta se, primeiro, ela fosse a todas as casas de família, e àqueles que ficaram sem ninguém, perguntar se ali ninguém havia morrido. A mulher foi e bateu em todas as portas até compreender que a morte é implacável, ela nunca deixa de vir buscar a alma em data só por Deus conhecida.

Videntes contam o que lhes foi dado presenciar. Lá, no mundo das almas, professoras do curso primário, as que alfabetizaram, e as pedagogas com vocação de mães-pelo-espírito, são recepcionadas por levas de crianças festivas e afetivas, com flores e cantigas de boas vindas. Almas fraternas, as que sofreram na terra e chamaram a si uma parcela das dores alheias, são levadas a verdes

campinas de repouso e contemplação. De quando em quando, fluem cânticos de suavidade e o encantamento estende-se ao futuro infinito.

Lá, religiosas ungidas talvez gozem de visões extraordinárias. Santa Catarina de Bolonha, que apreciava tocar violoncelo em seu convento franciscano, não morreu em solidão. Teve seu leito emoldurado pelas irmãs de fé, a recitarem salmos e preces de bem morrer.

No breviário de Catarina, elas encontraram uma confissão manuscrita, nunca revelada em vida: - *Vi meu Pai, São Francisco. Deus sabe que não minto.*

No mundo dos anjos, quem mais ela contemplaria, além do Santo de Assis ?

10 maio 2004

A Travessia Alumiante

Aos 16 anos, Mateus saiu com um amigo para caçar coelhos nas matas fechadas ao redor de sua chácara recém-adquirida. Voltaram com dois coelhos e retiraram as peles na cozinha como haviam aprendido a fazer no colégio, porém, sem usar luvas. Ao abrirem um dos corpos, um líquido pútrido inutilizou o projeto de assarem os animais. A faca de caça resvalou na mão nua de Mateus, afundou na pele e infeccionou o sangue. Os médicos diagnosticaram tulameria.* A febre subiu a 50° Celsius. No hospital, o corpo de Mateus, em coma, foi fechado em colchão plástico e recoberto de gelo.

Mateus sentiu-se separado do corpo. Movia-se livremente até onde lhe permitia um cordão que o ligava ao físico. Destemido, percorria um túnel luminoso que se expandia num espaço ilimitado. Olhou para trás, viu seu pai, em pranto, sentado ao lado da cama onde o corpo jazia. Nunca tinha visto o pai chorar, por que estaria tão infeliz ? Compreendeu que era ele, o filho, quem morria. Quis consolar o pai, dizer-lhe que a morte não devia preocupá-lo, morrer é apenas um fenômeno.

Observou seu corpo esquelético no leito, mal respirava. Teve de tomar uma decisão: vivia ou morria. Era jovem, podia explorar um pouco mais o mundo, não ? Teve de “dar duro” para recolocar o espírito no corpo, estragado pela doença, perdidos 18 quilos e todo o cabelo, e ainda por cima, cego. Os sons viravam imagens, as

luzes viravam tremores. Levou meses para gerenciar o cérebro e o organismo. Batizou a tulameria de “a vingança do coelho”.

Dez anos depois, sofreu um acidente de motocicleta e tudo recomeçou, igual. O túnel de luz, o espaço ilimitado, a decisão de viver, o penoso esforço de voltar ao físico. Outros dez anos decorreram. Próximo dos 40 anos, Mateus começou a questionar sua vida. Havia uma razão para haver sofrido duas experiências espirituais semelhantes ?

Nessa época, estava trabalhando com editoração. Um livro sobre a Morte e o Morrer chegou à sua mesa. Interessadíssimo, enquanto o aprontava para ser publicado, leu todo o texto. Tratou de terminar logo outro livro, escrito com um parceiro, para ver-se livre do serviço e começar a pensar em sua vida pessoal. De volta para casa, enquanto dirigia o carro na estrada, inventou um personagem, um imaginário co-autor que chamou de Matias, como se escrevesse com ele o enredo de um livro ou de um filme. Durante o percurso, tiveram longas conversas vesperais, ali mesmo gravadas em cassetes.

Certo fim de tarde, Matias interrompeu a conversação e disse a Mateus : - *Pare aqui e visite Júlia.* – Espantado, Mateus pisou no freio. Pensava em Matias como um intelectual criado por sua mente, nunca um ser externo à sua cabeça, independente. Entretanto, questionou: - *Por que devo visitar Júlia ? Não a vejo há anos.* – Matias respondeu : - *Faça como quiser. Você poderia ser lhe útil. Ela está num transe difícil.*

Curioso pelo imprevisto, Mateus deu marcha-a-ré e foi bater à porta de Júlia. Ela não acreditou ao vê-lo : - *Pensei em você, ia lhe telefonar.* – O pai de Júlia havia morrido e o espírito dele não saía da casa da filha. Importuno, resmungão, Júlia não sabia o que fazer

Naquele instante, Mateus compreendeu que Matias estava assumindo uma inacreditável posição de comando em sua vida, deixando de ser uma fantasia em sua cabeça de editor. Pediu-lhe ajuda: *E agora, o que faço ?* – Matias deu as instruções : - *Diga a Júlia que leve o pai a um lugar tranquilo e, uma vez sentados, dê a ele, claramente, permissão para morrer, abandonar o mundo físico e ir em frente. Se há algum negócio inconcluso, ele que informe para que a filha possa terminá-lo.* - Júlia achou esquisito falar com um morto, mas agiu. Uma semana depois, telefonou a Mateus contando que a despedida fora tranqüila e o espírito do pai se afastara de sua casa.

Mateus decidiu aproveitar os conhecimentos de Matias, aprendendo com ele novos recursos para sua atividade no mundo. Recebera a notícia de que seu próprio pai estava à morte. Nunca tivera de ajudar alguém a morrer. Matias o instruiu : - *Você já teve a experiência do túnel de luz duas vezes, já esteve no espaço ilimitado, ou quase lá. Esqueceu o tempo da "vingança do coelho" ? Além disso, terá minha ajuda e a de outros mais.* – *Que outros ?* – *Na hora, você perceberá.* - Mateus acatou a ponderação do amigo (que, aliás, vinha da experiência completa de deixar o corpo) e insistiu em detalhes. Matias adiantou-lhe : - *Encontrará uma senhora idosa que lhe dará mais informações.*

No dia seguinte, Mateus foi adquirir a passagem de avião numa agência de turismo e encontrou na porta uma conhecida, sua corretora na compra da chácara. Ela o convidou a conversarem na imobiliária sobre a doença paterna, a mesma que sofrera seu próprio pai. Contou dos sintomas, das ocorrências na hora final, das pessoas presentes, às vezes chocadas. Enfatizou a necessidade de focalizar o processo espiritual da morte, sentar-se ao lado do moribundo, dar-lhe a mão, dizer-lhe palavras de amor e carinho, ajudá-lo na travessia de luz. Bem preparado e com o auxílio de Matias, Mateus soube passar aos familiares uma atitude que permitiu uma despedida tranqüila para “os visíveis e os invisíveis”.

Essa experiência ajudou Mateus a ajudar outros doentes terminais a atravessarem desta vida para a outra. Sabedor de que uma amiga distante estava passando mal, telefonou-lhe. O irmão dela atendeu: - *Não compreendo o que ela diz.* - Mateus, um pouco agressivo, ordenou : - *Fique ao lado de sua irmã, não precisa fazer nada. Olhe, coloque o telefone no ouvido dela, deixe que eu falo.* - A conversa com a amiga foi doce e realista. Ela dizia: - *Tenho muitos amigos lá... eu os estou vendo... até logo, Mateus... adeus.* - Mais tarde, o irmão lhe contou que ela cruzara os braços, apertados contra o peito, murmurando: - *Era Mateus. Que linda família eu tenho !*

Mateus compreendia agora o significado de suas prévias experiências de separar-se do corpo e entrar pelo túnel de luz. Sabia que tipo de ajuda podia prestar.

Todos têm estes dons de serviço. Matias ensinou: -

A qualidade do serviço é o mais importante, não o seu gênero. - Espírito amigo, ele ajudou também por ocasião da morte da mãe de Mateus. Ela estivera presente ao desenlace do marido e aprendera a proceder em relação ao seu. Chamou, telefonou, escreveu, recebeu os visitantes, despediu-se ao longo dos dias; calmamente, providenciou o funeral, o rito religioso, a música. Conversava com naturalidade sobre sua morte e agradeceu a todos. Foi uma professora espiritual para seus familiares e amigos, especialmente para os mais idosos.

Ela fechou os olhos de leve e Mateus fechou os seus. Uma paz inundou-o, uma vibração de suave energia comunicou-se aos presentes, uma tranquilidade profunda, quase palpável, como se o filho e a mãe estivessem envoltos em uma neblina de amor. Ele disse a ela : - *Agora você pode ir.* - Matias murmurou para Mateus repetir : - *Vá para a luz. Vá suavemente para a luz.* - A mãe parecia estar cumprimentando alguém, muito feliz com o encontro, surpresa e animada pelo que ouvia de seres invisíveis, numa recepção de afinidade e harmonia.. Voltou-se para o filho, pronunciando quase indistinto o som de uma palavra: - *Quieta.* - Então, Mateus repetiu :- *Sim, quieta... quieta...* enquanto lhe segurava a mão, ainda tépida.

Em quietude ela partiu, em manso vôo.

* Tulameria: infecção mortal. Agente causador: *Francisella tularensis*, uma das mais patógenas bactérias infecciosas conhecidas. É transmitida pela picada de carrapato ou quando este é ingerido. Desenvolve uma úlcera no local infectado. É mais comum na América do Norte.

* *Francisella tularensis*, agente de guerra biológica, bio-arma, arma de destruição em massa. Serve ao terrorismo bioquímico. Consta de segredos bélicos altamente confidenciais, de projetos governamentais e militares, americanos e russos. Cientistas militares decodificaram a sequência de seus genes. Na antiga União Soviética, em Kazakstam e Obolensk, em 1950, estas armas eram preparadas em laboratório.

No Brasil, em agosto de 2004, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo, em Piracicaba, colocou avisos nas ruas e locais do campus sobre a *Febre Maculosa* advinda de uma infestação por carrapatos. A doença é, possivelmente, transmitida pela picada de um carrapato contaminado, que se hospeda nas numerosas capivaras existentes ali ou se agarra a cavalos e cães.

A *Febre Maculosa* é uma doença que, se não for tratada corretamente por antibiótico, leva à morte. Os sintomas são dor de cabeça, distúrbio abdominal e manchas vermelhas no corpo. Nos últimos três anos, houve seis casos na Escola, com a morte do filho do professor de zootecnia, de um funcionário e de um motorista que atropelou uma capivara. Em 2003 houve 20 casos da doença no Estado de São Paulo.

Viúvas e Viúvos, seus Cônjuges Vivem !

Pesquisadores científicos, na segunda metade do século vinte, empreenderam consultas a populações diferentes sobre a sobrevivência do espírito após a morte. Ciência nova, a **Tanatologia** já realizou investigações rigorosas em resposta à indagação: - *Alguma vez você sentiu estar em contato com uma pessoa falecida ?*

Milhares de europeus, americanos, indianos e indígenas responderam aos questionários e submeteram-se a entrevistas comprovantes. Todos os dados foram transferidos ao computador para análise e avaliação. Livros de cientistas (best-sellers!) e publicações especializadas de renome trazem os resultados levantados por pesquisadores do porte dos doutores Elizabeth Kubler-Ross, Raymond Moody, Karlis Osis, Erlendu Haraldsson, Ian Stevenson, Charles Tart e outros.

Independentemente de religião, casta, sexo, idade, instrução, status socioeconômico, suas pesquisas evidenciaram a crença numa vida pós-morte. O dr. Andrew Greely, da Universidade de Chicago, examinando 1.457 norte-americanos de sua amostra, concluiu que 50 milhões tiveram a experiência de perceber pessoas falecidas, ou seja 27% da população do país. No caso de viúvas e viúvos, 51%.

A História de todos os povos está repleta de sonhos bem-vindos aos que ficaram, como este, de uma viúva, ocorrido 800 anos antes de Cristo, em Tiro, na Fenícia,

terra de Líbano e Síria hoje. O rei teve duas filhas, Elissa e Ana, e um filho, Pigmalião, odiado sucessor de seu pai. Ele mandou matar o cunhado, Siqueu, marido de sua irmã Elissa, para apossar-se de seus bens. Agiu de modo a ocultar da irmã o assassinato. Mas Siqueu apareceu em sonho à esposa, informando o nome do mandante e o local onde sua riqueza estava oculta. Urgia que Elissa fugisse com o tesouro.

A viúva embarcou em navio fenício com sua irmã caçula, o tesouro e quinhentos aliados. Chegaram à ilha de Chipre e, logo mais, à costa norte da África, onde ela obteve do rei Jarbas a doação de um território, do tamanho de um couro de boi. Elissa cortou o couro em tiras estreitas e com elas alargou o perímetro de seu dote. Nele, Elissa construiu uma fortaleza e uma cidade, providenciando esposas para seus marinheiros. Passaram a chamá-la de Dido (a fugitiva). Jarbas, o rei, pediu-a em casamento. Em memória de Siqueu, Dido preferiu o suicídio. A próspera cidade tornou-se uma potência marítima, a célebre Cartago, rival de Roma e pelos romanos arrasada ao fim das Guerras Púnicas, um século antes de Cristo.

Acontecimentos assim espontâneos, aparições subjetivas, contam com o referendado dos acontecimentos *a posteriori*. No campo científico da Tanatologia, porém, provocar experimentos sob controle seria impossível. Os fatos comprovados juntam-se em configurações significativas, apesar de os relatos serem subjetivos e espontâneos. Pesquisa desta natureza não se conhece no Brasil, de modo que os exemplos seguintes são de norte-americanos, como este, de invulgar simplicidade e veracidade:

Velma Burke, de Grants Pass., Oregon, contou que seu marido, Martin Bleyting, fora médico clínico e cirurgião até a aposentadoria.. Meses antes de morrer, ele adoeceu, sofrendo de diabetes, problemas cardíacos e precária circulação nas pernas. Um dia, enquanto eu massageava suas pernas, ele disse : - *Se você precisar de ajuda, chame por mim, mesmo depois de minha morte.* – Nos últimos dias, respirava com extrema dificuldade, encarando a morte como alívio aos seus sofrimentos. No leito de hospital, ele voltou a pedir, em voz sumida: - *Lembre-se do que eu disse. Chame por mim se for preciso.* – No dia seguinte, deixou de respirar. De acordo com sua vontade, foi cremado.

Seis dias depois, talvez devido à minha profunda consternação, uma artéria ocular rompeu-se, meu olho doía e eu não conseguia bloquear o sangue. De pé, na cozinha, em desespero, chamei : - *Martin, diga-me o que fazer!-* Ele apareceu abruptamente na porta: -*Queridinha, use água morna salgada e uma compressa imediatamente.* – E desapareceu. Obedeci à instrução e, de manhã, o olho estava curado.

Crentes e céticos existem desde sempre em todas as culturas. Obras antiqüíssimas, como os Vedas hindus, o Livro dos Mortos, egípcio, as Bíblias cristãs, etc, relatam aparições pós-morte. Mudam os nomes, não mudam os fatos. Em 1971, na Inglaterra, a pesquisa de W.D.Rees reuniu 87% de viúvas e viúvos de diferentes comunidades, com os resultados seguintes: 47% experimentaram contato, 49% sentiram a presença, 14% viram, 13% ouviram e 12% conversaram com seus cônjuges falecidos. Entretanto, só 28% contaram a outras pessoas o que havia

acontecido, por medo ao ridículo. Medo de ouvir que estão possuídos pela mania de ver “fenômenos inexistentes”. No caso seguinte, o acontecimento foi comunicado a duas pessoas da família que, pouco depois, participaram do mesmo fenômeno:

Casada com Bill Evans, Geneva morava em Edmonton, estado de Kentucky, com seus dois filhos, Rosemary e James, este com cinco anos. O marido começou a sair sozinho, à noite. A esposa suspeitava que ele ia ao encontro de outra mulher. Na noite de 11 de outubro de 1962, deitada no quarto do casal, sua raiva crescia a cada minuto de espera em vão. Subitamente um terror incomum a sacudiu e uma voz sussurrou: *-Reze por ele.-* Ela se ajoelhou, trêmula, em pranto. Um perfume de úmidas folhas apodrecendo espraçou-se no ambiente e Geneva compreendeu que era muito tarde para concluir sua prece. Voltou à cama, sentindo um peso enorme comprimir-lhe o peito. Ouviu os passos de Bill subirem a escada e pararem na porta, onde ele se encostou, envolto numa aura de luz prateada, que lentamente foi se tornando opaca. Ele chegou aos pés da cama, fitou-a e disse: *- Vou-me embora.* – Geneva suplicou: *- Por favor, leve-me com você* – *Não posso.* – *Que direi às crianças?* – *Eu direi* – Ele se dirigiu ao quarto dos filhos, curvou-se e beijou-os, demorando-se um pouco a olhar o menino. Seus passos podiam ser ouvidos, descendo os degraus. A esposa correu atrás dele, gritando: *- Volte, volte!* – Ele sumiu. A porta estava fechada por dentro.

O carro de Bill havia se chocado com a grade de segurança e rolado por uma ponte na Pensilvânia. As pernas ficaram presas nas ferragens, a cabeça e o tronco de

Bill foram atirados a um riacho coberto de folhagens. Morto o invólucro de carne, seu espírito procurou o lar. No dia seguinte, o caçula disse à mãe: - *Papai foi embora na noite de ontem. Não pode voltar por causa do acidente. Ele me beijou.* - Rosemary acrescentou: - *Também me beijou.* Mais tarde, Geneva foi contar à irmã e ao cunhado o que acontecera, mas eles já sabiam: - *Bill chegou a uma hora da madrugada, subiu a escada, ouvimos seus passos, sua batida na porta de nosso quarto, mas não estávamos lá. Ele sentou no baú de mamãe e logo desapareceu.* - Ele veio despedir-se daqueles que amava.

O relato de Glória Davis, de Knoxville, Tennessee: Meu marido, Gene, morreu há dois anos. Estávamos num avião de resgate, saindo do Campo Zama, no Japão, em 25 de maio de 1970. Ele morreu entre o Japão e a Califórnia, durante o voo. Há três meses eu esperava nosso bebê. Alguns meses após o parto, Gene apareceu e disse-me: - *Estou muito orgulhoso de nosso filho.* - Acrescentou que tinha me visto, ontem, no cemitério, depondo flores no túmulo. Comecei a chorar. Deu-me um beijo e saiu pela porta. Para outra dimensão, outra frequência vibratória.

No caso seguinte, o espírito do falecido veio trazer ajuda à ex-esposa e paz à família. Em Chapman, Kansas, Betty Garrison escreveu seu relato e deu-lhe o título de Bênção: Na manhã de 20 de março de 1967, meu esposo Fred morreu lutando no Vietnã. A notícia chegou às sete horas da manhã seguinte. A dor foi cruciante, sobretudo porque eu tinha de pensar em nossos filhos e na criança que ia nascer. Durante aos 15 anos de nosso casamento, eu dependera de Fred para tudo. Ele tomava conta das

crianças à noite, enquanto assistia a seus programas de televisão e eu trabalhava.

À noite, o médico deu-me um sonífero. Eu não podia subir e repousar no quarto, tantas memórias me aguardavam ali. Dormi no sofá, de onde Fred costumava entreter-se com a televisão. De costas para o aparelho, eu estava adormecendo quando senti alguém me tocando. Voltei-me e vi Fred. Pensei que o remédio estava me dando alucinações. Fred falava comigo, mas eu não entendia e tudo à nossa volta parecia nublado. Esforçando-me, consegui ouvir o que ele me comunicava : : onde estavam os papeis e documentos, numa caixa que, antes, eu nunca precisara examinar. Ele dizia : *Não se preocupe. Eu tomarei conta de tudo.* - Então, adormeci. Na manhã seguinte, minha irmã Wanda examinou os documentos e os entregou a um consultor que iria me orientar.

Cerca de um ano mais tarde, conheci Norman Garrison, homem bom, que tinha amor por mim e por meus filhos. Ele queria o casamento, eu não. Parecia-me trair meu marido. Sempre discutíamos sobre isso. Em junho de 1968, eu lhe disse que não adiantava mais discutir, que eu me sentia dividida e chorei muito. Fui me isolar no banheiro, ele veio por trás, abraçou-me. Eu estava de frente para a janela. Na cortina, Fred apareceu, em seu uniforme de serviço. Assustada, vi seu gesto de aprovação, ele queria o casamento porque me traria paz. Fred me deu sua bênção. Norman e eu casamos e somos felizes.

O marido de Nelly, residente na Virgínia, sofreu de câncer, teve a língua e parte da face removidas, o cabelo caiu totalmente e muitas feridas abriram-se no rosto e no

pescoço. Alguns meses após a morte, tarde da noite, Nelly ouviu a porta fechada à chave abrir-se, ele subir os degraus e sentar-se ao lado de sua cama. Tinha todo o cabelo negro, sem cicatrizes, o rosto perfeito. Ele se curvou e beijou-a. Ela sentiu a marca do anel que ele levava para o túmulo. Regularmente ele aparecia à noite, inclusive no quarto vizinho para o filho, que mencionou ter visto o pai sorridente. Certa vez apareceu, acompanhado da avó de Nelly, falecida há um quarto de século, muito antes do casal ter se conhecido e casado. Conversaram sobre problemas que a preocupavam e garantiram que tudo se resolveria em breve.

Sufrimento, debilidade, aparência desfigurada desapareceram com a morte. William B., de Vancouver, Canadá, relembra a esposa, inválida e confusa durante três anos, levada a um Abrigo para Enfermas Terminais por outros três anos, antes de ser cremada, aos 68. Alguns dias mais tarde, enquanto lia de madrugada, viu a esposa deitada no banco junto à janela, coberta de uma roupagem de brilho nebuloso, o cabelo abundante, a face linda, a jovem que ele conhecera aos 17 anos. Ele a tomou nos braços, com amor, sentindo-a real, tépida, sólida. Em êxtase, ele repetia : *-Você está aqui ! Eu tenho você comigo !-* Com delicadeza, ela respondeu: *-Não, querido, eu morri.* – como se falasse com ternura a uma criança. Ela foi desaparecendo do abraço do marido, inconformado: : *- Não, não me deixe !*

Quanta poesia em Johnny, o que foi embora porque tinha trabalho específico a fazer ! Qual seria, ele não disse. Em manhã de neblina cerrada, a caminho do

trabalho, Johnny, casado com Grace Clark, faleceu num acidente de carro. Esposa e filhos acompanharam o corpo para o enterro no sepulcro da família em Illinois e voltaram ao lar na Flórida. Na manhã seguinte, Grace levou os filhos para a escola e, sozinha pela primeira vez, tocando as roupas que o marido nunca mais vestiria, chorou perdidamente. Caiu numa cadeira, combalida pela dor, longe dos filhos e de outros observadores.

Por trás, sentiu uma pressão em seu ombro, o toque da mão de seu marido. Num murmúrio, ele dizia : - *Querida, escuta-me. Eu te amo muito, muito.* - Habitado a chamá-la de Mã, (mãe), ele explicava : - *Mã, não posso vir nem fazer meu trabalho quando choras. Eu te amo. Fui separado de ti para fazer um serviço especial.* - Grace achou que estava perdendo o juízo. Johnny murmurava : - *How do I love you ? Procura esse poema.* - A mão dele retirou-se e Grace percebeu uma figura etérea afastar-se, sorridente, levando entre os dedos um instrumento de serviço. Viu como ele se reunia a um grupo de pessoas falecidas, de ambas as famílias, que gritavam exultantes : - *Você conseguiu, Johnny ! Conseguiu chegar até ela !* - E virando-se, eles desapareceram.

Grace foi tomada de uma paz inenarrável. Queria contar a alguém que acreditasse. Escreveu uma carta à irmã de Johnny, Frances Scott e ao cunhado, confessando que não conhecia e não sabia como achar o poema citado. Uma semana depois, recebeu a resposta, inclusive um pequeno volume que pertencia a France desde a adolescência.

Eram os *Sonnets from the Portuguese*, de *Elizabeth Barret Browning*. Um dos sonetos trazia na primeira linha a pergunta : - *How do I love you ? Deixe-me dizer de quantos modos eu a amo*, para finalizar com o juramento: - *Se for da vontade de Deus, meu amor será melhor depois da morte*.

How do I love you? Let me count the ways:
I love thee to the depth and breath and height
My soul can reach, when feeling out of sight
For the ends of Being and ideal Grace.

I love thee to the level of everyday's
Most quiet need, by sun and candle light
I love thee freely, as men strive for Right,
I love thee purely, as they turn from Praise.

I love thee with the passion put to use
In my old griefs, and with my childhood faith,
I love thee with a love I seemed to lose

With my lost saints, - I love thee with the breath,
Smiles, tears, of all my life ! - and, if God choose,
I shall but love thee better after death.

Em seu amor à esposa ideal, Grace, Johnny escolheu um poema que trazia o nome dela, para dizer-lhe que seu sentimento se estenderia até os confins da Graça divina, inesgotável.

Tradução ao pé da letra, salvo erro:

Como te amo ? Digo-te de quantos modos:

Amo-te com a profundidade, a amplitude e a altitude que minha alma possa alcançar, ao pressentir, longe da vista, os confins do Ser e da Graça ideal.

Amo-Te em nível da necessidade mais doméstica e mais tranquila, ao sol e à luz de velas. Amo-te livremente como os homens lutam pelo Direito. Amo-te com a pureza dos que desdenham do Louvor.

Amo-te com a paixão que eu costumava colocar em minhas antigas aflições, e com minha fê de menina. Amo-te com o amor que eu parecia desperdiçar

com meus santos (os que abandonei por ti) -

Amo-te com o meu respirar, com sorrisos e com lágrimas, com toda a minha vida ! E se Deus quiser, hei de amar-te melhor após a morte.

Carl Gustav Jung, paranormal

Filho de pastor luterano, o Senhor Jesus parecia a Jung, na infância, um *senhor dos mortos*, lembrado no enterro dos amigos de seu pai e de seus tios, todos pastores de fraque negro e sapatos reluzentes. Angustiado, o menino desconfiava do amor de Jesus. Aos seus olhos, a doutrina não condizia com o que observava ao redor.

No primeiro sonho de que se lembrava, ocorrido aos 3 ou 4 anos, Jung entrava numa cova que escondia um mistério. Deparou com um olho único, imóvel, fitando o alto, posteriormente entendido como um falo iniciático. Aos 6 anos, aprendeu latim com seu pai. Entrou na escola sabendo ler e foi sempre o mais adiantado da classe. *Eu tinha fascinação por gravuras de Brama, Vishnu, Siva, de interesse inesgotável, sentindo seu parentesco comigo.*

Aos 7 anos, com pseudocrupe e acessos de sufocação, deitava de costas e via um círculo azul com anjos dourados. *Eu era religioso, com restrições, achando que as religiões nada sabiam de mistérios indecifrados. Percebia na alma elementos arcaicos.*

Aos 12 anos, viu um fiacre passar diante de casa, um tipo de veículo do século 18. No mesmo momento sentiu que *era do meu tempo, como se eu tivesse sido transportado nele*. Sob forte emoção, não sabia dizer se era nostalgia, saudade, reminiscência de seu passado remoto. Ao ver as fivelas do sapato de um médico, reconheceu-as como *suas*. *Usei esses sapatos, são realmente meus*. Não sabia explicar por quê datava o ano de 1886 como se fosse 1786.

No ano seguinte, entrando de súbito na praça da catedral, cintilante, a soltar faíscas das telhas novas, Jung ficou deslumbrado com o céu azul e o sol, pensando *na beleza de Deus lá no alto*. Nessa época, travava combates internos sobre a noção de pecar e de fazer a vontade de Deus. *Se eu triunfar sobre o pecado, Deus me dará Sua glória e Sua luz*. Sentiu tão grande alívio que chorou de felicidade e gratidão *porque a bondade e a sabedoria de Deus me foram reveladas. Foi uma iluminação*. Tornou-se profundamente meditativo. Seu olhar mais profundo *era de natureza arcaica, a intuição. Várias vezes, conheci subitamente eventos que eu não podia conhecer. Esse saber me assaltava de modo repentino*.

Autocrítico, desde a infância, Jung distinguia em si dois indivíduos : o nº 1, mais imaturo, cheio de defeitos; o nº 2, mais velho, desconfiado, cético. Vivia em contato com a natureza, a terra, as intempéries, o sol, a noite, os sonhos. *Montanhas, rios, lagos, belas árvores, flores e animais pareciam traduzir a essência divina melhor que os homens, vulgares, vaidosos, fingidos, cheios de amor próprio*.

A igreja era um suplicio. Falava-se de Deus em voz alta, quase sem pudor. Dos mistérios de Deus, de sentimentos inefáveis, ninguém falava, nem o pastor. Seu pai esquivava-se de explicar a Santíssima Trindade. Jung percebia-se sozinho diante de Deus e responsável por seu destino, convicto de que estava na Terra para fazer a vontade d'Ele. *Quando tinha dúvidas, entenãia-me a sós com Deus*.

De roupa e chapéu novos, foi levado à cerimônia do crisma, a pão e vinho. *Insignificante, deplorável.* Esperava que Deus provocasse eventos inéditos, de fogo e luz extra-terrestre. Para Jung não foi comunhão, *foi uma catástrofe.* Separou-se da fé de seu pai, insatisfeito, achando Deus deficientemente conhecido. Os dogmas sobre o sofrimento o indignavam. Ruminava sobre a natureza, uma *criação* de Deus, mas só o *Criador era realmente fogo devorador e graça indescritível. Só d'Ele poderia advir a experiência convincente de Sua existência.*

Na escola, entre colegas endinheirados, percebeu a pobreza de sua família. Angustiado com matemática, aborrecido com teologia. Mesmo assim, redigiu um artigo de seu interesse, com o maior empenho, recusado pelo professor sob a pecha de ter sido copiado. A ameaça de ser expulso, uma injustiça, aprofundou sua raiva e solidão, irritado sobretudo com o apelido que lhe deram os colegas, *Patriarca Abraão.*

Estudou os filósofos, Pitágoras, Platão, Heráclito, *amados.* Tomás de Aquino, *árido.* Meister Eckart, *sopro de vida.* Schopenhauer, *grande achado, o sofrimento e a morte.* Kant, *quebra-cabeças.* Seu professor, sem acusá-lo de fraude, tinha por levianos os comentários do aluno. Pelo menos, Jung percebeu que temas prementes, esotéricos, deviam ser remetidos ao silêncio. O mundo de Deus luterano era *sobre-humano, luz ofuscante, sombras gélidas, o infinito e o acaso, tudo, menos edificante.* Quanto à escolha de sua profissão, Jung preferia as ciências, desconfiado da teologia, da igreja, da *ressaca.*

Aos 14 anos, escalou uma montanha, conheceu a capela de um beato católico, suíço, e chegou a fantasiar uma capelinha só dele onde seria o santo ermitão. Não gostava que arrancassem e dissecassem plantas por considerá-las *inocentes pensamentos de Deus*. Amava o Evangelho de João. Tinha sonhos com uma pequena luz que o guiava, *a única que possuía, minha consciência*.

Concentrou seu interesse em civilizações do Egito e Babilônia, guiado por sonhos em que fazia escavações arqueológicas e vislumbrava formas primárias num açude. Não queria ser professor e a Zoologia não lhe oferecia um campo mais largo. Optou *luminosa e irrevogavelmente* pela medicina. Sem dinheiro, seu pai solicitou uma bolsa para o filho na Universidade de Basileia. Começou a prevalecer em Jung o indivíduo nº 1, o autônomo. O nº 2 refugiou-se em sua intemporalidade.

Discussões violentas com o pai teólogo marcaram seus anos de estudos médicos. Falecido o pai, Jung ocupou o quarto que fora dele. Seis meses após a morte, o pai apareceu-lhe em sonho, como se voltasse de férias. Alguns dias depois, o pai apareceu, curado e, no sonho, Jung censurava-se por julgá-lo morto. Ao despertar, questionava-se – *Que significa isto ?* – Pela primeira vez, refletiu sobre a vida pós-morte.

Encontrou um livro sobre *Aparições de Espíritos* e estudou tudo sobre espiritismo, hipnose e patologia mental, atribuindo ao medo e à angústia o silêncio das igrejas sobre o além. Para Jung, era um ganho em profundidade. Leu os sete livros de Swedenborg que

colidiam com idéias tradicionais e preconceitos. Surgiram questões de espaço e tempo, sonhos *precognitivos*, desafios sobre o desconhecido.

Especializou-se em psiquiatria, então uma área de médicos inexperientes. Passou a assistente em hospital de Zurich, professor na Universidade, deu cursos de patologia e organizou laboratórios. Durante conferências na Clark University, americana, recebeu juntamente com Freud o título de *doutor honoris causa*. Exames de maior interesse patológico enviados à sua atenção e diagnóstico, mereceram análise por escrito.

Certa vez, em companhia de convidados a um casamento, inventou a vida secreta de um advogado. Para constrangimento dos presentes e surpresa do próprio Jung, era a vida oculta do homem à sua frente. Tinha esse dom de conhecer subitamente o que não conhecia.

Eu queria conhecer a opinião de Freud acerca da precognição e da parapsicologia em geral. Fui vê-lo em Viena, em 1909. Apegado a seu preconceito materialista, repudiou o assunto. Um estalido ressoou na estante ao lado que parecia vir desabar sobre nós. Previ que o mesmo estalido se repetiria, a despeito de Freud comentar que eu dissesse um disparate. De fato, repentinamente, o estalido repetiu-se. De onde me viera essa certeza ? Não sei. Apenas a ignorância recusa os fatos parapsicológicos.

Em 1911, ao analisar meus sonhos com Freud, ele havia perdido sua autoridade sobre mim. Um desses sonhos sugeria que Jung fora um cavaleiro do Santo Graal, no século 12. Um homem não é de hoje, nem de ontem, o homem tem uma idade imensurável.

Devotou-se aos estudos de alquimia, interpretava seus próprios sonhos, tinha visões em estado consciente. Em 1913, viajava sozinho quando viu uma onda colossal cobrir os países europeus, do Mar do Norte aos Alpes, da Inglaterra à Rússia. Montanhas ergueram-se quando a onda chegou às fronteiras da Suíça. Do outro lado, sangue, milhares de mortos, destruição. A *precognição* durou cerca de uma hora. Repetiu-se uma quinzena depois. Uma voz interior lhe disse – *Isto é real, não duvides.* – Jung não pensou numa guerra, mas ela estourou em 1º de agosto, a de 1914-18. Foi um período em que vivia agitado, com muitos sonhos simbólicos sobre a Europa e a civilização. Recorreu aos exercícios de ioga para acalmar-se e poder estudar o que se passava nele sob o limiar da consciência. A fim de registrar suas descobertas, mandalas e visões, deixou a universidade. Tinha a matéria prima para compor suas numerosas obras eruditas, de interpretação de símbolos milenares, inovadora.

Em 1911, na Itália, havia sonhado que estava numa assembléia de ilustres espíritos de séculos passados. Falava-se latim. Um senhor, de longa cabeleira (arquétipo do espírito de ancestrais) perguntou-me algo que eu não soube responder em latim. Acordei frustrado, confuso, tendo esquecido a pergunta. Entendi que precisava continuar minhas pesquisas. Mais tarde, Jung escreveu os Sete Sermões aos Mortos. Vivendo em múltiplas dimensões, os mortos me propunham questões cruciais.

Em janeiro de 1923, sonhei com uma floresta virgem, primitiva, sombria e espessa, de árvores e rochas

gigantescas. Um silvo estridente repercutiu pelo mundo e eu tremi. Um lobo monstruoso, ameaçador, saiu correndo, mandado pelo Caçador Selvagem (arquétipo da morte) para trazer-lhe um ser humano. Acordei numa angústia mortal. De manhã recebi a notícia da morte inesperada e brutal de minha mãe. Compreendi que sua alma era acolhida pela totalidade da natureza. Escutava, sem pausas, música de dança e risos alegres.

No inverno de 1923-24, estava sozinho na casa que construiu para si, fervendo água num caldeirão. O som da água fervente desapareceu ao ouvir inúmeras vozes e instrumentos de corda, uma polifonia que parecia dividir-se numa orquestra dentro, e outra, fora da torre. Durante mais de uma hora ouviu fascinado a melodia suave, mágica, às vezes contrastante, como água e vento. Alguns meses depois, ouviu vozes, conversas, risos. Lá fora, tudo quieto, vento nenhum. Mesmo dormindo, continuou a ouvir e ver pessoas em trajes festivos. Soube, muito mais tarde, de ocorrências semelhantes nos séculos 17 e 18, da passagem por ali de almas defuntas em festa.

Do amigo Richard Wilhelm, sinólogo, recebeu um livro precioso: *O Segredo da Flor de Ouro*, um texto taoista de ioga chinesa, milenar e alquímico. Comoveu-o profundamente numa época em que a lei da causalidade parecia-lhe insuficiente para explicar os fenômenos do inconsciente, paralelos aos racionais, **paranormais**, sincrônicos. *Nosso inconsciente está pleno de simbolismo oriental. Não temos nenhum motivo para subestimar a Flor da inteligência chinesa, seu espírito que sempre aspirou a alturas sobre-humanas, luminosas.*

Jung aprendeu que *Tao* significa *cabeça ir* (além da consciência) *à Luz do Céu que mora entre os olhos* ! O mesmo significado do *olho filosófico* de Jacob Boehme, idêntico ao pintado na arena ritual pelos índios pueblós, similar aos desenhos geométricos dos budistas tibetanos, à *tetrakys* de Pitágoras, ao homem redondo de Platão, à *roda solar* da era paleolítica descoberta na Rodésia, à árvore de Natal cristã, à mandala de Hildegard von Bingen, às visões esotéricas da dra. Anna Kingsford (Deus-Pai, Deus-Mãe, Deus-Filho, Deus Espírito-Santo).

Suma do saber secreto, a Flor de Ouro, centro incorruptível de fulgurante brancura na mandala ou roda, é símbolo de refinamento, enobrecimento, beatitude, liberdade. Pensamentos têm forma e cor, são rastros da alma, a cabeça do sábio sumido em contemplação flameja de luz, a participação em coisas e idéias anula-se, a consciência dissolve-se na contemplação do Divino. Metafisicamente apenas subsiste o "*corpo diamantino*", "*hálito indeteriorável da Flor de Ouro*", Tao-Deus, o Lótus de mil pétalas, o esplendor do Absoluto Inefável atingido através de *kundalini*, "o desfiladeiro do elixir".

Jung viajava de trem pela costa africana quando viu no pico de uma montanha um homem apoiado numa lança, ao lado de um gigantesco cactus. *Tive a impressão de já tê-lo visto, de que sempre o conhecera num mundo separado de mim apenas pelo tempo, como se aquele homem, desde minha juventude, me esperasse há 5.000 anos. Seu mundo era o meu há incontáveis milênios.*

Em suas viagens, as visões lhe traziam a sensação

de voltar a tempos que já vivera, a regiões que conhecera, *de re-encontrar um círculo de amigos ao qual pertencia*. Na Índia experimentava momentos de beleza, de intenso encantamento, de felicidade. Percebia um halo azul ao redor da cabeça de uma jovem enfermeira que lhe servia pratos rituais mas Jung a via de uma era antiquíssima.

Após a morte da esposa, ela apareceu em sonho, na flor da idade, propiciando uma imagem do que acontecera nos 35 anos de casamento, livre de perturbações afetivas, objetiva, com uma sabedoria que agradou a Jung. Em outro sonho, ela retornava aos trabalhos de pesquisa sobre o Santo Graal, continuando o que a morte interrompera.

Por ocasião da segunda Guerra Mundial, Jung voltava para casa quando a imagem de um afogado, conhecido de um emprego anterior, impôs-se ao seu espírito. Ao chegar em casa, todos estavam agitados. Soube que um neto menor caíra do barco e não sabendo nadar, fora salvo pelo irmão mais velho. O fato ocorreu no mesmo instante em que a imagem do afogado impôs-se a Jung. Sonhos *premonitórios*, com membros da família, vivos e mortos, ou acidentados, Jung registrou-os, comentando: *A psique extrapola a lei de causalidade espaço-tempo*. Mais tarde, ele explicaria a *precognição* propondo a teoria da sincronicidade.

Em 1944, aos 69 anos, Jung fraturou um pé e sofreu um enfarte cardíaco. Entre delírios, reconhecia a condição de risco, pensando que ia morrer. A enfermeira, habituada aos agonizantes, via o doente envolto em halo azul. Jung teve uma visão espantosa. Viu-se elevado no

espaço cósmico, a 1.500 km acima da Terra. Abaixo dele, o globo terrestre banhado por maravilhosa luz, cor de prata e azul luminosos. Aos seus pés, o Oceano Índico, o Golfo de Bengala, a ilha do Ceilão. À sua frente, o subcontinente indiano, com manchas de vegetação, de verde oxidado e, ao norte, os picos nevados do Himalaia. À esquerda, o deserto vermelho alaranjado da Arábia e além o Mar Vermelho. No canto superior da visão, uma nesga do Mar Mediterrâneo, a terra onde tinha sua casa de pedra.

Posteriormente, Jung calculou a abrangência desse olhar dominante, de *clarividência à distância*, sobre 6 meridianos de 10 graus de latitude cada um, equivalente a 60 graus ou 1/6 do globo terrestre, em forma esférica.

Minha vida parecia ter sido cortada por uma tesoura, fragmento de uma longa corrente na qual muitas perguntas tinham ficado sem resposta. Do sul da Europa, ergueu-se a imagem de meu médico, circundado por uma corrente de ouro e coroado por louros dourados (um arquétipo do médico). Por telepatia ele me comunicou que trazia um protesto da Terra: eu não tinha o direito de morrer naquela ocasião.

Depois dessa doença, sonhei que atravessava uma região escarpada, sob um sol brilhante, descortinando um vasto panorama. Uma capelinha, à beira de um atalho, tinha a porta entre-aberta. Entrei. Para minha surpresa, não havia estátuas nem crucifixo, só um magnífico arranjo de flores. Diante do altar, voltado para mim, um iogue em posição de lótus, profundamente recolhido. Ele tinha o meu rosto! Perplexo, acordei, pensando : Ele medita em mim, ele sonha e o sonho dele sou eu. Ele

representava a totalidade de meu inconsciente, o outro lado de mim. No Oriente, equivalia ao spiritus rector de todos os fenômenos de minhas vidas, designado pela mandala, a manifestação da Divindade encarnada no ser humano. No cristianismo, significa a cognitio dei, o autoconhecimento.

Jung não esclareceu se uma visão tão singular, ver-se com o rosto de um iogue, era uma *retrognição* (volta ao passado) ou uma *precognição* a longo prazo (profecia de encarnação na Índia). Ele nunca disse que sabia tudo...Em suas *Memórias*, condensou numa pequena frase, a beleza e a bondade que conheceu desde menino: ***Eu me entendia com Deus a sós.***

Prova oral no curso de Psicologia Clínica da Universidade São Marcos. Com base no livro de Jung - *Memories, Dreams, Reflections*-Random House, 1961.Mais tarde ampliada com outros temas em minhas aulas de Psicologia da Personalidade na FMU

O Anjo

Há seres que decididamente pertencem a uma ordem superlativa absoluta: os Anjos que desempenham trabalho moral junto a pessoas de mérito suficiente para se beneficiarem da companhia deles. Foi este o caso da menina Cecy Cony, nascida em 4 de abril de 1900, filha do capitão João Ludgero de Aguiar Cony e de Antonia Soares Cony, residentes em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. Ela viveu a maior parte de sua curta vida em Jaguarão, na fronteira com o Uruguai.

Aos 4 anos, durante os festejos carnavalescos, a gauchinha afastou-se das irmãs, aterrorizada e presa por um mascarado. Sentiu, pela primeira vez, a presença do Anjo, “ *sem o ver, mas era como se o visse*”. – Subitamente, o mascarado soltou a mão da menina. Foi assim que Cecy conheceu quem ela passou a chamar de “*Meu Novo Amigo*”. A companhia “*doce e tranqüila*” desse anjo invisível perdurou durante 30 anos, a ninguém mencionado, nem mesmo a seus pais. Extraordinariamente para uma criança, Cecy preservou sua intimidade mais secreta

Seu amor por Jesus e pela Virgem Maria também era extremamente calado, mas traduzia-se em gestos ao seu próximo, aprovados ou censurados pelo Anjo aliciante, visando formar-lhe o caráter altruísta. Trata-se, este caso real, de uma invulgar educação ética proporcionada a uma menina brasileira pelo toque sensorial e os dons telepáticos de um Anjo.

Ao visitar uma chácara, quando pretendia roubar pêssegos deliciosos, o braço suspenso de Cecy era descido pelo Anjo, tão sensivelmente como se uma pessoa a tocasse. Em casa e na escola, não mentia, não furtava; entretanto, era vítima das colegas que a acusavam de mentiras e furtos; o Anjo impedia Cecy de denunciá-las e de cometer vingança.

Com moedas que o pai lhe dava, pretendia comprar um bonequinho negro. Vendo o Santo Rosto do Anjo mostrar-se triste, em vez do boneco, comprou bombons para dar ao Cipriano, um velho doente no asilo defronte à sua casa. Ganhou do pai uma caixinha, cuja tampa trazia um elefante com rodas nos pés "*que rodavam de verdade*". Ante o rosto sério do Anjo, desistiu de pensar com egoísmo, de conservá-lo para si, e fez presente da caixinha a uma menina da vizinhança.

À medida que crescia, sua curiosidade a levava a penetrar em ambientes de risco. O Anjo opunha-se energicamente, segurando-lhe a mão. Dela afastava os transeuntes bêbados ou perigosos. Com invulgar apego a Jesus, Cecy rezava: - "*Os homens maus não sabem que o senhor está comigo e eu não digo a ninguém.*" A mesma atitude ela mantinha para com seu Anjo: não conversavam

Ganhou do pai um carrinho, puxado por uma cordinha: - uma camponesa levava à frente um bando de gansos, ela batendo os bracinhos, eles batendo as asas. A menina brincou na calçada várias tardes, assistida por um negrinho meio esfarrapado que lhe propôs trocar o carrinho por uma laranja. Cecy respondeu com um tanto

de orgulho: - *"Meu carrinho vale mais que um saco de laranjas e tenho delas quantas quero."* A Santa Mão de seu Amigo caiu sobre sua cabeça e *"ouvi dentro de minha cabeça que eu devia dar o brinquedo"*. Deu e o rosto do Anjo mudou sua seriedade em doçura.

Cecy gostava de todo tipo de doces: balas, chocolates, marmelada, uvas passas, torrões de açúcar, frutas assadas na calda. Tinha de desistir de glicemia alta para ganhar a doçura do Anjo.

Nos cinemas, nos teatros, nas óperas, em certas cenas impróprias para sua idade, o Anjo estendia as asas diante dela. Como depois não podia comentar o espetáculo nem queria falar do Anjo, seus pais começaram a achar que lhe faltava inteligência. Inclusive pelas colegas, que a enganavam e mentiam, era chamada de boba, bocó, palerma. Seu pai a considerava ingênua. Mas as notas no colégio correspondiam ao primeiro lugar na classe. Quando não estudava muito, ao quarto lugar.

Estava com 13 anos, inocente como foi criada. Um tenente-coronel, na idade de 40 a 50 anos, amigo de seu pai, escolheu-a para noiva, deu-lhe presentes e o anel de compromisso. Ele exigiu que ela estudasse piano e idiomas. O pai explicou à filha que seria feliz como esposa de militar. Mal sabia ela o que era ser esposa.

Estava assistindo à missa para comungar, quando ouviu pela primeira vez a voz de Jesus:- *"Não serás uma esposa da terra. Mas esposa de Jesus"*. Menos ainda

sabia o que era ser crucifixo vivo de Jesus, as renúncias, a noite escura do místico, os padecimentos em favor de outros seres. O casamento foi desfeito.

Cecy continuou sua aprendizagem de vencer o egoísmo, ensinada pelo Anjo aliciante *"a doar sua cestinha de picnic a uma nêga veia que ainda não tomou café"*.

Ganhou do pai um lindo, muito desejado estojo de madeira envernizada, contendo lápis, caneta, régua, borrachas, canivete, corta-papel, penas para tinta, etc e pensou: - *"Vou dar o estojo usado, na sacristia, para os estudantes pobres do curso noturno"*. Embrulhou-o, aproveitando o mesmo papel do presente recebido e a mesma fita decorativa. Em dúvida, desculpando-se, pensava: - *O bonito foi papai que me deu! O padre disse que podemos dar o usado"*. A mão do Anjo pousou em seu ombro. Cecy desfez o pacote e embrulhou o novo e bonito estojo no mesmo papel acetinado, atando-o com a mesma fita de enfeite.

Em outra ocasião, juntou moedas para comprar patins e aprender a deslizar no rink de patinação. O Anjo, de rosto severo, mostrou compaixão por sua frivolidade. Ela distribuiu as moedas no asilo de pobres. Quando experimentava o dilema de dar ou não dar, nunca negava o agrado a seu Anjo, como nada recusava a Jesus e Maria.

Aos 14 anos, foi recebida na igreja como Filha de Maria, um acontecimento memorável. Contou mais tarde

apenas ao confessor : - *"O Santo Anjo pousou sua mão em meu ombro e com a outra entregou meu lírio a Nossa Senhora"*.

Vivia em Jaguarão uma mendiga feia e tagarela, que transportava um saco às costas. Certo dia, alguém amarrrou ao saco, na ponta de uma corda, uma lata que fazia barulho pelas ruas. O espetáculo provocava o riso de todos. Ao contrário, Cecy queria chorar, indecisa se devia socorrer a pobre mulher, desamarrando a lata. Sentiu que o Anjo a impelia : - *Vai, Jesus te pede !"* Sufocando a vergonha, Cecy tentou, mas a mendiga voltou-se contra ela. Foi um vexame. Por fim, a "bruxa da cidade" aceitou sua ajuda e agradeceu. Cecy ficou com um ferimento e uma cicatriz no braço. O Anjo murmurou, uma das raras vezes em que Cecy ouviu sua voz : - *"Jesus está satisfeito"*.

No dia seguinte, empacotou roupas, sabonete, pente, uma tesoura para unhas e foi cuidar da mendiga. O Anjo manteve sua mão o dia inteiro sobre a cabeça de Cecy. Limpa, perfumada, alegre, a mulher morreu poucos dias depois. Não demorou muito para Cecy saber que a mendiga havia entrado no Céu.

Numerosos outros atos de abnegação, não relatados aqui, ocorreram em sua adolescência. Sempre que o pai, capitão Cony, servindo no Rio de Janeiro, adoecia, a filha costumava pedir a seu Anjo que fosse visitá-lo e dele cuidasse. Foi nessa ocasião que Cecy soube o nome de seu Anjo, Miguel. Ela não fez uma revelação explícita, mas deixou lugar à suposição de que ele fosse São Miguel Arcanjo, ou uma entidade Angélica das hostes do Paladino de espada na mão.

Dos 13 aos 18 anos, a escolhida para esposa de Jesus, além de continuar seus estudos, foi professora particular e ajudou a dar aulas a crianças em um educandário católico. Em 1925, decidiu sua vocação, escolhendo a Ordem Terceira de São Francisco. Em 1926, fez-se postulante, em 1928, noviça, em 1933 tornou-se Irmã Maria Antonia na Congregação das Irmãs Franciscanas, em São Leopoldo.

No convento, somente as superiores sabiam de seu convívio místico com o Anjo, Jesus e a Virgem Mãe. Solicitado seu testemunho por escrito, redigiu sua autobiografia, *Devo narrar minha vida*. O livro foi publicado pela Editora Vozes, em três edições, de 1949 a 1953, trazendo a preciosa introdução de seu Diretor espiritual, o sacerdote jesuíta João Batista Reus, talvez o único estigmatizado no Brasil até hoje.

Enferma, ela faleceu em odor de santidade em 24 de abril de 1939 e foi sepultada no cemitério conventual das Franciscanas de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Neste mundo falível, cabe a cada um de nós um fadário e uma bênção. Em cada vida, perpassa um toque do perdão e da graça divina, estes infalíveis.

O Psiquiatra da Consciência Cósmica

Meu pequeno livro, iniciado com um relato verídico, começa a fechar-se com outro, não menos inglês, ou melhor, canadense – a vida e a obra de Richard Maurice Bucke, autor de *Consciência Cósmica*, psiquiatra que inaugurou quase silenciosamente o estudo da Meta-psicologia, no Ocidente, em 1900.

Bucke nasceu na Inglaterra em 1837. O pai, inglês, formara-se em teologia pela Universidade de Cambridge e a mãe era neta de um membro do Parlamento. Bucke foi o sétimo filho, nascido um ano antes do casal emigrar para o Canadá, onde foram morar numa fazenda nos subúrbios da cidade de London, província de Ontário. Seu pai, de cultura eclesiástica, conhecedor de sete idiomas, levou consigo uma biblioteca de milhares de volumes.

O menino não freqüentou escola formal. Aprendeu latim com o pai e podia mover-se entre os livros, instruindo-se à vontade. Executava todos os pesados trabalhos de filho de fazendeiro, sem eletricidade e sem automóvel. Aos sete anos perdeu a mãe e seu pai voltou a casar-se. Aos dezessete perdeu a madrastra. Resolveu viajar e cruzou a fronteira com os Estados Unidos, empenhando-se em diversos serviços. Foi jardineiro, ferroviário, marujo no rio Mississippi, condutor de trem de 28 vagões em direção às Montanhas Rochosas, numa época de alto risco em que índios e brancos matavam-se com mútuo ódio. Recebido o salário, juntou-se a numerosos aventureiros, perseguidos de acampamento em acampamento até

ficarem reduzidos a arma nenhuma, nutridos de farinha diluída em água fervente.

Tornou-se garimpeiro de ouro em companhia de uma centena de homens, a viverem sem leis, escola ou igreja. Com outro grupo, descobertas minas de prata intocada, decidiram esconder o achado, mas todos vieram a morrer no inverno, menos Bucke e um amigo. Este também não tardou a morrer. Com os pés congelados, Bucke foi salvo por piedosos mineradores. Teve um pé inteiro amputado e o outro, parcialmente. Estava com 21 anos e durante toda a sua vida sentiu dores perturbadoras nas pernas.

De volta ao Canadá, recebeu o imóvel que lhe cabia, herança da madrasta, e decidiu cursar a Faculdade de Medicina McGill, terminando, aos 24 anos, premiado pela melhor tese. Escolheu fazer a pós-graduação em Londres, França e Alemanha, sob a direção dos melhores especialistas. Aos 27 anos, regressou ao Canadá, casou-se e começou sua atividade de médico.

Bucke nunca foi um profissional comum. Era um cientista rigoroso e um homem de cultura poética, de excelente memória, capaz de reproduzir de cor milhares de versos. Distinguiu-se na carreira, sendo nomeado superintendente do recém-inaugurado Asilo para Insanos e, um ano depois, diretor do Hospital em sua cidade. Introduziu reformas na administração psiquiátrica e veio a ser titular de Doenças Mentais e Nervosas na Universidade. Aos 51 anos foi eleito presidente da Seção de Psicologia da Associação Médica Britânica e, logo

mais, da Associação Americana de Psicologia Médica.

A biografia de Bucke não estaria completa se não relatasse um acontecimento que abriu sua imaginação de psiquiatra a um novo mundo de pesquisa e atuação. Bucke tinha 30 anos quando ouviu de um visitante alguns versos do americano Walt Whitman que lhe causaram profunda e permanente impressão. Aos 35 anos, quando na Inglaterra se recolhiam depoimentos sobre experiências psíquicas, Bucke escreveu à Sociedade Real do Canadá:

"Havia passado várias horas com amigos, lendo poetas americanos e ingleses. Quando eles partiram, tomei um coche e saí pela noite, tranqüilo e contente. Súbito, sem aviso, vi-me envolto numa nuvem inflamada de cores, que não estava fora de mim, mas em meu íntimo. Imediatamente senti uma imensa alegria, uma exaltação, uma iluminação intelectual indescritível. Percebi que minha alma era uma flama do esplendor bramânico e ela nunca mais me abandonou. Em meu coração, permaneceu uma gota da Beatitude bramânica, como um vestígio do Céu divino".

Refletindo sobre a relação entre a mente e a ética, Bucke escreveu *A Natureza Moral do Homem*, livro dedicado a Walt Whitman e publicado em Nova York. Aos 40 anos teve seu primeiro encontro inebriante com o Poeta, como admirador, amigo e médico. Whitman disse a um amigo que Bucke *salvou-lhe a vida... ele é rápido na ação, lúcido, seguro, decisivo... he is the top of the heap (o máximo, o culminante).*

Bucke começou a pensar, e falar, de Consciência Cósmica em termos de *evolução mental da humanidade*. Quatro anos depois, produziu sua obra-mestra, publicada em Filadélfia, numa edição de 500 exemplares, um quase mutismo. Chamou a atenção de um psicólogo do porte do americano William James que imediatamente lhe escreveu - *é uma adição de primeiríssima importância à psicologia*.

Uma carta de amor abria a edição inaugural dedicada a seu filho Maurice: - *8 de dezembro de 1901. Querido Maurício, no vigor e beleza da juventude, um fatal acidente o removeu deste mundo. Você era o mais puro, o mais nobre, o de mais ternura, honesto, fiel, inteligente, confiável. Minha dor e a de sua mãe... Você não está morto, ausente, mas vivo, próximo. Só mais um pouco e estaremos juntos outra vez. Quanto você me era querido, quanto mais veio a ser querido... dedico-lhe este livro que leva minha mais profunda intuição sobre os membros mais nobres de nossa raça. Seu Pai.*

Alto, de ombros largos, longa barba crescendo até o peito, nariz adunco, olhos de vívida inteligência, capaz de repetir de cor o volume completo das *Leaves of Grass* de Whitman, Bucke viveu apenas um ano após a publicação de *Consciência Cósmica*, que teve outras edições em 1922, 1923 e 1969 em inglês. Na noite de inverno de 19 de fevereiro de 1902, tendo visitado um amigo em companhia da esposa, antes de entrar em casa, Bucke quis contemplar da varanda o céu de estrelas, límpido, brilhante. Escorregou numa lâmina de gelo, bateu a cabeça violentamente no pilar da varanda e caiu. Estava morto quando o levantaram.

Com certeza, os Iluminados o receberam entre as estrelas do inverno. *Consciência Cósmica* não é um livro sobre religiões, embora o autor conhecesse a Mística Cristã, o Bramanismo, o Budismo, o Esoterismo. Em seu estudo do Êxtase, selecionou 14 indivíduos de inegável, completa e permanente iluminação: - Buda, Jesus Cristo, São Paulo, Plotino, Maomé, Dante, Bartolomeu de las Casas, São João da Cruz, Francis Bacon, Jacob Boehme, William Blake, Balzac, Whitman, Edward Carpenter. E outros, de êxtases que julgou menos perfeitos, como Moisés, Isaías, Pascal, Spinoza, Emerson, Thoreau, Ramakrishna, este porque talvez não lhe conhecesse em detalhes a vida de *param-hansa*, "o mais alto-cisne", seu contemporâneo (1836-1886) na Índia.

Com certeza também não conheceu a vida de Ana Maria Taigi, paupérrima criada servindo no palácio de um príncipe italiano. Foi em 1790, aos 21 anos, no tempo de seu casamento e da Revolução Francesa, que teve aberta a visão de um terceiro olho. Erguendo os olhos físicos, surgiu-lhe um Sol em cuja luz ela viu, durante os restantes 47 anos de sua existência, todos os acontecimentos passados, presentes e futuros, os segredos dos corações e os atos mais ocultos.

Esse fulgurante Sol era encimado por uma coroa de espinhos, em cujo centro a Sabedoria, com aparência de jovem mulher, sentava-se em contemplação. Aconteceu, pela primeira vez, na viela romana onde Ana residia. O Sol fulgurante escondia-se atrás de algumas nuvens, mas foi-lhe dito que a claridade aumentaria à medida que ela se purificasse. Nessa luz, Ana contemplaria antecipadamente até sua própria morte.

Dia e noite, em casa, na rua, na igreja, era naquele terceiro olho, aberto e ampliado, que Ana Maria via todas as coisas físicas e morais da Terra, os abismos e os céus, os vivos e os mortos, os pensamentos de figuras notáveis de séculos anteriores, o choque de opiniões nos gabinetes de reis e ministros de seu tempo, a sinceridade ou a duplicidade deles, a política subterrânea, conspirações e decretos de Deus para confundir os orgulhosos e os maus. Ela assistia a naufrágios em oceanos distantes, penetrava em prisões da China e da Arábia onde agonizavam confessores da fé cristã e levava a todos os necessitados os méritos de sua alma santa. Podia curar com sua presença ou seu pensamento. Timbrava, porém, em manter-se desconhecida para o mundo e em nada receber de ninguém. Entretanto, foi beatificada pela Igreja Católica em maio de 1920. As visões desdobravam-se a seus olhos “como um filme”. Jesus lhe garantia: - *Fiz por ti o que não fiz por nenhum outro dos meus servidores ao conceder-te um dom que nenhum deles jamais possuiu.* *

A visão iluminante difere de um para outro. Uma das mais singulares foi a do profeta Isaias : *Vi o Senhor em seu trono. Acima dele, os serafins, cada um com seis asas. Duas cobriam a face, duas cobriam os pés, e com duas voavam... Um Serafim voou em minha direção com uma brasa ardente na mão, retirada do altar e tocou minha boca.* Assim purificado, Isaias ofereceu-se para executar a missão de alerta que, naquele instante, Deus projetava. Certa vez, Cristo apareceu a São Francisco de Assis como um Serafim com seis asas e concedeu-lhe os estigmas.

Carmelita descalço, São João da Cruz, escreveu : -

Na prisão, a misericórdia de Deus me enviou uma Luz celestial que durou a noite inteira e me saturou de alegria. Com doçura, a voz emitida pela Luz me disse – João, sou eu, não tema, eu o libertarei. – Pela manhã, a voz da Luz maravilhosa me convidou -Siga-me.- Ao chegar à rua, a Luz desapareceu. Eu estava livre.

Edward Carpenter nasceu na Inglaterra e graduou-se pela Universidade de Cambridge. Sempre quis pertencer à igreja, apesar de jamais acreditar na fidedignidade da Bíblia. Seu pai o educou para pensar por si mesmo. O filho ordenou-se e, por alguns anos, cumpriu com seus deveres eclesiásticos. Pensou que sua igreja poderia *ser alargada por dentro mas acabou percebendo que isso ia demorar tempo demais*. Rompeu com sua posição no clero, onde era benquisto, e ingressou num curso de extensão universitária.

Em 1881, aos 37 anos, teve sua experiência de Consciência Cósmica. Tornou-se um trabalhador da terra, escolheu um pequeno terreno e construiu sua modesta casa rural onde viveu com um amigo e a família deste. Pianista excelente, consigo levou seu piano e seus poetas queridos, entre eles Walt Whitman. Quis ser pobre entre a gente do campo, talvez um primeiro socialista, simples, honesto, puro. No intervalo dos trabalhos agrícolas, escreveu poemas, um drama, e *Rumo à Democracia*, livro publicado em 4 sucessivas edições ampliadas, além de 3 obras de reflexões.

A pedido de Bucke, descreveu sua experiência de Consciência Cósmica, em longa carta, aqui resumida : A

consciência local e temporária do dia-a-dia, que conhece as coisas por um momento, desaparece na Consciência Divina e Universal que transcende os limites dos sentidos corpóreos. Nesta iluminação interior, vê-se tudo, os animais, os anjos, os amigos, nossa humana raça, seu percurso de séculos; e acontece a identificação com tudo. Traz um senso de saúde e de santidade. Um conhecimento permanente.

*Mas é um erro generalizar, supondo-se capaz de realizar milagres, ser infalível ou um semi-deus. Esta Consciência de Unidade está em evolução no gênero humano e progredir nela é laborioso. Por isso, os mestres da Índia previnem os discípulos contra ilusões de terem alcançado facilmente Ananda, a beatitude.**

No Ocidente, a consciência toma a forma de pensamento, em perpétua mudança. No Oriente, buscam a consciência que não se altera, a que traz vasta e incrível alegria, um êxtase que se fixa na Testemunha de Tudo. As dimensões espaço e tempo são aniquiladas. Um londrino pode descobrir que está entrando na casa de alguém em Bombaim. Aqui temos um mestre, F. Myers, que está na cátedra lecionando e em outro lugar em outra atividade. As distinções de casta e classe social desaparecem, prevalece um absoluto senso de igualdade, de democracia. De absoluta liberdade em relação à morte. Meus livros não comunicam o esplendor que me inspirou a agir como igual, não separado dos mais carentes. Talvez meus leitores vislumbrem as estrelas por trás da lua e do sol.

Confrontem-se essas confidências mais recentes com as de dois extraordinários poetas da antiga Pérsia, Omar Khayyam (1048-1122/3) e Jalal-al-din Rumi (1207-1273). Neles se encontram revelações da mesma transcendência, em versos de puro simbolismo:

No *Rubayat* de Khayyam, dupla linguagem num só poema, é possível distinguir os dois significados, o exotérico e o esotérico: *Disto eu sei - ter o vislumbre da Luz transcendente dentro da taverna* (meu corpo físico). *Entramos no universo sem nada saber e fluímos como ventania desamparada* (sujeitos às circunstâncias da existência). *Os ídolos que tanto adorei* (a embriaguês dos sentidos e do intelecto) *me arruinaram. Palavras de verdade dos Sábios foram caladas pelo homem através dos séculos. Vamos ao pó* (a morte), *sem cantigas* (as alegrias da meditação), *sem Vinho* (Deus). *Desatei os nós* (os centros energéticos na coluna vertebral). *Pela sétima porta* (o chakra do alto do cérebro) *subi e sentei no trono* (da Consciência Cósmica). O poeta, um cálice vazio, foi preenchido totalmente pelo *Vinho* (a embriaguês divina, o perceber Deus, a Inteligência Infinita, o Bem-amado jamais anacrônico, "ó Lua do meu deleite que não minguas nunca!")

Rumi, a voz devocional do Sufismo persa, é comparável a um iogue da linhagem bhakti - : Eu disse: - *Mostre-me a escada para eu subir ao céu.* -Ele respondeu: - *Tua cabeça é a escada. Abaixa tua cabeça ao nível de teus pés* (ajoelha-te e ora). *Assim colocarás tua cabeça entre as estrelas.*

Desalmada é a pessoa capaz de rasgar seu coração (afastar-se de Deus) por um só momento. Somos exilados, inconscientes de Ti. Sem Ti, eu sou a solidão. Contigo, todas as perdas convertem-se em ganho.

*Menestrel, menciona o nome do Bem-amado que te roubou a quietude. **Deus é suficiente.** Fosse eu adorar o amado em centenas de milhares de idiomas, a beleza do Amor ultrapassaria todo esse gaguejar.*

Eu era como o arcanjo Gabriel. Abria, para cantar o Amén, minhas seiscentas asas, pluma a pluma. Agora que cheguei a Deus, preciso de nenhuma.

Deus sacia o olho dos santos e dos eleitos, os libertos do eu. Como poderia Jesus ascender ao Céu no lombo de um asno ?

*Olha em qualquer direção e verás Minha forma. Não me confundas com a forma humana. O Espírito é sutilíssimo. **Eu** sou tu e tu és **Eu**, amigo.*

Fixa teu olho em Deus. Ele pode implantar outro olho no teu. Ele é o Olho do olho-após-o-olho, nada invisível ou secreto d'Ele escapa. Quando a visão se faz pelo Olho de Deus, nada se mantém oculto à Sua Luz. A visão transitória é atributo da carne e do corpo. Todas as luminárias não são a Luz Eterna. Perpétua, só a d'Ele.

O que a imaginação jamais concebeu, a razão e o entendimento nunca perceberam, penetrou em meu coração, dádiva Tua. Por isso adoro-Te e somente a Ti.

Certa manhã gelada, um casaco de pele flutuava no rio. Eu disse ao homem nu : - Joga-te no rio e traz aquele abrigo para ti . - Não era um casaco de pele, era um urso, caído e transportado pela correnteza, O homem nu alcançou a pele do urso e recebeu o abraço apertado do animal. Eu gritei :- Larga o urso ! Deixa que ele se vá! Volta! - O homem respondeu : - Não tenho esperança de me libertar. Faço mil esforços e ele me afoga um milhão de vezes.

Silêncio. Basta de histórias sugestivas. Que necessidade tem o raciocínio de discutir volumes ?

Bucke deixou de mencionar o dom de cura, mas salientou as qualidades predominantes nos Conscientes Cósmicos:

1. Nobreza moral
2. Intensa iluminação intelectual
3. Absoluta consciência de imortalidade
4. Ausência de temor à morte
5. Extinção do senso de pecado.
6. Atraente magnetismo pessoal
7. Marcado pela transfiguração

Médico e psicólogo, ele próprio um iluminado, Bucke desfrutou daquele *after-taste* que conheceu por mais de 30 anos, a raríssima sintonia com a Presença Divina, a Unificação com o UniVerso. Profetizou que a humanidade adulta chegaria evolutivamente ao nível dos “mais nobres membros de nossa raça”.

*Sabikalpa samadhi: êxtase de contemplar Deus Pessoal, com ou sem forma. Nirvikalpa samadhi: suprema absorção em Deus Impessoal, o Absoluto, o Incondicionado, ausente a dualidade eu-Ele. Na verdade, nenhum êxtase “acaba” com Deus. Ele é Indimensional.

Viagem ao Universo Divinizante

Tenho um corpo mas sou um espírito

O “tonel de carvalho milenar”, o *corpo físico*, com seus genes, sentidos e sistema nervoso, serve de lastro ao “vinho embriagador”, o *corpo psíquico*, dotado de sensibilidade, memória, inteligência, evoluindo segundo valores familiares, culturais, morais ou religiosos.. O destino de uma pessoa, além de afetar, é afetado pelo destino de várias outras, em convivência próxima ou distante. As ações de cada uma, porém, são de sua responsabilidade, se ela decidir ser decente e digna .

Esses *dois* corpos experimentam ocasiões de sono, sonho, desmaio, anestesia, inalação de drogas, estados de loucura, hipnose, nos quais se pode conhecer a perda de consciência, o inconsciente coletivo, o sonho lúcido, etc. **Psicologia e Psiquiatria** estudam esse fenômenos de consciência e inconsciência, dos mais comuns aos menos vulgares, como inteligência criativa, genialidade, neuroses e psicoses.

Em pequeno grupo de cientistas passou a estudar os fenômenos da **Parapsicologia**, que abrangem a precognição, a clarividência, a telepatia, a telecinesia, a quase-morte, a cura de doenças declaradas incuráveis. Estas variedades de experiência *extra-sensorial* ocorrem a pessoas que não abandonaram seu corpo físico, exceto no breve evento de *quase-morte*, ou seja, na saída temporária do corpo traumatizado por um acidente, uma doença grave, uma cirurgia .

Recém-nascida, a **Parapsicologia** engatinhava, na tentativa de aprumar-se sobre os joelhos, quando o instinto de sobrevivência dos carnívoros precipitou-se sobre a herbívora gazela. Morder, esfaquear, matar é o que fazem as leões em nome de "territórios conquistados" para fartar-se de ossos e sangue, abandonando os restos às hienas.

Filhotes da gazela, salvos, continuaram protegidos em universidades de vanguarda, dos Estados Unidos à Suécia, da Rússia à Índia, do Japão à Austrália. A **Parapsicologia**, inicialmente tratada como pesquisa dos fenômenos extra-sensoriais, passou a ser definida como *Ciência dos Estados Ampliados de Consciência*. Paralelamente surgiu o subtítulo Psicologia Transpessoal, para manter um elo amigo com a Psicologia arquetípica.

Sem precisar recorrer aos cinco sentidos, à lógica, a aparelhos ou truques, o paranormal quase sempre é, ou clarividente, ou precognitivo, ou telepata, ou efetua curas pela fé. Raros apresentam capacidades simultâneas. Pela ajuda que prestam, surpreendem ao solucionar crimes, ao localizar objetos e seres desaparecidos, ao curar os desenganados pelos médicos, fazer previsões que se confirmam, ler documentos fechados, movimentar objetos à distância, etc. Céticos negam a priori, é mais fácil que investigar. Indagado se acreditava na existência de Deus, Jung respondeu, sem medo de ser publicado: - *Não acredito . Eu sei.*

Paranormais legítimos, de olhos percucientes, extra-sensorialmente observam auras, eliminam distúrbios orgânicos, orientam vocações, sugerem descobrimentos.

Contribuem sem receber, afastam-se da publicidade e do lucro. Agem com prudência porque certos ensinamentos são perigosos em mãos de personalidades agressivas, cruéis, moralmente atrasadas. Continua a existir, desatinado, o genocídio milenar neste planeta.

O fenômeno de *quase-morte* fez seu caminho até a divulgação de documentários na BBC, a emissora inglesa em seu canal Discovery. Uma entrevistada relatou sua própria experiência e deparou com a crença de um médico e a descrença de muitos. Um residente em Seattle, Estados Unidos, construtor extremamente bem sucedido, que fez fortuna para dar bem-estar à esposa e filhos, voltou da quase-morte inteiramente iluminado. Relatou a BBC ter conhecido um estado de amor inconcebível à mais extraordinária imaginação. Ter vivido a essência da irmandade, da amizade, da solidariedade. Ter recebido um amor puro, amplo, jamais sonhado, requinte de bondade, quinta-essência do calor humano. Alegria de ser bem acolhido por um amigo, irmão de verdade. *A luz que o acolhia era a respiração de Deus.* Compreendeu que a motivação de sua vida -- dinheiro e bem-estar -- tinha agora um novo sentido, o de estender esse bem-estar a outras criaturas. Sua vida converteu-se em benefício coletivo, em promover obras de alcance social, em ajudar outros a melhorarem suas vidas, em servi-los como um conselheiro *cujo coração literalmente pulsa em chamas de amor.*

Está na Internet. A experiência de *quase-morte*. Relatada ao dr.Kenneth Ring, por um artista, paciente de câncer terminal que, *"ao morrer"*, no escuro da madrugada

viu seu corpo deitado no leito, enquanto o espírito podia parar acima e abaixo de sua casa. Uma Luz poderosa o atraiu como braços de mãe ou de pai. Conversou com ela, vislumbrando presenças que poderia descrever como Buda, Jesus ou Krishna, imagens arquetípicas e mandalas. De acordo, aliás, com sua formação cultural. Percebeu a Matriz de elevado Ser, à qual estamos todos ligados. Soube, então, que somos literalmente um único ser, feitos daquele amor que cura, regenera e redime. Nenhuma alma é maligna. Ele bebia de um profundo Rio da Vida. Deslizou para fora do sistema solar, espontaneamente, e tudo desaparecia na voragem de mundos sucessivos e variedades de vida, até alcançar a Primeira Palavra, o Verbo, a Vibração Criadora. Viu o Olho de Deus, a Face de Deus, Consciência Absoluta. A morte não existe, concluiu, somos imortais. Fantástica bênção saber-se átomo humano de Deus! Voltou ao corpo nesse ampliado estado de consciência. Nunca mais viu nada de errado com os outros. Descobriu que não é preciso comungar com Deus. *"Deus comunga conosco a todo momento."*

São do século vinte outros relatos de variedades incomuns de comportamento. Assim como no mundo físico apareceram os surfistas a desafiar as gigantescas ondas tsunamis, outra minoria existe, aventureira, destemida, que, por acasos favoráveis ou deliberação aprendida, atinge e examina suas próprias experiências extra-corpóreas. Fora do espaço-tempo, a fim de conhecer seus deslimes, ultrapassam esferas extra-solares, sem o recurso a astronaves ou drogas tóxicas.

O corpo dorme e o espírito rola para fora dele.

Pode acontecer de alcançar um foco de luz e, à medida que o espírito se aproxima, a luz se expande, às vezes como radiação de bem-estar, outras como ondas de embalo, flutuações dançarinas, ou simplesmente como energia forte porém suave, monocromática ou cruzando sucessivos matizes de cores, através de um arco-iris de alegria. Não se trata de sonho, mas de uma conquista alerta, repousante, que alguns chamam de estado de graça, ou de júbilo, a ponto de sentirem, por contraste, vontade de chorar e humildade profunda.

Cruzam o sistema solar, orbitam por paisagens longínquas, vulcões, desertos, colheitas, prados de música, cachoeiras, populações jamais conhecidas pelas criaturas terrestres, de alcance próximo ou em dimensões galácticas, a milhares de *parsecs* (unidade astronômica de distância equivalente a 3,26 anos-luz ou cerca de 30,9 trilhões de quilômetros), inclusive comunicando-se com seres inteligentes, de curiosas formas e pensamentos.

Certo pesquisador, sem precedentes religiosos, chegou a ouvir de um ser estelar, uma autodefinição nestes termos : - *Não procure por mim sob a forma de um homem. Não tenho dimensões físicas. Pegue uma pedra, uma folha, uma gota de água, e saiba que nada existe em que eu não esteja. a sua luz e a minha luz são uma só e a mesma. Habito todo o espaço e nenhum espaço, todo o tempo e nenhum tempo. Você existirá sempre. Vocês, terrenos, não conhecem os níveis **multidimensionais** de sua consciência.*

Engenheiros eletrônicos, aviadores, fotógrafos

digitais interessam-se pelas faixas de som e cores vibráteis ao entrarem nessa incrível mente expandida, nessa imensidade intemporal, onde se defrontam com imprevistos e questões estranhas sem resposta. Para eles, amor é energia, pensamento é energia, "*Energia é a Delícia Eterna*", (William Blake)

O regresso do espírito ao corpo pode ser lento ou veloz, sossegado ou urgente, um tremor de relâmpago ou ou um suave madrugar. Contudo, pode trazer depressão com nostalgia das maravilhas contempladas, da alegria indescritível, de memórias que perdurarão "por toda a eternidade" e que motivam lágrimas na face.

É prematuro classificar, com rigor científico, vivências tão subjetivas, de pessoas idôneas, que ainda se exprimem em termos de *dois* corpos, embora mencionem *multidimensões*. Por inaudito que pareça, não é fantasia. É galáctico. Nós nos expatriamos.

Autor de *Hino à Matéria espiritualizada em Deus*, o cientista e sacerdote Pierre Teilhard de Chardin, que afirmou "*ter subido a montanha e visto do outro lado*", sabia que a evolução já não se faz em ritmo aritmético, mas em proporção geométrica, acelerada. Perseguido, proibido de falar de cátedra, silenciado, ele escreveu: "*Desesperadamente, senhor Cristo-Ômega, entrego a Seus cuidados meus últimos anos e minha morte... Para o homem moderno, o que o preocupa é a luta para possuir o mundo, não para escapar dele. Para quem chega ao fim, aproxima-se o encontro com o Adorável, a essência incorruptível do Universo. Sem grilhões de verdade*

corrompida. O mundo está repleto do Absoluto. Ver isto é saber-se livre. Abençoados sejam a matéria cósmica, o tempo imensurável, o éter sem limites, o triplo abismo de estrelas, átomos e gerações, que dissolvem nossas estreitas medidas e nos revelam as dimensões de Deus."

Um sábio comungava com o Ômega, enquanto nas universidades de vanguarda, nos departamentos de Matemática, Física, Biologia, astronomia, onde o pensamento puro, abstrato, especializa-se em números, forças e energias, verificou-se, ágil, impacientemente, o impulso de avançar além.

Com Faraday, Maxwell e Einstein, a Física havia definido o campo elétrico, o magnético e o gravitacional. a força de gravidade atua em determinadas regiões do espaço, sendo sua unidade de medida o *gráviton*, de difícil mensuração. No vácuo, livre de corpos, as forças do eletromagnetismo viajam com velocidade fixa, a da luz. O mundo de Einstein, tetradimensional, abrange as três dimensões do cubo e o tempo. A fim de incluir a gravitação e o eletromagnetismo (seria a 5ª dimensão), ele apreciou a idéia do matemático alemão Kaluza, mas os cálculos não o convenceram.

O Sol será perecível quando se tornar uma anã branca, pequena massa destituída de força gravitacional. Entretanto, um buraco negro, definido pelo físico americano John Wheeler em 1969, é uma estrela morta, cercada por uma esfera de gravidade da qual nem a luz consegue escapar. Corpo negro é o que absorve toda a radiação incidente sobre ele. Se ele a recebe, então pode devolvê-la, pensava Planck

Os cientistas compreenderam que a divisão da ciência em compartimentos era um obstáculo ao seu pensamento. Perceberam que era inútil estudar as partes isoladas do todo. Foi o golpe de morte ao programa reducionista, a limpeza de campo, o caminhar de nômades para a *gestalt* aberta.

O físico Joseph Ford, do Instituto de Tecnologia da Geórgia, Estados Unidos, nada ignorava ao seu redor. Graduado em sistemas astronômicos e mecânica quântica, possuía amigos em toda parte e conhecimento excepcional do que estava sendo feito no estrangeiro. Organizou um catálogo de todas as publicações sobre ciência não-linear e distribuía cópias às universidades, centros de pesquisa do governo, à Marinha, 'Força Aérea, aos cancerologistas, aos cardiologistas, aos ecologistas, a quem solicitasse.

Joseph Ford soube avaliar a herança de seus antecessores: - "O século vinte será lembrado por três grandes revoluções do pensamento: 1ª - a teoria da relatividade de Einstein (que nunca descartou Deus, o absoluto, pois nem tudo é relativo); 2ª - a teoria quântica eliminou o sonho de Newton de um processo controlável de mensuração; 3ª - a teoria do caos eliminou a fantasia de Laplace da previsibilidade determinista." Faltou a Ford acrescentar a 4ª : a contribuição advinda da Biologia, o sequenciamento do Genoma Humano.

Nas últimas décadas do século vinte já ocorria a adesão, aos novos paradigmas, de físicos dos quarks, de engenheiros da IBM, de astrônomos das galáxias, de artistas dos fractais, de geômetras de desertos e praias, de

plantadores de algodão e de margaridas, de ambientalistas do ozônio, de médicos do coração fibrilante.

A física moderna, a quântica, denomina-se física das partículas, dos *quanta*, porque empreendeu a pesquisa dos componentes infinitesimais do átomo. A eletricidade e o magnetismo criam a diversidade de campos quânticos, um mundo "sob o desgoverno" do princípio da incerteza, de Heisenberg. A luz é uma *onda* e simultaneamente uma *partícula* de energia eletromagnética. Em movimento de rotação, seus elétrons criam *spins*, giros em direções contrárias e estranhas. Em seus laboratórios, os físicos já identificaram cerca de 70 partículas que compõem a estrutura submétrica do mundo material: *próton*, *nêutron*, *núcleon*, *quark* (*up*, *down*, *charm*, *strange*, *top*, *bottom*), *bóson*, *férmion*, *múon*, *neturino de múon*, *neutrino de tau*, *lépton*, *méson*, *etc*, *etc*. Esse rico vocabulário quântico tem aumentado exoticamente a esmiuçar dualidades, simetrias e anomalias do universo físico. Falta a teoria unificadora almejada por Einstein.

Neutrino é a partícula "fantasmagórica", emitida quando a energia está em decaimento-beta (a cada 5.730 anos, o carbono-14 decai, perde radioatividade, transforma-se em nitrogênio-14. Com base na meia-vida do carbono é possível avaliar a data de um achado arqueológico). Os neutrinos são gerados pela fusão nuclear dentro de uma estrela ou do Sol - cerca de 300 trilhões de neutrinos nos atravessam a cada segundo, sem interagir com as partículas de nosso corpo !

Tão estonteantes quanto os cálculos astronômicos

são os quânticos: os físicos apresentaram as propostas teóricas de “dimensão compacta” (igual a um milésimo de um trilhonésimo de um trilhonésimo de um centímetro!), “dimensão sensorial”, “super-átomo condensado”, “super-simetrias”, “cordas”, “supercordas”, “branas”, e as 26 dimensões reduzidas a 11, e a 10, e a 9, “dimensões ocultas”, etc. O consenso ainda não chegou a este grupo de alta inteligência que troca informações, publica teses e reúne-se em congressos internacionais.

Shânkara, um dos maiores santos-filósofos da Índia, expositor da Vedanta não-dualista, no século oitavo, atribuía um grau infinitesimal de **consciência** às partículas da matéria, associadas, como estão, dentro de seus limites, ao funcionamento do universo. Ínfima **consciência**, associada aos processos da mecânica quântica, suspeitam e aceitam dizer alguns físicos atualmente.

O leigo humildemente acolhe migalhas desse conhecimento prodigioso, invisível, intangível e inaudível aos sentidos corporais. Contudo, pode entender que “supercordas vibráteis” constituem a matéria prima do mundo onde pisa. Pode imaginar-se embalado por uma vina hindu, uma lira grega, um violino italiano, ah, uma flauta de um índio solitário no Alasca, um suspiro de amor. Sobretudo, se tem alguma memória de tempos idos, “cordas vibráteis” o levam de volta ao seio cristão-védico: - *No princípio era o Verbo, a Palavra, a Idéia, as ondas de divina energia do OHM cósmico, os padrões sonoros da platônica “música das esferas”, delicadas tessituras do Pensamento do Criador em alta voltagem.*

O leigo colhe também outra migalha belíssima: mapeado o Genoma Humano, a espiralante fita colorida da molécula vital, o DNA, aponta para o Geômetra Ímpar, cuja precisão artística produz a flor da alcachofra, a casca do abacaxi, as esbeltas bromélias, as corolas dos girassóis, a hélice de espinhos dos grandes cactus, as galáxias em espiral. Essa precisão helicoidal, percebida pelo italiano Leonardo Fibonacci, matemático do século 13, obedece a um logaritmo derivado do número decimal 1:2:3:5:13:21:34 etc, em que cada número é a soma dos dois anteriores na série. Que prazer contemplar as helicônias vermelhas ou a arte dos anjos nas passifloras !

O filósofo neoplatônico Plotino (204-274) escreveu belissimamente sobre a Beleza divina. *Saio de meu corpo, separo-me dele e entro em minha alma para contemplar a beleza de Deus, a suprema realidade. O mundo é belo por estar penetrado pelo ser Primeiro, o totalmente inefável, a Unidade absoluta, o Criador Puro que faz surgir de Si a multiplicidade das coisas e dos seres, reflexos de Sua sublimidade. A Verdade não se destina a ser investigada como exterior a nós e, portanto, imperfeitamente. A Verdade está dentro de nós. Você só pode conhecer o Infinito no êxtase : ver Deus, origem de todo Bem, raiz da alma, a Beatitude mais inaudita, quando sugado por Ele, banhado na luz da eternidade.*

Aprendiz de sapateiro e sapateiro mestre, o teósofo teutônico Jacob Boehme (1575-1624) relatou suas três iluminações espirituais, escreveu vários livros e foi silenciado pelas autoridades eclesiásticas, expulso de sua casa, morreu ouvindo cantos celestiais enquanto afirmava aos presentes: - *Vou entrar no Paraíso.*

Em sua primeira iluminação, aos 10 anos de idade, Boehme viu o esplendor de todas as coisas, na grama, nas ervas, nos arbustos, na natureza harmoniosamente una. O menino guardou sigilo sobre a luz unificante. Em silêncio louvou a Deus. Na segunda iluminação, aos 25 anos, a Luz comunicou-lhe conhecimentos profundos - *A Criação foi um ato do livre-arbítrio de Deus.* - A experiência perdurou longamente em sua memória.

Na terceira iluminação, as visões anteriores a multiplicidade transfundiram-se em unidade : - *Aprendi em 15 minutos mais do que se tivesse passado anos em universidades. Vi o Ser de todos os seres , a geração da santa Trindade, os três mundos: o divino, angélico, paradisiaco; o do fogo como origem (mental) da natureza e o visível exterior, nascido do invisível espiritual. Luz maravilhosa surgiu em minha alma e reconheci a verdadeira natureza de Deus e do homem. Abraçado pelo amor , conheci Deus, quem Ele é, e como Ele é.*

Quem subir a escada até alcançar a intimidade de Deus, esta que eu subi, não chegará lá pelo raciocínio lógico; não procurei, aconteceu. Deus é a Vontade Eterna que gera seu filho, o Verbo, e o Verbo deve nascer em ti. separa-te de todas as criaturas por uma hora e lança-te no esplendor de Deus, no amor do Cristo.

Uma frase incompreendida como esta - *Eu não subi para penetrar Deus, foi Ele quem subiu por mim e me penetrou, e Ele o fez por puro amor* - pode ter causado sua desgraça na época, e muito júbilo interior. Por quê ? Porque os censores repudiaram três corpos e a Divindade a subir em seu interior, quando Boehme tinha a maior

reverência por Jesus Cristo, que distinguiu entre “o filho do homem”, nosso corpo e mente cambiantes, e “o Filho de Deus”, nosso espírito imutável. Teosofia, Gnose, Hinduismo, Velho e Novo Testamentos têm suas raízes pré-cristãs nos Vedas, livros de autoria de sábios anônimos há 6.000 anos A.C.

Precedentes extraordinários de Consciência Cósmica encontram-se nas narrativas bíblicas de todos os credos. Profetas, Santos muito amados, Encarnações de Deus, Mestres da Humanidade, ao revelarem momentos transcendentais de suas vidas, apontam para indizíveis possibilidades humanas. São memoriais corajosos das palavras do Nazareno: - *Na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores que estas...* João, 14:12

Mas como fazer obras maiores que as de Jesus ? Paramahansa Ramakrishna, Alma que procurou Deus pelo caminho do Hinduismo, da Ioga Védica, do Cristianismo, do Islamismo e que, por todas as vias, sempre alcançou o divino êxtase da comunhão com o Absoluto, dizia a seus discípulos : *O mundo é o brinquedo da Mãe divina, a Face feminina do Absoluto. Em seu jogo, Ele deixa que escapem da Ilusão-Maya um ou dois cometas entre milhões. Vocês estão no mundo. Permaneçam nele. Não é missão de vocês abandoná-lo pois ainda não fizeram todos os pontos necessários para vencer no jogo. Eu, sim. Vocês podem ficar em família, desde que não percam o contato com Deus, ainda que por raros momentos. -*

Não perder o vínculo místico por meio das obras,

da ética e da meditação em Deus é o que ensina a Ioga. Vulgarmente conhecida pelos ocidentais como exercícios e posições para manter a saúde do corpo e a tranquilidade mental, Ioga é muito mais que uma ginástica. Em sânscrito, **Ioga** significa **jugo, união**, o jugo entre o homem e seu criador. Para os iogues praticantes é uma ciência com fundamentos metafísicos por incluir uma Psicologia Transcendental. Tem o mesmo sentido que se dá na Teologia cristã à Mística, união da alma a Deus no êxtase. Ioga é a Mística, o vínculo entre Deus e a tua vida.

Postula a Vedanta (compilação de livros védicos), que 1º - tudo procede do Pensamento de Deus, a Idéia Primordial dotada de Vontade, a Consciência que usa de imaginação para criar o universo, o Espírito Cósmico, a Origem de tudo. Causa das causas, este primeiro "corpo" chama-se *causal*. - 2º -A vibração dessa Consciência criadora é o OHM cósmico, a Energia Vital ou radiação magnética, também denominada prana, vitátrons, corpo vitatrônico, bioplasma, totalidade das forças primordiais. . Este segundo "corpo" chama-se *astral*. - 3º - Dessa vibração OHM origina-se o corpo *material*, tudo que se compõe de moléculas, átomos e partículas, o mundo visível de astros, minerais, vegetais, animais e humanos. Nosso corpo, que trabalha e se alegra, dói e adoece, funciona de acordo com as diretivas do corpo vibrátil, o de energias.

Por ordem de nascimento são três os nossos mundos, três os nossos "corpos" 1º - o causal, criado pelo Pensamento divino à *Sua semelhança*, o Espírito imortal no homem e no cosmos. 2º - o astral, vibração de vida,

energia que impregna genes, neurônios, sangue, partículas, pensamento, movimento dos astros. 3º - o mundo das densidades, as aparências, o corpo humano.

Desta metafísica resulta que o terceiro corpo, o denso, é pensamento materializado, energia condensada. Compreendida a lei de causa e efeito, Deus cria o espírito que infunde vibração mental que, por sua vez, cria a matéria. A diferença que existe entre a Ioga e as religiões está no caminho à inversa, tecnicamente programando-se do corpo material para o astral e deste para o causal. O discípulo iogue que encontrou um Mestre de Consciência Cósmica e por ele instruiu-se na técnica, há milênios comprovada, aprende a subir pela espinha dorsal ao encontro da Formosura indizível, culminância da libertação de seu cativo no corpo.

O corpo astral impregna o físico e o movimenta na função respiratória, de circulação sanguínea e cardíaca, na digestão e eliminação, ao percorrer a coluna vertebral onde se situam 5 vórtices de energia - nas regiões coccígea, sacra, lombar, cardíaca e cervical - denominados *chakras*. Cada um tem sua cor, geometria e sonoridade peculiar. acima, há mais 2 vórtices de energia e luz, um na fronte, entre as sobrancelhas (o terceiro olho), e um no alto da cabeça, "*o lótus de mil pétalas*". A energia, serpenteando pelos *chakras*, chama-se *kundalini*.

Os mundos de vinda, de descida à materialidade são três, assim como os de subida à Divindade são três. O acréscimo de uma segunda e uma terceira dimensão ao subir significa degraus da escada, níveis de amplitude, de

divinização. **Na casa de meu Pai há muitas moradas** - de luz prismática, rítmica, de incrível beleza, júbilo e liberdade.

Com os dois olhos da visão física e instrumentos auxiliares, o homem distingue as variedades da matéria densa. A propósito, os astrônomos acabam de descobrir um planeta de esquisita translação na mais brilhante estrela da Constelação do Pégaso, a 50.000 anos-luz da Terra ! No fundo-do-céu do Cavalo Alado há galáxias em espiral distantes 50 milhões de anos-luz !

Só o **terceiro olho**, único, sem par, na frente, confere a percepção espiritual e possibilita penetrar e transcender universos mais vastos que o físico, mais luminosos, mais diáfanos, refinadamente vibratórios. E atingir potenciais de energia da Consciência suprema, tangentes da eternidade imensurável, do Ser Imutável, do Espírito Beatífico, onde chegam em vida os santos do êxtase.

A morte do ser humano, o abandono do corpo denso, leva à entrada no mundo astral. Há varias moradas planetárias ou faixas vibratórias para almas boas e más. Os níveis de ascensão dependem do mérito, do caráter moral, das obras realizadas em benefício do próximo. Indivíduos com aspirações terrenas voltam a servir na Terra. Outros, mais avançados, cumprem sua destinação de progredir no mundo astral, dependendo do estágio evolutivo de cada um até que possam viver no mundo das idéias causais, em sintonia com Deus.

Ramakrishna praticou *bhakti*, ioga de amor, de devoção a Deus; *raja*, ioga de união com a consciência cósmica; *karma*, ioga da ação desprendida de lucro pessoal; e *gyana*, ioga do raciocínio crítico, ioga do discernimento. - *Deus não é isto, nem aquilo. Deus é.* - Não basta pensar e dizer, é preciso *experimentá-lo*.

No século vinte, a estigmatizada Tereza Neumann, atólica, foi visitada por Paramahansa Yogananda, cristão-védico. Ambos viveram em Consciência Cósmica em ocasiões excepcionais. Teresa consumia unicamente uma hóstia consagrada por dia e declarou ao iogue :- *Eu vivo da Luz de Deus.* - Ele sabia exatamente de onde, na medula, provinham as energias sutis infiltradas nos espaços intra-atômicos das células orgânicas. Conhecia, por experiência própria, que Deus é ativamente diminuto, infinitesimal (quântico) ao criar as partículas do átomo, e ativamente infinito, hiperdimensional ao criar as galáxias.

Ramakrishna foi um iogue perfeito que desceu do alto firmamento dos sábios *rishis* para o corpo terreno a fim de provar que é possível chegar a Deus praticando os mandamentos, seja do Hinduismo, unido em êxtase a Krishna, Kali e Brahman -- seja do Cristianismo, entrando em êxtase com Jesus Cristo e o Pai Causal -- seja do Islamismo, em comunhão com Maomé e Allah.

Não escreveu. Um discípulo compilou suas lições. *O Evangelho de Ramakrishna* guarda a memória de sua delicadeza espiritual, a poética sabedoria de um autêntico Mestre. ao voltar de *nirbikalpa samadhi*, o mais elevado êxtase, o de união com o absoluto, via-se obrigado a

retomar sua envoltura carnal e sua consciência de ser um eu diferenciado no mundo ao redor. Então, podia ensinar :
- *Deus é tudo. É a Divina energia Primordial. Está em tudo. No interior e no exterior dos fenômenos. Pariu o mundo. Produziu as diferenciações. E o mundo O leva no coração.* - Mestre Universal, de realização suprema, expressava sua verdade poética : - *Deus é sombra e luz. O Sol é a sombra de Deus.*

Em nossa pátria divinizante, o UniVerso, viajamos para a Luz do Adorável.

Aço Incandescente

De tanto escrever
palavras de fé nos muros e nas portas,
a brasa que crescia em minha unha
incendiou a casa .

Desde que fui
ao cúmulo do fogo,
as gentes não me encontram entre as cinzas.
“ É morta !” dizem. Mas sou prata azulada .

Vem todo o firmamento contemplar-se
nesta alma livre, bisavó de astros.

UniVerso

Em dia de luz
mais claro que os outros,
o poeta inventou
a palavra mais clara.

E pôs-se a cantar,
afluente de tudo,
que tudo faz parte
de um único Verso !

Índice

Resposta a um Crítico imaturo	5
1. A Porção dobrada	7
2. Tiago, o Negro	19
3. Visita Contemporânea	25
4. Comando Final	32
5. A Predição da Cigana	37
6. Versão do Mendigo Anônimo	41
7. Mulher Promiscua	44
8. Revisor da Caridade	50
9. PX, andarilha visionária	52
10. Precursor de Webmail	53
11. PX, a evanescente e a íntima	57
12. Destravando o Computador das Abelhas.....	58
13. Rosas da Cor do Carvão	64
14. Aprendendo a Depender	68
15. Tinha o Poeta de ser um <i>Rishi</i> ?	76
16. Tagore, o imaginativo	80
17. Evolução	84
18. Poesia em Quietude	85
19. Consciência de Liberdade	89
20. Seda	95
21. A Experiência de Quase Morte	105
22. A Psiquiatra dos Doentes Terminais	109
23. Clímax.....	112
24. Seres Transmutantes	113
25. Minuto sem Testemunhas	123
26. A Travessia Alumiante	128
27. Viúvos e Viúvas, seus cônjuges vivem !	134
28. Carl Gustav Jung, paranormal	144
29. O Anjo	155
30. O Psiquiatra da Consciência Cósmica	161
31. Viagem ao Universo Divinizante	172
Aço Incandescente	191
UniVerso.....	192

THE
JOURNAL
OF
THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE
VOLUME 10
PART 1
1880

